



Adriana Rabinowitz Aklander

**“Divórcio grisalho”: Pesquisando atitudes
e expectativas de mulheres separadas
após longas uniões**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Psicologia do Departamento de
Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2012



Adriana Rabinowitz Aklander

**“Divórcio grisalho”: Pesquisando atitudes
e expectativas de mulheres separadas
após longas uniões**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Andréa Seixas Magalhães

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Mirian Goldenberg

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2012.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Adriana Rabinowitz Aklander

Graduou-se em Administração em 2002 e Psicologia Clínica em 2009 pela PUC-Rio. Desenvolveu junto ao departamento de Psicologia, como Bolsista FAPERJ, pesquisa na área de família e casal. Bolsista FAPERJ Nota 10 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio no ano de 2011.

Ficha Catalográfica

Aklander, Adriana Rabinowitz

Divórcio Grisalho: pesquisando atitudes e expectativas de mulheres separadas após longas uniões / Adriana Rabinowitz Aklander; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2012.

139 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Casamento. 3. Mulher. 4. Meia-idade. 5. Velhice. 6. Divórcio. I. Féres-Carneiro, Terezinha. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. III. Título

CDD: 150

Ao querido professor e orientador,
Bernardo Jablonski, guia de toda esta jornada.

Agradecimentos

Aos meus pais, Jaime e Vera, e ao Fabio, meu irmão, que sempre estão presentes em minha vida, incentivando cada novo passo, torcendo e sendo, extremamente, acolhedores;

Ao meu professor, Bernardo Jablonski, pelo seu bom humor fantástico, por suas sugestões inteligentes e pertinentes, por todos os anos de aprendizagem e acolhimento;

À minha orientadora, Terezinha Féres-Carneiro, por sua disponibilidade, seus ensinamentos e seus preciosos comentários, em um momento tão crucial para o andamento da pesquisa.

À PUC-Rio e à FAPERJ, pelo apoio financeiro e institucional.

Às participantes deste estudo. Obrigada por me receberem e por compartilharem comigo suas histórias, intimidades e questões;

Às professoras que participaram da Comissão Examinadora;

À minha família por toda força, amor e incentivo;

Ao Antonio Pedro, pelo companheirismo e compreensão ao longo desses dois anos de mestrado;

À amiga Debora Fleck, pelo carinho, apoio e troca de idéias;

E a todos que estiveram ao meu lado, o meu mais sincero obrigada.

Resumo

Akländer, Adriana Rabinowitz; Féres-Carneiro, Terezinha (Orientadora). **Divórcio grisalho: pesquisando atitudes e expectativas de mulheres separadas após longas uniões.** Rio de Janeiro, 2012. 139p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A elevação da expectativa de vida, a crescente independência financeira da mulher e a facilitação do processo de divórcio são alguns dos fatores que contribuem para um aumento do número de separações de casais, que permaneceram unidos por muitos anos, na sociedade ocidental contemporânea. Com o objetivo de investigar as motivações, sentimentos, expectativas e repercussões envolvidas nesta decisão, realizamos um estudo de campo com dez mulheres das camadas sociais média e alta da população, que vivenciaram o processo de divórcio de um casamento duradouro, no Rio de Janeiro. A partir do discurso das participantes, emergiram nove categorias de análise: *expectativa em relação ao casamento; motivos para a separação; desafios da separação tardia; alternativas para o enfrentamento das dificuldades; reação dos filhos, amigos e familiares; vida profissional, antes e depois da separação; vida afetiva e sexual após separação; avaliação do momento atual; e ‘conselhos’ sobre o casamento.* Os resultados apontam que, apesar da separação conjugal mobilizar sentimentos de tristeza, decepção e solidão, as participantes ressaltam que ela pode representar ‘um bom segundo tempo’ na vida de alguém. No entanto, os dados indicam que as mesmas, quando se aproximam dos sessenta anos, mais desafiador se torna o processo. Isso devido às mudanças psicológicas e físicas e porque a sociedade contemporânea cultua a juventude, a beleza e a forma física.

Palavras-chave:

Casamento; mulher; meia-idade; velhice; divórcio.

Abstract

Akländer, Adriana Rabinowitz; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **Gray Divorce: Researching attitudes and expectations of women separated after long marriages.** Rio de Janeiro, 2012. 139p. MSc Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In the contemporary western society, the increase in life expectancy and the financially independent women, and the easier divorce process legislation are factors that contribute to increase the number of separations of married couples which stayed together for many years. Aiming to investigate the motivations, feelings, expectations and implications involved in this decision, we conducted a field study in Rio de Janeiro with ten women from middle and upper economic layers of the population, who were divorced from a long time marriage. From the discourse of participants emerged nine categories of analysis: *the expectation of the marriage; reasons for separation; challenges in late life separation; alternatives for coping with difficulties; reaction from children, friends and family; professional life, before and after separation; affective and sexual life after separation; evaluation of the present moment and 'advice' about marriage.* The results show that, in spite of marital mobilizing feelings of sadness, disappointment and loneliness, the participants highlighted that it offers "a good second chance in one's life". However, the results indicate that when they are approaching the sixties, the process becomes more challenging. This is due to physical and psychological changes, inherent in this phase, especially because contemporary society worships youth, beauty and fitness.

Keywords

Marriage; woman; middle age; old age; divorce.

Sumário

1. Introdução	9
2. A família e o casamento	14
2.1. Família e casamento no mundo: um breve histórico	14
2.2. Família e casamento no Brasil: particularidades	19
2.3. Família e casamento na contemporaneidade: permanências e rupturas	24
3. Gênero e maturidade	28
3.1. Redefinindo os papéis de gênero	28
3.2. O envelhecer na contemporaneidade	34
3.3. A meia-idade: perdas e ganhos	39
4. O “divórcio grisalho”	47
4.1. O divórcio grisalho: razões, repercussões e desafios	49
4.2. Vida após o divórcio grisalho: o momento presente e planos para o futuro	57
5. A pesquisa de campo	62
5.1. Sujeitos	62
5.2. Cuidados éticos	67
5.3. Instrumento	67
5.4. Análise dos dados	69
6. Resultados e discussão	70
6.1. Expectativa em relação ao casamento	71
6.2. Motivos para a separação	75
6.3. Desafios da separação tardia	84
6.4. Alternativas para o enfrentamento das dificuldades	91
6.5. Reação dos filhos, amigos e familiares	95
6.6. Vida profissional, antes e depois da separação	101
6.7. Vida afetiva e sexual após separação	106
6.8. Avaliação do momento atual	113
6.9. ‘Conselhos’ sobre o casamento	117
7. Considerações Finais	122
8. Referências bibliográficas	127
Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	137
Anexo II: Ficha bibliográfica	138
Anexo III: Roteiro da entrevista	139

Introdução

O jornal *The New York Times* (2010) criou a expressão “divórcio grisalho” para designar os norte-americanos que se divorciam após os 55 anos. Neste estudo, optamos por adotar também o conceito de “divórcio grisalho”, mas para nos referir às separações de relações conjugais que duraram em torno de vinte anos. Tendo em vista que o divórcio¹ tardio está, cada vez mais, fazendo parte da sociedade contemporânea, nosso objetivo maior é conhecer um pouco mais sobre a perspectiva da mulher de meia-idade que vivenciou o processo de separação de um casamento duradouro.

O tema vem, particularmente, chamando a atenção também pelo fato de a autora deste trabalho ter vivenciado um tanto de perto - e ao mesmo tempo preservado a respeitosa distância - , como filha, a experiência dolorida e complexa de seus pais ao se separarem depois de mais de 30 anos de matrimônio. As dúvidas da autora expressam muito mais que uma questão pessoal, mas sim todo um processo que vem envolvendo vários casais que a rodeiam: histórias de homens e mulheres que optaram por terminar casamentos longos.

De fato, o divórcio tardio é um assunto que aparece com maior intensidade nos dias atuais como, por exemplo, ilustrado na obra de ficção *Divã*, de Martha Medeiros, que foi adaptado para o teatro, para o cinema e até alcançou a rede nacional através de uma série da TV Globo em 2011. O *Divã* conta a história de uma mulher de 40 anos, mãe de dois filhos, que vive às voltas com as alegrias e desafios da sociedade contemporânea e que decide se separar de uma união duradoura. Frente a frente com seu psicanalista, a personagem questiona seu casamento, sua realização profissional e seu poder de sedução. Podemos pensar que o sucesso da obra possivelmente reflete a preocupação atual com o término de relações afetivo-sexuais de longa duração e com o que se passa na vida de alguém após a separação já na meia-idade.

¹ Utilizamos o termo divórcio e separação como sinônimos, independentemente do registro legal. Falamos aqui em divórcio com o significado de separação de corpos e de domicílios, em vários contextos de casamento, seja civil, religioso ou consensual (coabitação).

De acordo com dados do IBGE publicados pela revista *Veja* (2005), em seis anos (1998-2004), o número de divórcios entre homens e mulheres com mais de cinquenta anos cresceu em torno de 40%. Segundo o Departamento Federal de Estatísticas da Suíça (Swissinfo.CH, 2009), o número de divórcios de pessoas que completavam mais de vinte anos de união aumentou naquele país – em 1970 esses casos representavam 10% e em 2007 chegaram a 30% dos casais separados. Além do Brasil e da Suíça, outros países, como Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha e Japão, também têm apresentado altos índices de separações no que diz respeito a casamentos longos (Kingsnton, 2007). A tendência para um futuro próximo é que um número crescente de casais irá romper o casamento durante e depois da meia-idade (Uhlenberg, Cooney & Boyd, 1990).

A revista *AARP* (2004) da Associação Americana dos Aposentados realizou um dos primeiros estudos acerca do tema divórcio na meia-idade. Inspirada nesse trabalho, a jornalista Deirdre Bair (2010) desenvolveu uma pesquisa sobre a separação tardia² nos Estados Unidos, com mais de quatrocentas pessoas: ex-mulheres, ex-maridos e seus filhos adultos. Ela chegou a se referir ao divórcio tardio como um tipo de “epidemia” e “fenômeno mundial” (p. 12).

Vários fatores contribuem para o aumento do número de separações tardias: o aumento da longevidade; a crescente independência econômica da mulher em função de sua entrada no mercado de trabalho; o avanço da medicina, proporcionando uma melhora da saúde e postergando os sintomas do envelhecimento; a ênfase no individualismo; a exacerbação do “amor-paixão” nos diversos tipos de mídia, dentre outros (Bair, 2010). Esses aspectos, somados ao fato de o divórcio ser mais aceitável, mais econômico e menos burocrático hoje na sociedade do que há algumas décadas, faz com que pessoas que viveram muitos anos dentro de um casamento insatisfatório tenham coragem de tomar decisões que antes não tomariam, até pelo fato de saberem que ainda têm pela frente muitos anos de vida. Assim, a separação pode ser vista não só como o fim de um projeto, mas como uma oportunidade para começar algo novo (VEJA, 2003, 2005).

A antropóloga Mirian Goldenberg (2009) realizou uma pesquisa no Rio de Janeiro com mulheres na faixa etária de cinquenta a sessenta anos. Ela pôde observar como a presença do marido é extremamente valorizada entre as

² Casais que optaram pelo término de um casamento na meia-idade ou na velhice.

brasileiras, especialmente em um contexto em que os homens disponíveis para o casamento são escassos. Segundo Jablonski (2003), os homens geralmente têm mais facilidade para encontrar novos parceiros do que as mulheres. É o fenômeno que Berquó (1989) chama de “pirâmide da solidão”: na medida em que envelhecem, as mulheres veem sua chance de recasar diminuir. Isso se deve a uma maior expectativa de vida da mulher³ e ao fato de que os homens costumam se recasar com pessoas mais jovens do que eles.

Apesar de o marido ser considerado um capital, conforme nos mostra Goldenberg (2009), são as mulheres que, na maioria dos casos, abrem mão do casamento de muitos anos com o pedido de separação (AARP, 2004; Bair, 2010). Assim, decidimos entrevistar mulheres que tomaram a iniciativa sobre o divórcio para entender: o que motiva as mulheres a romperem seu laço conjugal? Como é para elas passar por uma transição após tanto tempo de convívio com a mesma pessoa? Será que a separação é avaliada como uma crise temporária, à qual é possível se adaptar com o passar do tempo (Booth e Amato, 1991), ou uma fonte de tensão crônica que persiste indefinidamente (Degarmo & Kitson, 1996)?

Em suma, o objetivo principal deste trabalho é analisar os depoimentos a respeito da separação de uma união de pelo menos vinte anos, feitos por mulheres pertencentes ao estrato econômico médio e alto da população, visando compreender tal processo; suas motivações, desafios, estratégias adotadas na condução da vida pós-divórcio entre outros questionamentos. Buscamos compreender tais pontos através de um enfoque psicossocial, na medida em que acreditamos que, além da história particular do sujeito, o contexto social no qual está inserido também exerce uma importante influência no seu modo de ser, pensar e agir.

Bair (2010), em sua pesquisa com pessoas que passaram pelo processo da separação tardia, percebeu que nas entrevistas “uma frase apareceu repetidamente ao descreverem o sentimento inicial que tinham quando pediam o divórcio: uma pesada *sensação de fracasso*” (p. 339). Podemos supor que grande parte desse

³ Segundo a Síntese de Indicadores Sociais (SIS, 2010), a expectativa de vida no Brasil aumentou cerca de três anos entre 1999 e 2009. As menores taxas de mortalidade são registradas entre as mulheres, por isso elas têm vivido por mais tempo e somam 55,8% das pessoas com mais de sessenta anos no país. No período avaliado, a expectativa de vida delas passou de 73,9 anos para 77 anos. Entre os homens, subiu de 66,3 anos para 69,4 anos.

sentimento surja a partir de uma cobrança social de sermos felizes num único casamento e para a vida toda, já que é esse o ideal de casamento que atua no imaginário da sociedade até hoje. Este estudo nos permite também avaliar o quanto ainda é forte, ou não, a influência desse modelo de casamento tradicional - monogâmico e indissolúvel - como fonte de felicidade.

Outra questão importante verificada neste trabalho é a situação financeira da mulher após o divórcio, isso porque muitas pesquisas já realizadas constataram que as mulheres sofrem um maior prejuízo financeiro em função da separação, quando comparadas aos homens (Hoffman & Duncan, 1988; AARP, 2004). Com este estudo, buscamos saber se esse decréscimo também ocorreu com elas e, a partir daí, questionamos como foi a adaptação a um novo padrão econômico de vida. Além disso, tomamos conhecimento das formas de enfrentamento que essas mulheres utilizaram para lidar com uma situação desconhecida em suas vidas.

Ao longo deste trabalho nos debruçamos sobre aspectos importantes do *background* social a fim de obter uma melhor compreensão sobre nosso tema. Adotamos uma perspectiva interdisciplinar englobando contribuições da psicologia, sociologia, antropologia, demografia, história social e psicologia social.

Iniciamos a revisão da literatura trazendo uma retrospectiva da família e do casamento no mundo ocidental e no contexto brasileiro, seguindo com uma análise sobre as transformações dessas instituições na atualidade.

No segundo capítulo tecemos algumas considerações sobre as mudanças que ocorreram na concepção de gênero, principalmente em relação ao papel da mulher dentro da sociedade. Logo adiante, apresentamos de forma sucinta o processo de envelhecimento na contemporaneidade, assim como a chegada à meia-idade.

Contextualizamos o “divórcio grisalho”, no capítulo quatro, trazendo seu conceito e suas características. No quinto capítulo, descrevemos o método utilizado para a realização da pesquisa explicitando os critérios de seleção dos sujeitos, instrumento e análise dos dados. Foram entrevistadas dez mulheres que tomaram iniciativa do divórcio de um casamento de mais de vinte anos. As entrevistas foram semi-abertas, permitindo que as participantes se expressassem livremente sobre os temas propostos.

Na análise de conteúdo (Bardin, 2009), a partir dos eixos temáticos, emergiram das falas das participantes, as seguintes categorias: expectativa em relação ao casamento; motivos para a separação; desafios da separação tardia; alternativas para o enfrentamento das dificuldades; reação dos filhos, amigos e familiares; vida profissional antes e depois da separação; vida afetiva e sexual após separação; avaliação do momento atual; e ‘conselhos’ sobre o casamento.

No sexto capítulo, apresentamos os resultados e a discussão dos dados articulados aos referenciais teóricos. Por fim, no sétimo capítulo, foram expostas as considerações finais, que abrangem as conclusões da pesquisa sobre o divórcio grisalho, suas motivações, desafios e avaliações sob a ótica feminina.

2

A família e o casamento

A fim de compreender a experiência psicológica da mulher na separação amorosa, é necessário fazer algumas reflexões sobre casamento e família, instituições com profunda influência no modo feminino de ser, agir e sentir. Por isso, é relevante apresentar algumas ideias sobre essas instituições, que sofreram modificações ao longo do tempo, antes de abordar a temática da separação.

Neste capítulo, procuraremos traçar uma sucinta trajetória histórica da família e do casamento na sociedade ocidental desde a Antiguidade até os dias atuais. Em seguida, retomaremos esse assunto, enfatizando as especificidades do contexto brasileiro. Para finalizar o capítulo, faremos uma análise sobre tais instituições na contemporaneidade, com suas principais características, desafios e contradições.

2.1

Família e casamento no mundo: um breve histórico

Nas sociedades arcaicas, homens e mulheres se casavam principalmente com propósitos de segurança física. De acordo com Lévi-Strauss (1980), a aliança se justificava muito mais pela necessidade de reciprocidade imposta pela divisão do trabalho do que pela satisfação sexual. O casamento era imposto pela decisão do grupo, preocupado em garantir a sobrevivência de seus membros. A família consistia na unidade de trabalho fundamental nos primeiros anos da civilização ocidental. Dela provinham todas as necessidades básicas para o bem-estar social: não só procriação e companheirismo, mas também a alimentação, moradia, educação, orientação religiosa, assistência médica e proteção. Estar sozinho era perigoso; quanto mais parentes, maior a segurança.

Durante todo o período que foi da Antiguidade até o século XVIII, de uma forma geral, não se dava importância significativa ao amor dentro dos relacionamentos, e a validade do sacramento do matrimônio residia na fidelidade e nos filhos em comum. A monogamia era a única forma aceitável de casamento e

o Novo Testamento condenava o concubinato. Ao conceito de casal, a Igreja acrescentava a importância da família formada a partir do casamento, “a qual deveria amar a Deus sobre todas as coisas” (Costa, 2007, p. 22). À medida que o casamento foi se tornando consagrado, o sentimento de família passou a ser cada vez mais incorporado na sociedade ocidental.

O nascimento e desenvolvimento desse sentimento, segundo Ariès (1978), começou a aparecer a partir do século XVII. Isso não significa que antes a família em si não existisse; na verdade ela subsistia discretamente, mas sem o valor sentimental que apresenta nos dias de hoje. Por todo um período que antecede a industrialização, as relações sociais e a vida pública se mesclavam com o ambiente familiar sem que houvesse, assim, um espaço puramente privado. Desse modo, a função da família consistia na transmissão da vida, dos bens e do nome.

Retornando à instituição do casamento, a elevação do sentimento amoroso à categoria de pré-requisito e critério de sucesso para uma relação conjugal é um acontecimento recente na nossa civilização. De acordo com Ariès (1978), o casamento por amor, baseado no afeto mútuo e na compatibilidade sexual, surge com a modernidade. Singly (2007) assinala que o início da modernidade traz uma maior abertura para o indivíduo, fazendo com que a visão de sociedade holista – em que os indivíduos são definidos pelo seu grupo familiar – perdesse importância para uma sociedade individualista, na qual o indivíduo possui valor independente da rede que o cerca.

O processo de individualização ganha forças a partir da Revolução Francesa; com isso, o homem passa a ter, como objetivo de vida, a busca de si mesmo através da emancipação dos laços herdados pelo parentesco. Assim, uma mudança radical dos valores até então vigentes começa a se instaurar, transformando e renovando os modos de vida pessoal, social e familiar. O livre arbítrio e a felicidade pessoal aparecem como prioridade de vida, e um novo tipo de contrato matrimonial se constitui: o casamento por amor.

Como vimos, antes do século XVIII, o amor não fazia parte do casamento. Tradicionalmente, de acordo com as pesquisas de Socci (1983), as tendências predominantes no Ocidente, desde os tempos da Grécia Antiga, eram as de exaltação do amor fora do casamento e, com frequência, nas relações homossexuais. É curioso notar que não são raras as alusões feitas à homofilia nas literaturas gregas e romanas, e até mesmo em períodos anteriores. Nas tradições

romanas, segundo Veyne (1991), o casamento era um contrato de dotes que garantia o direito de sucessão, enquanto o amor conjugal não representava sua base, nem era condição do casal.

Na Idade Média, uma vez que os casamentos eram arranjados visando interesses sociais e econômicos, torna-se compreensível o fato de sentimentos arrebatadores, como o amor e a paixão, ocorrerem fora das uniões legítimas. O amor cortesão, que surgiu no fim do século XI na França, foi um conceito literário que, inesperadamente, influenciou as maneiras da época. As relações presentes nessas histórias nunca implicavam o casamento dos amantes. O homem era sempre socialmente inferior à dama cortejada e se dispunha a qualquer sacrifício para provar o seu amor. O amor cortesão, que exaltava um sentimento mágico e fugaz, para muitos autores é a origem do chamado amor romântico.⁴

Giddens (1993) acredita que o casamento vinculado ao amor romântico foi também resultado de vários fatores que vinham influenciando a sociedade no final do século XVIII: a criação do lar, a modificação e aproximação nas relações entre pais e filhos e a “invenção da maternidade” (p. 53). A Revolução Industrial, que causara um êxodo da região rural para a cidade, transformou as famílias em pequenos núcleos, sugerindo um corte dos vínculos com a família extensa. Aparece aí a ideia do lar como proteção, ambiente seguro e abrigo emocional, diferenciando-se do espaço de trabalho, frequentado, em sua maioria, pelos homens. Os filhos deixam de ser força de trabalho para ocupar um lugar especial na família, necessitando de amor e cuidado. As mulheres, das classes mais altas, passam, então, a assumir o cuidado da prole como tarefa principal, endossando as diferenças entre os sexos: o homem representando as atividades e a “esposa e mãe”, os sentimentos (p. 53).

Diferentemente, a família antiga, até o século XVII - como descreve Ariés (1978)-, representava uma realidade moral e social, não sentimental. Homens e mulheres trabalhavam juntos, embora apresentassem alguma divisão de tarefas, e as crianças eram consideradas “pequenos adultos”. O desenvolvimento do espaço privado, a partir da industrialização, e a modificação da relação da família com a

⁴ O amor romântico começou a existir no século XVIII. Tal modelo de amor dá sustentação ideológica ao casamento monogâmico e à família nuclear burguesa. Ele apresenta alguns pressupostos, como, por exemplo, complementaridade entre os gêneros, fidelidade mútua, atração sexual, reciprocidade e intenção de constituir família e perpetuá-la (GIDDENS, 1993).

infância transformaram intensamente as relações. Os filhos passaram a ocupar um papel central na vida familiar, que se voltou para seu bem-estar. Como já assinalado, a mulher-mãe ganhou importância, sendo a responsável pelos filhos e a mediadora da relação entre eles e a figura paterna. Com a divisão dos espaços público e privado, surgiu um novo conceito de família nuclear, composta de pai, mãe e filhos, e permeada por ideais românticos, que incentivavam o desenvolvimento e o fortalecimento dos vínculos afetivos dentro do grupo familiar tal como entendemos, cada vez mais fechado em si mesmo (Giddens, 1993).

O laço conjugal com uma entonação sentimental e de livre escolha se torna parte fundamental do conceito ocidental de casamento. O auge desta visão se dá em meados do século XX, momento em que a família nuclear se fortalece. No entanto, na opinião de Ariès (1985), ao associar o casamento ao amor e à paixão, coloca-se à prova a duração do laço matrimonial. Como o amor-paixão, em geral, não dura por muito tempo, o amor conjugal relacionado a ele também não é permanente. A separação então se torna uma alternativa para quando se dá o fim desse sentimento. De acordo com o autor, essa é uma das principais características do casamento moderno. Logo, ao substituir os casamentos arranjados por uma cultura em que o parceiro é escolhido com base no amor, o número de divórcios, inevitavelmente, começa a aumentar de forma expressiva.

A segunda metade do século XX, no mundo ocidental, é marcada por mudanças político-econômicas e comportamentais: inserção maciça da mulher no mercado de trabalho (o que altera os papéis familiares que concernem ao gênero); adoção da pílula anticoncepcional, desvinculando a sexualidade da reprodução; escolaridade feminina crescente, ampliando suas possibilidades profissionais; movimento hippie; propagação de ideias feministas; entre outras. Os casamentos também sofrem modificações, com uma maior valorização da subjetividade e a legitimação do divórcio (Socci, 1983).

A liberação sexual, que ocorreu a partir de 1960, trouxe uma reavaliação dos códigos tradicionais de comportamento relacionados à sexualidade humana e aos relacionamentos interpessoais. Além do movimento feminista, a ciência também foi um agente importante para essa revolução sexual. Socci (1983) enfatiza a importância dos estudos da Medicina, Psicologia, Sociologia e Antropologia, que elegeram o ato sexual como necessário e saudável. Do mesmo modo, a Psicanálise exerceu forte influência na aceitabilidade do sentimento

sexual. Ainda neste período, foram exigidos vários direitos de liberdade sexual feminina, como, por exemplo, “o direito da mulher à maternidade dentro ou fora do casamento” (Socci, 1983, p. 47).

Para Mintz e Kellog (1988), as profundas transformações sociais que estavam ocorrendo com os valores sexuais e nas vidas das mulheres e dos jovens nas décadas de 1960 e 1970 abalaram os antigos padrões em relação ao casamento e à família. As pressões feministas, que se intensificaram nessa época, iniciaram um questionamento sobre a divisão de papéis com base nas diferenças entre os sexos, o que promoveu mudanças tanto na identidade feminina como na masculina. O conflito de valores se acentuou desde que a linha vertical de hierarquia entre pais e filhos foi substituída por uma linha horizontal, a partir do momento em que a igualdade se tornou o novo mecanismo da organização estrutural da família moderna.

A partir de exigências e pressões do mercado de trabalho e dos ideais democráticos e igualitários defendidos nessa época, os anos que se seguiram foram marcados por múltiplas e novas formas de se viver a família: cresceram as famílias divorciadas, informais, monoparentais, reconstituídas, homossexuais, dentre outras. Nesse processo de mudança pelo qual ainda passa a família, novas práticas e arranjos vão sendo incorporados ao modelo tradicional, uma vez que ele não condiz mais com a realidade atual.

Hoje, o casamento sofre pressões advindas de uma multiplicidade de valores. De um lado, o indivíduo quer vivenciar a vida conjugal e o exercício da parentalidade; por outro, deseja alcançar suas ambições individuais sem ter a liberdade ameaçada. Conciliar valores tradicionais e modernos dentro do mesmo leque de possibilidades torna-se muito conflitivo. O ideal de casamento indissolúvel ainda persiste no imaginário social; portanto, acompanhar as aceleradas mudanças e redefinir as instituições estabelecidas é um dos principais desafios contemporâneos (Rocha-Coutinho, 2005).

Mais adiante, aprofundaremos o tema da família e do casamento na contemporaneidade. Antes disso, abordaremos a seguir as principais mudanças ocorridas nessas instituições especificamente no Brasil. De acordo com estudos históricos e antropológicos sobre o assunto, é possível afirmar que as transformações observadas aqui acompanham a trajetória ocidental apresentada ao longo desse capítulo, claro que com particularidades da realidade brasileira.

2.2

Família e casamento no Brasil: particularidades

No Brasil, as instituições da família e do casamento sofreram profundas transformações desde o Brasil Colônia até os tempos atuais. Na sua obra consagrada *Casa Grande & Senzala*, o sociólogo Gilberto Freyre (1973) descreve a família brasileira do período colonial a partir do modelo patriarcal, no qual o chefe da família, o patriarca, representava a figura de poder e autoridade. Ele era o responsável pelo controle dos negócios, o sustento material e a manutenção da “ordem” familiar, primando pela indissolubilidade de seus bens e centralização do poder.

A estrutura patriarcal, em linhas bem gerais, aponta para a centralidade da família no movimento de colonização portuguesa na América. Deste modo, era apenas no seio familiar que os indivíduos encontravam espaço de atuação na sociedade. Da Matta (1987) explica que a família era um alicerce indispensável sem o qual não era possível sobreviver socialmente - aqueles que não eram integrados a um círculo familiar não tinham uma boa imagem nem prestígio dentro da sociedade. As estruturas familiares representavam o poder da época: eram elas que controlavam a Igreja, o Estado e as instituições econômicas locais.

Nesse período, os casamentos eram realizados por interesse em manter o patrimônio e o status da família. Assim, a estabilidade e a continuidade eram tão importantes que aspectos emocionais não eram justificativas suficientes para a ruptura de um casamento. Os pais escolhiam os pretendentes das filhas que, na maioria das vezes, pertenciam ao mesmo círculo familiar; eram muito comuns, por exemplo, casamentos entre primos, sobrinhos e outros parentes (Candido, 1951). A família não era limitada apenas aos pais e filhos, mas envolvia todos os que giravam em torno do patriarca, tendendo assim a integrar grandes grupos, dividindo-se em núcleo e periferia. No núcleo, viviam o dono da casa com sua mulher, sua prole legítima, ajudantes e escravos. Na periferia, moravam as pessoas que possuíam com o patriarca vínculos familiares, de trabalho, amizade, concubinato, e ainda seus filhos bastardos, o que era bastante comum e tolerado na sociedade da época.

No sistema patriarcal, a relação entre os gêneros baseava-se em uma rígida hierarquia, com os papéis sexuais bem delimitados: o marido, autoridade absoluta, era responsável pela proteção e sustento da família. A mulher ficava totalmente confinada ao ambiente doméstico, onde exercia inúmeras funções como prover alimentos e vestimenta para o consumo doméstico, além de administrar o comércio que atendia ao grupo local. Em suma, a figura feminina é que gerenciava a “pequena empresa” que era a casa brasileira no período colonial (Costa, 1979). Ela ainda se responsabilizava pelas datas comemorativas e pela manutenção das alianças familiares. Tanto Candido (1951) quanto Samara (1998) acreditam que, conforme a mulher acumulava uma multiplicidade de funções, ela adquiria certa importância e reconhecimento, o que difere, portanto, da imagem passiva e submissa defendida por Freyre (1973).

Correa (1993) critica enfaticamente a adoção de um modelo único de família, homogeneizando uma realidade social muito mais complexa e diversificada. A autora ressalta que o modelo patriarcal se refere, principalmente, às regiões onde foram estabelecidas as grandes unidades agrárias de produção – engenhos de açúcar, fazendas de criação ou de plantação de café .

Samara (1998) observa que outras configurações familiares coexistiram com o modelo patriarcal: a família paulistana, por exemplo, que apresentava uma estrutura distinta daquela exposta por Freyre (1973). Muitas vezes, o casal paulistano acabava vivendo junto e, na sequência, tinha filhos, que não eram legítimos segundo o ponto de vista legal e religioso. Era comum que casais novos vivessem independentes de suas famílias de origem, diminuindo assim sua convivência e dependência. Grande parte da organização familiar paulistana girava em torno das ligações de trabalho, por isso a presença de agregados e escravos - responsáveis por diversas funções - era mais comum do que a presença dos próprios parentes. Ainda que não possa ser usada como modelo único e exclusivo da família brasileira do período colonial, de certo modo, a família patriarcal deixou, na sociedade, resquícios relevantes como, por exemplo, o poder público do homem, legitimado pelo trabalho externo, que o alocava numa posição superior com direitos civis e morais distintos dos da mulher e dos filhos (Samara, 1998).

O avanço econômico, ao longo dos séculos XVIII e XIX, resultou em transformações importantes que afetaram a sociedade colonial e seu estilo de vida. O processo de industrialização e o crescimento dos núcleos urbanos, somados ao movimento higienista, acarretaram o surgimento de novas organizações familiares. Segundo Costa (1979), o discurso higiênico, para as famílias burguesas, contribuiu para a valorização cada vez maior do espaço privado familiar, concentrando expectativas no casal parental.

A ação do movimento higienista reestruturou as formas de convivência familiar, redefinindo as funções, os papéis e os vínculos entre homens, mulheres, adultos e crianças. Além disso, com a industrialização, na segunda metade do século XIX, a mulher, principalmente a de classe socioeconômica menos favorecida, começou a participar amplamente do mercado de trabalho, conciliando as atividades domésticas e as funções remuneradas, mesmo com uma faixa salarial menor do que a dos homens. Aos poucos, com o surgimento de outras instituições de controle social, o patriarca foi perdendo sua autoridade, junto com o lento desaparecimento da hegemonia da família (Candido, 1951).

Durante o século XIX, com o desenvolvimento do capitalismo e da vida urbana, surgiu uma nova mentalidade – burguesa – reorganizadora das vivências familiares, do tempo e das atividades femininas. Todas essas mudanças tiveram como repercussão o declínio da antiga família patriarcal, com uma desintegração da consciência coletiva de parentesco em favor de uma organização restrita doméstica - a família conjugal moderna, adaptada às novas condições sociais e econômicas (Costa, 1979).

Segundo Figueira (1987), o tipo de família que prevaleceu na sociedade brasileira durante os anos 1950, e início dos 1960 foi o “hierárquico”. Na “família hierárquica”, as funções femininas e masculinas eram bem demarcadas socialmente e no lar. O pai era o provedor e a autoridade máxima dentro de casa, enquanto a mulher era responsável pela casa e pelos filhos. Desta forma, esse modelo caracterizava-se por uma ênfase na dicotomia público/privado relativa às atividades do homem e da mulher. Distinguia-se o trabalho produtivo remunerado do improdutivo, não remunerado, doméstico e não valorizado.

Houve mudanças também no contexto do casamento: a decisão de casar-se transferiu-se dos pais para os próprios noivos, tornando-se uma questão

individual e não grupal. A finalidade do casamento passou a ser não mais a manutenção de propriedades, bens ou alianças políticas, e sim a celebração de um vínculo de amor e felicidade, a satisfação de impulsos afetivos e sexuais. Essa aliança burguesa privilegiou a escolha do parceiro por amor, o enaltecimento do amor materno, a privacidade, a intimidade, o conforto da família e a durabilidade do casamento.

A partir do final da década de 1960, a temática da individualidade se desenvolveu pelo mundo ocidental alcançando também o Brasil. Iniciou-se então a difusão dos ideais de igualdade e liberdade condenando a desigualdade de direitos, que se baseava no exercício de papéis segundo o gênero. Para Vaitsman (1994), nesse mesmo período, as mulheres adquiriram uma crescente “participação no ensino superior, num momento de influxo do movimento estudantil e contestação autoritária” (p. 80). Assim, surgiu um ambiente propício para uma redefinição das identidades femininas e masculinas, como também para a ruptura de papéis sexuais hierárquicos.

As décadas de 1960 e 1970 se caracterizam como um momento revolucionário em termos políticos, sociais, culturais e ideológicos. Além de todas as questões referentes ao sexo e à emancipação feminina, esse período foi marcado também pelos movimentos estudantis contra as ditaduras, por lutas sindicais e outras ações de minorias que tentavam subverter as regras impostas pela sociedade. Dentre esses movimentos, o que se destacou em relação ao casamento foi a liberação sexual graças ao uso de contraceptivos, a emancipação feminina e a nova imagem da mulher, que assumiu também o ambiente público, antes frequentado, em sua maioria, pelos homens. Para Vaitsman (1994), a família deixou, então, para trás o patriarcalismo do século XIX e meados do século XX, para abrir espaço à individualidade e liberdade de direitos.

De acordo com Singly (2007), a importância que antes detinha o grupo familiar passou a ser concedida à realização do indivíduo. Vaitsman (1994) acredita que, com a expansão da individualidade e a definição de homens e mulheres como iguais, “tornou-se mais fácil para ambos – social e pessoalmente – dissolver o casamento” (p. 80). Ainda na visão da autora, com a manutenção do casamento e da família submetida à satisfação pessoal, as aspirações e os desejos

particulares acabaram se sobressaindo em relação ao coletivo, gerando diversidade e instabilidade na família moderna.

A partir de 1977, o divórcio foi instituído no Brasil permitindo, assim, que os divorciados se casassem de novo. Desde então, observou-se um aumento crescente do número de separações e recasamentos, como também o estabelecimento de novas configurações familiares. Dessa forma, a família nuclear, constituída por um casal e seus filhos sob o mesmo teto, deixou de ser o modelo predominante para conviver com diferentes arranjos conjugais e familiares. Essas composições recentes apresentam limites permeáveis de identidade dos gêneros, com diversas possibilidades, tais como uniões consensuais (sem registro legal), famílias monoparentais, compostas com casais do mesmo sexo, casais sem filhos, entre outros.

É importante frisar que ao estudarmos as transformações que o casamento e a família vêm sofrendo ao longo das últimas décadas, tanto no contexto brasileiro como no mundo ocidental, não podemos ignorar a relevância das transformações do papel da mulher nesse processo. Por isso, no próximo capítulo, dedicaremos uma seção para abordar a questão das modificações das relações de gênero no decorrer da história e as principais repercussões desse fenômeno para a contemporaneidade.

O que vemos atualmente é uma busca de novas formas de se relacionar mais compatíveis com o mundo em que vivemos, uma vez que o modelo de família tradicional – patriarcal e hierarquizante – muitas vezes não é coerente com as rápidas mudanças que o homem contemporâneo precisa enfrentar. Como veremos mais adiante, vários autores (Vaisman 1994; Biasoli-Alves, 2000; Jablonski, 2009) enfatizam que o casamento e a família passam, nos dias de hoje, por um momento de transformação e ruptura. Com o intuito de compreendermos melhor o contexto no qual se insere esta pesquisa, a seguir abordaremos os novos padrões de conjugalidade e família na sociedade contemporânea.

2.3

Família e casamento na contemporaneidade: permanências e rupturas

A sociedade está vivenciando um agudo processo de transformação no que diz respeito à família nuclear urbana e à instituição do casamento. A frequência dos divórcios se mantém alta e a configuração familiar está cada vez mais diversa, complexa e plural (Vaitsman, 1994; Wagner & Levandowski, 2008). Segundo Fêres-Carneiro (2009), jamais houve tanta liberdade na escolha de parceiros, nem tanta variedade de arranjos amorosos, e, no entanto, nunca os casais se sentiram tão inseguros para se relacionar. Diferente da proposta do casamento tradicional (monogâmico e indissolúvel), Bauman (2003) caracteriza os relacionamentos na atualidade como efêmeros, transitórios e descartáveis. Para ele, o que chama atenção é o fato de que se relacionar assume o mesmo sentido de consumir; estabelecemos vínculos frágeis e usufruímos o outro como um produto que pode ser trocado a qualquer momento.

Nicolaci-da-Costa (1985) acredita que o processo de transformação social é tão veloz que, diversas vezes, “temos a sensação de estarmos à deriva, pois aquilo que conhecíamos como o ‘nosso mundo’ deixou de existir” (p. 98). A autora sugere que o indivíduo pode perder seus referenciais e se perceber desorientado em um excesso de liberdade, sem regras claras para agir. Assim, o sujeito contemporâneo é dominado por incertezas e inseguranças, decorrentes da perda dos padrões sólidos e da necessidade de criar novos padrões. Vivemos, portanto, um momento de transição: a queda de modelos tradicionais e rígidos e a construção de novas formas de viver a conjugalidade.

Entre os estudiosos, existem diferentes avaliações em relação ao momento pelo qual passa a família e o casamento. De acordo com Roudinesco (2003), em entrevista concedida para o jornal *O Globo*, o cenário atual é de reestruturação dos lares: “a família não morreu, mas está sendo reinventada no seu cotidiano. (...) Ela ainda é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças, em todas as idades, orientações sexuais e condições sociais”. De fato, o que observamos não é o enfraquecimento da instituição família, mas o surgimento de novos arranjos familiares.

Biasoli-Alves (2000) usa o termo “turbulência” e acredita que a instituição familiar sempre foi instável ao longo da história. Para a autora, as grandes modificações nesse âmbito não são exclusivas da nossa época. Jablonski (1998), por sua vez, descreve o período atual como um momento de “crise”, em que o modelo tradicional vem sendo confrontado com uma taxa crescente de separações. Independente da abordagem escolhida, é inegável que estamos vivendo uma fase de mudanças e transformações, período em que valores antigos entram em choque com uma nova forma de viver e de pensar as relações.

Segundo dados apresentados pelo IBGE (2007), a taxa de divórcio em 2007 cresceu em torno de 200% em relação a 1984; além disso, uma maior pluralidade nos arranjos familiares convive com modelos mais tradicionais. O crescimento da coabitação (casais vivendo juntos informalmente), domicílios uniparentais, casais homossexuais e os recasamentos unindo, por exemplo, filhos do primeiro casamento com filhos de outras uniões são exemplos da chamada “família pós-moderna”. Trata-se de um modelo menos rígido em termos de hierarquia que tende para uma estrutura mais igualitária e, na maioria dos casos, que consegue manter as fronteiras nítidas entre os seus membros (Vaistman, 1994; Cherlin, 2004; Diniz Neto & Féres-Carneiro, 2005; Wagner & Levandowski, 2008).

Khel (2003) utiliza a expressão “família tentacular” para designar esse novo tipo de família, que traz na sua árvore genealógica as separações e as sucessivas uniões efetuadas ao longo da vida adulta. Para a psicanalista, mesmo que não exista um núcleo central, é possível que se estabeleçam vínculos novos e fortes, independentes da consanguinidade.

Um modelo conjugal que está se tornando cada vez mais comum entre homens e mulheres de meia-idade é o “LAT” (*living apart together*): pessoas com um relacionamento estável, mas vivendo em casas separadas. Bair (2010) pontua que o principal motivo para a escolha desse tipo de arranjo afetivo é a preservação da independência de cada membro do casal. A autora afirma que as pessoas que optam pelo “LAT” são, frequentemente, divorciadas e com uma situação financeira estável, já que cada um se mantém responsável pela própria casa.

Vários fatores contribuíram para as mudanças sociais, culturais e até legais do casamento e da família ocidental urbana. Jablonski (1996; 1998; 2003; 2009)

enumera alguns deles: a emancipação feminina e suas consequências como, por exemplo, uma independência financeira antes inexistente; os métodos contraceptivos; a facilitação do processo do divórcio, assim como uma diminuição do seu custo; a modernização da sociedade; a religião, que vem perdendo influência e abrindo caminho para uma prática religiosa mais individualizada; a extrema valorização do sexo e do amor na cultura atual; o aumento da longevidade, entre outros.

O amor e a paixão são exaustivamente valorizados e privilegiados na atualidade. Segundo Jablonski (2003), “o amor funciona como uma espécie de passaporte, que permite aos seus afortunados portadores o ingresso (e a permanência) em uma ilha de felicidade” (p. 156). O efeito do amor romântico está diretamente ligado à ideia do amor perfeito, à felicidade eterna, ao êxtase. O casamento passa a ser visto como um caminho de felicidade individual, muito diferente do casamento tradicional e nos moldes da Igreja Católica. Dessa forma, a estabilidade da família e do casamento se torna frágil ao depender mais da satisfação emocional do que de aspectos econômicos e morais (Vaitsman, 1994).

Os ideais contemporâneos de uma relação amorosa enfatizam o individualismo, fazendo com que o interesse particular sobressaia em relação às necessidades do vínculo conjugal. Assim como Ariès (1978) fala da importância que a sociedade atribui ao novo, ao instantâneo e ao não permanente, Giddens (1993) reforça essa ideia ressaltando a inadequação da promessa do amor eterno vinculado ao casamento. Para ele, o amor romântico está dando lugar a algo mais plástico, chamado “relacionamento puro”. Nesse tipo de relação, cada membro do casal tem a liberdade de romper o vínculo, caso não esteja satisfeito, inspirando-se na ideia de valores iguais entre as partes. A intimidade e a comunicação aberta e franca entre os membros se tornam a base do laço conjugal, o que no passado geralmente não ocorria. Na obra *O mundo em descontrole* (2000), Giddens afirma ainda que esse tipo de relacionamento, assim como os princípios da democracia, é mais um ideal, e não tão frequente na realidade. Para que ele seja viável, é preciso que “cada pessoa tenha respeito pela outra e deseje o melhor para ela” (p. 71).

Magalhães (2009) afirma que o casamento implica a conjunção de duas individualidades para a construção de uma terceira identidade para os cônjuges, “uma identidade compartilhada” (p. 207). Féres-Carneiro (1998) acrescenta que a

relação conjugal nos moldes atuais, enfatizando a autonomia e a satisfação de cada um, faz com que o casal seja confrontado por duas lógicas antagônicas: ao mesmo tempo em que se estimula a independência e o desenvolvimento de forma individual, existe também o desejo de vivenciar a identidade conjugal e os projetos em comum. De acordo com Costa (2007), esse é um conflito difícil de resolver, “porque o medo do futuro, principalmente o medo de acabar sozinho, não é menor do que o medo de se comprometer” (p. 110).

Alguns autores utilizam a expressão “casamentos em série” ou “monogamia serial” para designar relacionamentos que são cada vez mais comuns nos dias de hoje, relações que não carregam a marca do compromisso eterno (Amato, 2000; Jablonski 2007; Bair, 2010). De acordo com essa lógica, é possível ter uma série de companheiros durante a vida em vez de uma única companhia legitimada pela cultura e pela religião. Dados do IBGE (2010) confirmam essa tendência ao constatar que, enquanto em 1999 os recasamentos representavam 10,6% do total de casamentos realizados no país, em 2008 esse índice subiu para 17,1%.

É interessante observar que, apesar da liberação sexual e do alto nível da taxa de divórcio, o sonho da maioria das pessoas, independente da faixa etária e da classe social, continua sendo “um único casamento longo e feliz” (ÉPOCA, 2010, p. 118). Jablonski (1996, 2007, 2009) ratifica essa constatação, afirmando que, apesar da “crise” da instituição, os jovens, em geral, desejam se casar e ainda esperam que seu casamento dure para sempre.

3

Gênero e maturidade

Com o intuito de aprofundarmos o tema da experiência feminina ao vivenciar uma separação amorosa já num estágio mais avançado de vida, neste capítulo versaremos sobre os aspectos relacionados ao gênero e à maturidade. Primeiramente traçaremos a trajetória da mulher em relação às questões de gênero, suas dificuldades, ambiguidades e desafios. Em seguida, contextualizaremos o processo do envelhecimento na contemporaneidade, temática que ganha cada vez mais espaço nos trabalhos acadêmicos. Mais adiante, investigaremos a maneira pela qual a meia-idade incide, principalmente sobre a mulher, no tocante às questões psicológicas, biológicas e culturais nessa fase do ciclo vital.

3.1

Redefinindo os papéis de gênero

O termo “gênero”, que na gramática é utilizado para designar indivíduos de sexos diferentes, ao ser empregado por teóricas(os) e estudiosas(os) sobre mulheres e sobre feminismo, no final da década de 1960, adquiriu novos significados. O gênero passou a se situar também na esfera social sob a ótica de uma compreensão sócio-histórica e não mais no determinismo biológico, como definidor exclusivo das diferenças entre o homem e a mulher. De acordo com Goldenberg (2000), “os estudos de gênero questionam a ideia de natureza feminina (e masculina) e reforçam a concepção de que as características atribuídas à mulher (e ao homem) são, na verdade, socialmente construídas” (p. 15).

O feminismo surgiu dentro de um cenário de profundas mudanças ocorridas na Europa Ocidental no século XVIII, mas ganhou uma maior visibilidade em grande parte do mundo desenvolvido a partir de 1960. Goldenberg e Toscano (1992), definem o movimento feminista como uma “ação organizada de caráter coletivo que visa mudar a situação da mulher na sociedade eliminando as discriminações a que ela está sujeita” (p. 17).

Em um primeiro momento, as mulheres reivindicavam não só a igualdade jurídica e o direito ao voto, mas também a equiparação de salários. Essas exigências se justificavam devido à crescente industrialização, período em que as mulheres iam abandonando cada vez mais seus lares para se empregarem como assalariadas nas indústrias e oficinas. Após a Segunda Guerra Mundial, o feminismo ressurgiu com vigor redobrado. Assim, já não se tratava mais de conquistar direitos civis para as mulheres, e sim de descrever sua condição desfavorável regida por uma cultura masculina e de revelar os mecanismos psicológicos e psicossociais dessa marginalização. Conhecida como “segunda onda”, esse movimento foi regido sob a influência de obras, como “*O segundo Sexo*” em 1949 da francesa Simone de Beauvoir, e “*A mística feminina*” em 1963 da americana Betty Friedan.

No Brasil, o movimento feminista tomou forma no final de 1970 e início dos anos 1980 (período que coincide com o processo de redemocratização do país). Apesar de ter por base uma série de questões econômicas e políticas, o movimento só se desenvolveu no país em função de seu ambiente propício. As mulheres sentiam-se isoladas e desvalorizadas, conforme percebiam a crescente desqualificação de suas tradicionais tarefas domésticas. A partir da década de 1980, as mulheres e suas reivindicações chamaram a atenção do país, ganhando espaço nos meios acadêmicos, programas de televisão, revistas femininas, debates públicos, dentre outros. Discutiam temáticas como a discriminação salarial, a dupla jornada de trabalho, direito ao prazer e denúncias contra violência. A partir daí, diversas foram as conquistas das mulheres, permitindo não só uma libertação de velhos estereótipos masculinos e femininos, como também o desenvolvimento de novas formas de se relacionar na vida afetivo-sexual, na família, no casamento e no trabalho.

Pode-se afirmar que a partir da segunda metade do século XX, os pilares fundamentais das diferentes culturas descritas como patriarcais começaram a ser rompidos: foram diversas as vitórias femininas, como o combate à divisão sexual do trabalho, e a desvinculação da sexualidade da reprodução. Desde então, as relações de gênero vêm se transformando a partir de novas funções que a mulher assume. O espaço público, que era predominantemente masculino, com o passar do tempo se tornou cada vez mais ocupado por mulheres. Papéis sociais que antes

eram exclusivos aos homens, como, por exemplo, o de provedor financeiro da família, já são desempenhados pelo gênero feminino em diversos contextos (Féres-Carneiro, 1995, 2001; Jablonski, 1998; Goldenberg, 2000; Araújo, 2009).

Os métodos contraceptivos, além de contrair o tamanho das famílias, foram, especialmente para as mulheres, “uma libertação final para a sexualidade” (Giddens, 1993, p. 37). Acontece de fato uma desvinculação do sexo com as exigências de reprodução, gerando também uma grande queda na taxa de natalidade. Assim, as mulheres, a partir do século XX, não precisaram mais guardar sua virgindade para o casamento, e o sexo passou a ser “‘propriedade’ potencial do indivíduo” (Giddens, 1993, p. 37). McGoldrick (1995) acrescenta que, desde então, “os homens e as mulheres, como nunca antes, estão fazendo sexo mais cedo e casando mais tarde” (p. 185), o que resulta numa mudança drástica do lugar do casamento dentro do ciclo de vida.

A história da mulher no mercado de trabalho, no Brasil, está fundamentada, principalmente, em dois aspectos: a queda da taxa de fecundidade e o aumento do nível de instrução (Alves, 2004). Estes fatores vêm ocasionando a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho e a elevação de sua renda. A emancipação feminina fez então, com que a realização pessoal não fosse mais depositada unicamente na construção de família e no cuidado do lar, mas também na busca do sucesso profissional e do ganho de autonomia. As mulheres preocupam-se com seu investimento educacional, tornando os casamentos cada vez mais tardios e com um menor número de filhos - em 2009, observou-se que, para os homens, a idade média no primeiro casamento foi de 29 anos e, para as mulheres, 26 anos, enquanto que a faixa etária nos anos de 1999 era de 27 e 24 anos respectivamente (IBGE, 2009).

Rocha-Coutinho (2003, 2009) fala de um dilema pelo qual a mulher, por um lado, passa diante do exemplo tradicional de boa mãe e esposa aprendido com as outras gerações, e, por outro, do modelo mais recente da mulher trabalhadora, executiva, preocupada com sua carreira, internalizado através do discurso da sociedade atual. A escolha precisa ser feita, sendo na maioria das vezes carregada de culpa por estar em um desses dois padrões. A mulher que escolhe o cuidado da família pode se sentir à margem da sociedade, com um sentimento de vazio e solidão. A outra, que opta por priorizar a carreira, é possível que se culpabilize por

não estar perto dos filhos, podendo também carregar certa parcela de responsabilidade na crise do seu casamento (Jablonski, 1998). Já existem estudos que mostram a correlação entre a taxa de participação feminina no mercado de trabalho e a taxa de divórcio, ou seja, “quanto mais mulheres trabalham fora de casa, maior o número de separações” (p. 23).

Apesar do discurso igualitário da sociedade - que aparentemente defende os mesmos direitos para ambos os gêneros - na prática, ainda permanece uma discrepância entre o discurso modernizante e o comportamento efetivo (Jablonski, 1998, 2007; Cyrino, 2009). Biasoli-Alves (2000) acredita que os valores mais conservadores mantiveram-se encobertos, apesar da conquista das mulheres do direito à escolarização e ao trabalho remunerado. Seguindo esta mesma lógica, Rocha Coutinho (2003, 2005, 2009), através de suas pesquisas, traz evidências de que tanto o homem quanto a mulher apresentam traços do pensamento tradicional na divisão de papéis: a mulher responsável pela criação dos filhos e pelos cuidados do lar, enquanto o homem se mantém como principal provedor financeiro. Até nos casais considerados mais modernos no que diz respeito à divisão de papéis, após o primeiro filho, há uma tendência ao resgate dos padrões tradicionais aprendidos com as gerações anteriores (Biasoli-Alves, 2000; Brasileiro, Jablonski & Féres-Carneiro, 2002; Attias-Donfut, 2003).

Araújo e Scalon (2005) e Cyrino (2009) concluem também que, apesar de uma maior participação masculina nos cuidados com as crianças, a mulher ainda é considerada a principal responsável pelas tarefas domésticas e pela criação dos filhos. É curioso notar, que mesmo as mulheres assumindo uma dupla jornada de trabalho, muitas vezes deixando-as sobrecarregadas, as autoras constatarem um sentimento de resignação entre as entrevistadas. Elas não se queixam de injustiça, pois de acordo com Cyrino (2009), sobressai entre as pesquisadas a crença de certa fatalidade da participação desigual nas tarefas domésticas, “parecendo existir um senso comum de que essa situação é assim mesmo, de que é inevitável” (p. 81). No entanto, a diferença na divisão de afazeres pode contribuir para desentendimentos e frustrações no vínculo conjugal, levando em conta as expectativas irrealizáveis de um igualitarismo entre os gêneros (Jablonski, 2003; 2007).

Quanto à questão da sexualidade, seguindo as pesquisas de Jablonski (1998, 2003 e 2009), é possível perceber a existência de uma dupla moral. Os jovens, com frequência, expressam uma maior liberdade dos homens em relação às mulheres, tanto no que diz respeito à virgindade, como também às traições. Eles se sentem no direito de trair, mas não admitem relações extraconjugais por parte das mulheres, já as mulheres se mostram, de modo geral, contrárias à possibilidade de relações extramaritais para ambos os sexos. Goldenberg (2010) constata algo curioso na sociedade contemporânea acerca das relações amorosas: apesar de a fidelidade ser considerada um valor fundamental, homens e mulheres traem e são traídos com muita frequência. Em outros termos, o discurso não condiz com a prática: mais importante do que ser fiel é fazer de conta, fingir que é fiel.

Magalhães (1993) e Féres-Carneiro (1997, 2001) constatam que, enquanto para as mulheres o casamento significa “relação amorosa”, para os homens, o casamento é, sobretudo, “constituição de família”. Além disso, a mulher é quem geralmente fica responsável por “monitorar” a saúde emocional e a satisfação do casal (Sayer, 2005). Elas conseguem expressar e falar mais sobre seus sentimentos e suas expectativas no relacionamento do que os homens (Giddens, 1993). A significação atribuída ao casamento pela esposa e a responsabilidade pela qualidade afetiva do lar podem ser consideradas motivos que fazem com que a mulher tome mais iniciativa quanto ao pedido de separação do que o homem (Féres-Carneiro, 1995, 2003; AARP, 2004; Bair, 2007). Porém, antes de a iniciativa ser exteriorizada, é comum existir uma espécie de “segredo”, o qual um dos parceiros guarda quanto a sua insatisfação (Vaughan, 1991). Outro fator importante que pode influenciar no pedido de divórcio (já mencionado anteriormente) é a tendência à frustração da mulher devido a um *gap* entre a promessa de uma vida com mais liberdade e igualdade entre os gêneros e a realidade encontrada, como Jablonski (2003) explica:

“A prevalência de uma dupla moral sexual, a dificuldade exibida pelos homens em dividir as tarefas dentro do lar, limitações de salários e de real ascensão socioeconômica são alguns exemplos de como a mulher se encontra em uma espécie de meio de caminho” (p. 151).

Podemos afirmar que as desigualdades de gênero não foram abolidas, mas estão sendo, constantemente, redefinidas e redimensionadas. Fatores biológicos afetam a sexualidade, mas, de acordo com Jablonski (1998), a cultura e a sociedade influenciam muito mais. Assim, por estarmos vivendo em um momento de mudanças sociais rápidas, período em que modelos arcaicos convivem com ideais “modernos”, presenciamos também um período de questionamento em relação aos gêneros feminino e masculino. A mulher “não quer mais ser submissa, passiva e assexuada, e também não é ainda a mulher livre cantada em verso e prosa nos filmes, letras de música ou (...) na imagem popularizada dos grandes jornais” (p. 123). Já o homem, vivencia o que muitos autores chamam de “crise masculina”, por ele apresentar resquícios do machão... forte, viril e poderoso, tão conhecido na história da civilização e, ao mesmo tempo, querer penetrar mais na vida familiar e descobrir como se relacionar com a mulher emancipada do século XXI (Goldenberg, 2000).

Attias-Donfut (2004) questiona a relação entre as diferenças de gênero e o contexto da velhice: “o que resta quando finda a possibilidade de procriação e (o homem ou a mulher) se retira do mercado de trabalho?” (p. 97) Attias-Donfut, (2003) acredita no desaparecimento dos estereótipos entre sexos conforme as pressões sociais que reforçam as diferenças entre eles diminuem, como acontece na fase da aposentadoria. Assim, uma maior liberdade pode favorecer “a heterogeneidade interindividual dos comportamentos e dos tipos de personalidades” (p. 97), diferentemente de uma uniformização do indivíduo. As pessoas estariam mais livres para escolher aspectos femininos e masculinos, independentemente do sexo biológico, sem a preocupação dos estereótipos sociais. Como, neste trabalho, a velhice é um tema de extrema importância e o envelhecer hoje envolve diferentes paradigmas do que há cinquenta anos, daremos prosseguimento ao assunto na próxima seção. Levando em consideração que nossas entrevistadas estão na meia-idade e no início da velhice, abordaremos o que significa o processo do envelhecimento nos dias atuais em seguida.

3.2

O envelhecer na contemporaneidade

Tempo de maturidade vivido nestes tempos instigantemente contraditórios, que, a uma só vez coroa duas senhoras: juventude e longevidade. Corpo infantil almejando a juventude que almeja longevidade (...); desejo de viver muito, horror de ficar velho!
(Py & Shcarfstein, 2001, p. 123)

Apesar de o envelhecimento ser um processo inerente à vida, é muito difícil encontrar alguém, nos dias de hoje, que deseje envelhecer. Para muitos, este é sentido como uma experiência problemática, principalmente quando a imagem atrelada à velhice é de um período de doenças, desgastes, dores, sofrimentos, solidão, abandono, dependência física e econômica. Simone de Beauvoir (1990) [1970] aponta a dificuldade das pessoas em geral de se imaginarem envelhecendo, ou seja, “o adulto se comporta como se não tivesse que ficar velho nunca” (p. 11). Essa atitude pode ser considerada uma certa “ilusão de invulnerabilidade”, refletindo o desejo de se manter jovem, mesmo sabendo que tanto a velhice quanto a morte são inevitáveis (Levine, 2003).

O envelhecimento populacional é um fenômeno global que se inicia nos países desenvolvidos e se manifesta em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Em termos demográficos, uma população envelhece quando há o crescimento na faixa etária mais avançada e diminuição da população mais jovem, resultando em uma idade média ascendente. Este fenômeno ocorre em função de uma menor taxa de fecundidade e de uma diminuição dos índices de mortalidade, tornando a expectativa de vida mais longa (Papaléo Netto, 2006).

O intenso processo de urbanização, verificado no Brasil principalmente a partir da década de 1960, é considerado o principal responsável pela redução das taxas de fecundidade e foi, justamente neste mesmo período, que a pílula anticoncepcional passou a ser difundida no país. A crescente longevidade brasileira tem sido evidenciada pelos avanços tecnológicos na área de saúde nos últimos 60 anos, como as vacinas, os antibióticos e os quimioterápicos, que tornaram possível a prevenção ou cura de muitas doenças (Nasri, 2003).

O envelhecimento populacional traz um forte impacto sobre as demandas sociais e econômicas, como as de educação e emprego, saúde e previdência social. Papaléo Netto (2006) enfatiza a necessidade de profundas transformações no

âmbito socioeconômico brasileiro, de modo que permita uma melhor qualidade de vida aos velhos e aos que se encontram no processo de envelhecimento. A nova configuração etária da população traz à tona a discussão do que é ser idoso. A Organização Mundial de Saúde – OMS define como idoso um limite de 65 anos ou mais de idade para os indivíduos de países desenvolvidos e 60 anos ou mais para os países em desenvolvimento.

O envelhecimento se estende desde o nascimento até a morte em um processo evolutivo natural, em que acontecem mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. O velho, em seu corpo, traz marcas tanto externas quanto internas, visíveis e invisíveis, não podendo omitir, nem para si mesmo, nem para a sociedade, o passar dos anos. No entanto, o historiador Leandro Karnal (2009) acredita que vivemos hoje uma busca incessante pela juventude perdida. Na tentativa de retardar o envelhecimento, dependendo do poder econômico-financeiro, pessoas recorrem a diversos recursos físicos e químicos: cirurgias plásticas, reposição hormonal, procedimentos dermatológicos, suplementos, injeções, atividades físicas excessivas, entre outros. Tudo isso com o intuito de congelar o tempo e, assim, ter a ilusão de afastar a morte, que é para o historiador o maior medo que acomete a todos os seres humanos. A velhice, portanto, é uma lembrança ao homem de que se está cada vez mais próximo do fim.

Peixoto (2004) explica que a maneira de envelhecer é pessoal; tanto a velocidade, como a percepção desse processo vital irá variar de acordo com o histórico, auto-imagem e contexto cultural no qual o indivíduo está inserido. Reforçando essa idéia, a autora considera o envelhecimento “diferenciado segundo o grupo social e o sexo a que pertencemos” (p. 9), ou seja, o recorte de gênero e de status atravessa a velhice afetando, diferencialmente, homens e mulheres.

Attias-Donfut (2004) sugere, a partir de pesquisas realizadas junto à população francesa, o conceito de “paradoxo do envelhecimento feminino”, que trata o envelhecimento como um processo que afeta especialmente as mulheres (p. 89). Apesar da intensidade do fenômeno, a autora chama a atenção para o fato de que o referente para o estudo da velhice, geralmente, é masculino; e as diferenças entre os sexos, acentuadas na velhice, têm sido pouco analisadas. A maior sobrevivência feminina, como mencionado, pode ser percebida como uma

vantagem, mas, em contrapartida, as mulheres envelhecem em piores condições que os homens: as pensões de aposentadorias femininas são inferiores; e a viuvez é frequente, decorrente da diferença de idade entre os cônjuges (os homens em geral são mais velhos), que acaba por acentuar as dificuldades financeiras, sociais e psicológicas das mulheres. No entanto, “a aposentadoria é também mais claramente, para elas, a ocasião de desempenhar novas atividades centradas na satisfação de si” (p. 101). De acordo com Peixoto (2004), no Brasil, ainda não foram produzidos estudos tão profundos sobre aspectos do “paradoxo do envelhecimento feminino” como esse realizado na França. Porém, sabemos que as brasileiras, em média, também vivem mais do que os brasileiros, conforme mencionado anteriormente.

De uma forma geral, no ocidente, persiste o peso dos estereótipos sociais que desqualificam e inferiorizam o idoso, tornando a experiência de envelhecer mais complexa e problemática. Isso significa, nas palavras de Py e Scharfstein (2001), que “somos fruto desse contexto sociocultural que nos ensinou a temer a velhice (p. 129).” Segundo Papaléo Netto (2006), dentro do nosso cenário contemporâneo, ao mesmo tempo em que se potencializa a longevidade, discrimina-se o velho:

“(…) de um lado, defronta-se com o crescimento massivo da população de idosos, fruto do aumento da expectativa média de vida da raça humana, e, de outro, se omite ou adota mesmo atitudes preconceituosas sobre o velho e a velhice, retardando destarte a implementação de medidas que visam minorar o pesado fardo dos que ingressaram na terceira idade (p. 9).”

A partir da ideologia capitalista, a capacidade de produzir bens de consumo adquire grande importância. O velho perde o seu lugar, já que, nas palavras de Beauvoir (1990) [1970], principalmente na cultura ocidental, o “material humano só interessa enquanto produz” (p. 13). Nos dias de hoje, o jovem é valorizado como mão de obra mais efetiva e barata do que os de mais idade. Assim, os idosos saem, muitas vezes, em desvantagem pela representação negativa da velhice relacionada a características como a doença crônica, a incompetência, a dependência, a incapacidade física e mental. Logo, de acordo com Lins de Barros (2004), a sociedade contemporânea “elege a juventude como

idade-padrão” (p. 16), enquanto que a terceira idade é geralmente encarada como declínio e decrepitude.

Cabe aqui ressaltar que o culto à juventude é relativamente recente. Durante grande parte da história humana ocidental, os velhos foram vistos com reverência. Nas sociedades primitivas, as pessoas morriam cedo, e quem atingia a velhice era respeitado e valorizado pela sociedade. Antes da invenção da escrita, os mais idosos eram também os principais responsáveis pela transmissão da cultura pois contavam histórias e davam conselhos aos mais jovens (Papaléo Netto, 2006).

Segundo Schons e Palma (2000), o domínio do idoso na família e na sociedade começa a mudar depois da Revolução Industrial, momento em que importantes transformações ocorreram na estrutura familiar, nas relações de trabalho e nos valores morais e éticos. O que assistimos hoje é “uma inversão de valores”, nos termos de Papaléo Netto (2006, p. 9), potencializada ainda mais nas últimas décadas. De acordo com Stepanski (2007), a velhice é associada, no imaginário contemporâneo, à conservação e à tradição e não ao conhecimento funcional. Isso faz com que, na visão da autora, o ritmo acelerado de vida na era digital exclua o idoso conforme ele se opõe a valores como progresso, tecnologia e dinamismo. Dentro dessa lógica, em que as mudanças tecnológicas ficam cada vez mais rápidas, a ousadia passa a ser mais valorizada que a experiência dos mais velhos.

Diferentemente do estereótipo, no entanto, a velhice não é necessariamente um estágio melancólico da vida. Alguns estudos nos mostram que o envelhecer pode ser vivido de forma agradável e prazerosa. De acordo com uma pesquisa da Universidade de Chicago, publicada na revista *Época*, em 28/04/2008, a velhice é a fase em que as pessoas são mais felizes: “(...) com base em entrevistas a 28 mil pessoas, de 18 a 88 anos, entre 1972 e 2004; (...) (o estudo) concluiu que a vida fica melhor na percepção das pessoas conforme elas envelhecem.” O trabalho de Lins de Barros (2003), baseado em depoimentos de mulheres cariocas de classe média com mais de sessenta anos, corrobora o estudo americano mostrando que a velhice não impede a formulação de novos projetos. Por outro lado, o caráter transitório da existência e, com isso, a percepção da velhice como estágio próximo

à morte não só biológica, mas também social⁵, é que reforçam a elaboração e a execução de novos planos e metas de vida. Podemos supor que, após o cumprimento de demandas econômicas, sociais e familiares, como trabalho, casamento e criação dos filhos, alguns indivíduos tenham a possibilidade de dedicar mais tempo à realização de anseios e desejos.

Pode-se notar que o processo de envelhecimento na contemporaneidade traz uma série de novas condutas, conceitos e imagens que diferem das concepções tradicionalmente associadas às etapas mais tardias da vida. As novas formas de comportamentos veiculadas pela mídia criam um novo estereótipo associado à velhice e viável para o consumo: uma imagem homogênea associada à beleza, à força e à vitalidade (Stepansky, 2007). Assim, a ideia da eterna juventude é a bandeira levantada pelos mercados de consumo, que constantemente lançam produtos visando combater o envelhecimento. Segundo Lins de Barros (2006), é relevante considerar que, no contexto brasileiro, poucos são os idosos que possuem condições socioeconômicas para usufruir das novas tecnologias e estilo de vida que compõem esse novo perfil da terceira idade, dependendo então do Estado para prover recursos destinados à sua saúde e bem-estar.

É importante assinalar que este trabalho apresenta apenas um panorama geral a respeito do envelhecimento na atualidade. A relevância do tema se impõe pelo fato de que nossas entrevistadas se encontram na meia-idade ou velhice. A meia-idade pode ser vista como uma etapa transitória para a fase posterior sobre a qual refletimos aqui, a velhice. Na maturidade, não temos a vitalidade da juventude, mas ao mesmo tempo “ainda não sentimos as restrições do corpo velho” (Py & Shcarfstein, 2001, p. 123). A seguir discutiremos aspectos específicos da fase de transição do ciclo de vida, a meia-idade.

⁵ É um processo frequentemente lento que leva à progressiva diminuição dos contatos sociais, como também a perda do poder de decisão, autonomia e independência do indivíduo. A “morte social” traz o isolamento, a ausência de relacionamentos interpessoais e a incapacidade de estabelecer novos interesses (MOTTA, 1989).

3.3

A meia-idade: perdas e ganhos

De acordo com Margis e Cordioli (2001), a meia-idade se estende em torno dos quarenta aos sessenta anos e pode ser considerada uma fase comum a todos os sujeitos. Segundo os autores, esse é um período em que a pessoa faz uma avaliação sobre sua vida e projetos, examina suas atitudes e escolhas, ou seja, questiona seu percurso até ali.

Lachman (2004) pontua que as experiências de adultos de meia idade são tão diversas e variáveis em sua natureza e direção, que seu estudo se torna uma tarefa ainda mais desafiadora e complexa. No intuito de facilitar a investigação dessa fase, a autora propõe dividir a meia-idade entre precoce e tardia por se tratar de um período extenso e porque fatores como experiências, papéis sociais e saúde tendem a ser muito distintos de acordo com a faixa etária. No entanto, ela acredita que, mesmo partindo de uma idade cronológica semelhante, muitas pessoas estão em momentos diferentes em relação à vida social, familiar e profissional. Além disso, a importância de se pesquisar o assunto não é apenas em função do crescente aumento populacional de adultos na meia-idade⁶, mas também por este período ocupar grande parte do tempo de vida de um indivíduo.

As experiências da meia-idade incluem situações de perdas e ganhos (Baltes, Staudinger e Lindenberger, 1999), seu percurso é caracterizado por extrema complexidade nas áreas social, psicológica e física. As mudanças observadas no corpo, com a diminuição de funções e capacidades e, também, a morte de parentes e amigos da mesma faixa etária podem provocar angústia e receio, conforme sinalizam a proximidade da velhice. Mas, há também frutos e aquisições: mudanças psicológicas e sociais, que podem incluir melhor equilíbrio emocional, mais sabedoria e objetividade, além de maior senso de controle (Lachman & Bertrand, 2001).

É importante ressaltar que os adultos de meia-idade que compõem a população atual pertencem à geração dos *baby boomers*, que são aqueles que nasceram entre 1946 e 1964 (Zimerman, 2000). Essa nomeação ocorre em função

⁶ Os indivíduos de meia-idade representam aproximadamente um terço dos americanos, e respondem no Brasil por quase um quarto da população. (U.S. Bureau Of The Census, 2006), e 30% no Brasil (IBGE, 2000).

da taxa anual de natalidade que alcança níveis altíssimos após a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos, como também no Brasil. Os *baby boomers* contribuem para várias mudanças fundamentais em aspectos culturais, comportamentais e econômicos do ocidente a partir da década de 1960: vivem experiências como a do movimento hippie, que busca o prazer e a liberdade; no Brasil, em função do golpe militar de 1964, o segmento é marcado pela luta contra a ditadura e por uma produção cultural resistente à censura; em torno de 1980, eles encontram seu caminho no mundo corporativo, potencializando sua capacidade de consumo (Ikeda, Campomar & Pereira, 2008). Assim, os *baby boomers* direcionam a economia ocidental conforme envelhecem com seu enorme poder de gasto.

Lachman (2004) destaca que uma das principais diferenças entre os *baby boomers* e as outras gerações é que eles representam uma coorte⁷ extremamente grande resultando, assim, em maior competição por recursos e empregos. A maior parte dos *baby boomers* opta por ter menos filhos e em uma idade mais avançada do que seus pais. Nota-se também uma preocupação do grupo com a aparência e uma dedicada precaução contra as alterações físicas associadas ao envelhecimento. São eles os principais consumidores de alternativas para a postergação do envelhecimento (Lachman & Firth, 2004). No entanto, nem todos apresentam esse tipo de preocupação, conforme compõem um segmento cultural e etnicamente diverso podendo variar muito entre si.

Voltemos para as pessoas de meia-idade, sem nos esquecermos as características que compõem a geração atual do grupo. Uma das teorias clássicas sobre a fase da meia-idade consiste no ciclo de vida de Erikson (1998). O autor reparte a vida do homem em oito estágios psicossociais, em que cada um corresponde à formação de determinado aspecto da personalidade. A meia-idade consiste na penúltima etapa, fase em que o indivíduo vivencia o conflito entre generatividade e estagnação. A generatividade incide não só na capacidade procriativa, mas também na responsabilidade de deixar alguma contribuição para a próxima geração, através de ensinamentos, ideias, arte ou literatura. A

⁷ Segundo Ikeda, Campomar e Pereira (2008), coorte é a designação de um grupo que passou pelos mesmos eventos externos na passagem para a maioridade. “Apesar do forte fator demográfico (idade), a segmentação por coortes é do tipo psicográfica já que visa à identificação de valores (p. 25).”

impossibilidade de desenvolvimento da generatividade resulta na estagnação; em vez de o indivíduo se ocupar com os outros, ele se perde em uma preocupação egocêntrica. Além disso, permanece demarcado pelo marasmo e se torna receoso para empreender mudanças necessárias mediante perdas e prejuízos inerentes ao avançar da idade.

Segundo Lachman (2004), é comum que o indivíduo, ao alcançar à meia-idade, olhe para trás no sentido de avaliar seu percurso até ali e também de considerar cuidadosamente o que vem a seguir. Para a autora, é saudável que a prioridade nessa fase seja aquilo que falta realizar e não aquilo que já foi ou que poderia ter sido. Embora aqueles que chegam à meia-idade estejam cientes de que o tempo está avançando, a maioria assume que ainda resta um período de vida significativo, embora limitado. Presumivelmente, a meia-idade quer dizer que chegamos à metade da vida - apesar de não sabermos quando será o ponto final - por isso, a expressão se trata apenas de uma estimativa. Esta situação de estar no meio da vida pode ser um impulso para a mudança, mas também pode resultar em uma crise.

Jacques (1965) cria a expressão “crise de meia idade” impulsionado pelos sentimentos depressivos decorrentes da consciência da inevitabilidade da própria morte, que surgiria por volta dos 35 anos. É importante ressaltar que, na época em que o trabalho foi escrito, a expectativa de vida era bem menor do que é hoje nas sociedades ocidentais. A noção desse período crítico de transformação se populariza e se torna rótulo para grande parte das mudanças que ocorrem nas faixas etárias que imediatamente antecedem e sucedem os 50 anos, “principalmente manifestações de insatisfação com o casamento e trabalho” (Costa, 2007, p. 56). Porém, pesquisas recentes mostram que eventos importantes como doença ou divórcio são fontes habituais de crises, independentemente da idade do indivíduo (Lachman & bertrand 2001; Wethington et al. 2004).

É interessante observar que, ao pedir às pessoas de todas as faixas etárias que associassem livremente o termo “meia-idade” a outro qualquer, geralmente um grande percentual respondeu rapidamente a palavra “crise” (Lachman, 2004). Isso provavelmente reflete um estereótipo cultural sobre o período, mas não um retrato preciso, já que apenas uma pequena porcentagem parece experimentar uma

crise de meia-idade ⁸ (Wethington et al. 2004). Assim, pode-se constatar que a crise da meia-idade não pode ser considerada como algo universal, mas sim uma particularidade vivenciada por algumas pessoas em certos contextos (Margis & Cordioli, 2001).

Aqui neste estudo enfatizaremos a meia-idade feminina com o intuito de compreender a fase de vida na qual se encontram nossas entrevistadas. Diversas autoras, ao mostrar interesse por assuntos relacionados ao tema, deparam-se com reações de rejeição (Beauvoir, 1990 [1970]; Coelho & Diniz, 2003; Mori & Coelho, 2004; Goldenberg, 2009). Talvez, exatamente por esse motivo, por se tratar de um assunto delicado, é que nos parece importante aprofundar a investigação.

No caso específico da mulher, uma etapa natural e esperada da meia-idade é a menopausa; Coelho e Diniz (2003) explicam que, “fisiologicamente, menopausa se refere à cessação definitiva da ovulação e menstruação” (p. 97). O termo “climatério” tem sido usado para designar o início dessa fase, momento em que a menstruação se torna irregular, perdurando até após a menopausa. Neste trabalho, utilizamos a palavra “menopausa” para designar todo o processo de alterações do ciclo reprodutivo vivenciado pela mulher.

Entre as manifestações de ordem orgânica da menopausa, encontram-se a perda da capacidade reprodutiva e algumas alterações sexuais, ondas de calor, ganho de peso, perda da elasticidade da pele, flacidez e aumento de risco de osteoporose; os sintomas psicológicos mais comuns são insônia, irritabilidade, depressão e ansiedade (Costa, 2007). Além dos aspectos biológicos e psicológicos, fatores de ordem sociocultural também estão presentes no período da meia-idade feminina; o envelhecer pode ser doloroso para a mulher, já que estamos inseridos em uma cultura que enfatiza a juventude, o corpo e a beleza física (Mori & Coelho, 2004; Goldenberg, 2009).

Juntamente com todos os aspectos que envolvem a meia-idade, é comum que, nessa fase, a mulher ainda se depare com a saída dos filhos de casa, vivência conhecida como “ninho vazio”. Em alguns casos, ela pode se sentir inútil e desvalorizada, principalmente nas situações em que o sentimento de identidade

⁸ Aproximadamente 26% dos participantes na faixa etária acima dos 40 anos relataram vivenciar uma crise de meia idade (Wethington et al. 2004).

encontra-se altamente investido na maternidade (Costa, 2007). Além disso, Coelho e Diniz (2003) acrescentam que o cuidado de pais idosos, propiciando a inversão de papéis, faz vir à tona, entre outras questões, a proximidade com a morte. Ainda segundo as autoras, essas questões relativas à vida familiar podem levar ao surgimento de depressão entre outros problemas emocionais.

Não podemos esquecer que a melhoria na expectativa de vida tem mudado a estrutura das famílias através de uma maior convivência entre várias gerações, resultando em longos períodos de troca de apoio e vínculos afetivos durante a vida (Silverstein & Giarrusso, 2010). Attias-Donfut (2004), ao considerar o papel tradicional da mulher de cuidadora e, ao mesmo tempo, o surgimento da sociedade multigeracional, chama a atenção para um novo perfil: a geração “pivô”. São as pessoas nascidas principalmente entre os anos 1950 e 1960, que enfrentam o que pode ser considerado um dos importantes desafios dos dias de hoje: cuidar, ao mesmo tempo, dos pais idosos, dos filhos e dos netos. A geração pivô foi educada pelos seus pais para o exercício de papéis tradicionais, sobretudo de gênero – os homens, como provedores; as mulheres, para serem boas mães e esposas. Assim, apesar dos princípios democráticos de igualdade pregados pela sociedade contemporânea, com certa frequência, o papel social feminino da geração pivô é o de cuidadora.

É curioso observar que, ao mesmo tempo em que papéis tradicionais permeiam valores e comportamentos da sociedade em geral, o aparato individualista também influencia as escolhas e vivências das pessoas independentemente da faixa etária. Assim, várias são as mulheres que apreciam cuidar dos filhos e netos de modo *ad infinitum*, encaixando-se perfeitamente no papel tradicional de cuidadora embora isso não seja uma regra. Bair (2007), ao entrevistar mulheres na meia-idade e velhice, constata a insatisfação de algumas em terem de arcar ainda com despesas financeiras de seus filhos adultos ou de deixar de fazer suas atividades para cuidarem do neto. Segundo a jornalista, “elas estão fartas de ter de paparicar os filhos e ficam ainda mais furiosas quando os maridos não compreendem por que elas se recusam a se tornar responsáveis, em tempo integral, pelo cuidado dos netos (p.236).” A recusa ou o descontentamento dessas mulheres ocorre, muitas vezes, em função de filhos adultos que ainda moram junto com os pais, ou seja, a “geração canguru” (Henriques, Jablonski e

Féres-Carneiro, 2004). No entanto, alguns desses filhos mais velhos apresentam condições financeiras para morar sozinhos, mas não o fazem. Outros, apesar de já terem deixado a casa dos pais, ainda esperam por um auxílio financeiro e dependem muito deles para que mantenham um estilo de vida desejado, sendo chamados, na obra de Bair (2007), de “fase adulta emergente”; em outros termos, “não são adolescentes... nem realmente adultos” (p. 235).

Em relação à vida afetiva e sexual das mulheres de meia-idade, ainda persiste certo preconceito, que é potencializado por uma atitude cultural sexista. A beleza e a jovialidade são aspectos mais exigidos na figura feminina do que no homem, o que permanece com o avançar da idade. Mais do que isso, grande parte das mulheres acabam internalizando uma crença de que elas são fisicamente atraentes e sexualmente desejáveis apenas em sua juventude (Calasanti & Slevin, 2001).

Conforme estudo de Carpenter, Nathanson e Kim (2006) sobre relacionamentos entre a faixa etária de 40 e 59 anos, a combinação do preconceito em relação às mulheres e aos mais velhos resulta ainda em maior desvantagem, particularmente, para as mulheres de meia-idade. De acordo com a pesquisa, um maior percentual de mulheres relatou não ter companheiro algum, além de constatar que o envelhecimento afeta precocemente e de forma mais intensa a vida sexual da mulher do que do homem. Para os autores, isso pode ser consequência não só de uma atitude mais conservadora das mulheres mais velhas acerca de sua sexualidade, mas principalmente por elas sofrerem uma discriminação dupla, sexista e negativa em relação à velhice (mesmo entre as próprias mulheres), através do discurso disseminado pela sociedade.

É curioso observar que, segundo uma pesquisa realizada com mulheres que escolheram cessar sua atividade sexual na pós-menopausa, elas não o fizeram em função de sintomas relacionados à menopausa, mas sim devido a problemas de relacionamento, saúde precária, relações abusivas do passado, ou a ausência de um parceiro (Winterich, 2003). Cabe lembrar que o avançar da idade não dessexualiza o homem ou a mulher; o que existe, na realidade, é uma constante transformação dos aspectos que envolvem a sexualidade humana durante toda a vida até a morte (Sousa, 2008).

Atualmente, têm-se percebido alterações no curso da epidemia da AIDS, e uma delas é o crescente aumento de número de casos entre as pessoas de meia-idade e idosos. A falta de hábito e a ausência de perigo de gravidez fazem com que as mulheres ou os seus parceiros dispensem o preservativo, expondo-os a diversas doenças sexualmente transmissíveis. O Boletim Epidemiológico de 2006 divulgado pelo Ministério da Saúde, mostra um crescimento significativo dos casos de Aids entre a população com mais de 50 anos no Brasil⁹. Alguns especialistas afirmam que o uso de medicamentos para a disfunção erétil tem intensificado a vida sexual nos períodos mais tardios da vida. Além disso, as pessoas mais velhas iniciaram sua atividade sexual numa época sem Aids; logo, fazer uso de preservativo não é algo ordinário para elas (Sousa, 2008).

Como mencionado anteriormente, o aumento da expectativa de vida e o crescente número de recursos disponíveis visando ao embelezamento e à saúde estão redefinindo o conceito do que é envelhecer. Os estados civis que, na prática, limitavam-se a três para as mulheres de meia-idade (solteira, casada e viúva), hoje convivem com modelos alternativos. Além disso, novas formas de se conhecer e de se relacionar, como por exemplo, através dos *websites* de relacionamento, são utilizadas muitas vezes pelo grupo de meia-idade e idosos. Bair (2007) pontua que o fenômeno dos *websites* de namoro para esse segmento cresce de maneira surpreendente. Um estudo da Universidade de Oxford, publicado no *website* “E-Harmony Labs” (14/02/2011), vem reforçar os achados da jornalista ao constatar que homens e mulheres de meia-idade (40 a 69 anos) foram os visitantes mais frequentes desse tipo de *website*. Assim, parece que grande parte das pessoas mais velhas está aberta às novidades no plano das relações sociais e íntimas.

É cada vez mais comum observar adultos que, na meia-idade, experimentam começar de novo a vida profissional e/ou afetiva (VEJA, 2003, 2005). Costa (2007) afirma que dois eventos comuns na meia-idade podem constituir um fator de grande sofrimento psíquico: o divórcio e a perda do emprego. Entretanto, o autor acredita que esses dois acontecimentos também podem representar uma oportunidade de reflexão e uma possibilidade de abertura para novos caminhos e realizações.

⁹ Nota publicada pelo portal “DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS” em 2006 (www.aids.gov.br).

Enquanto a maioria dos adultos mais velhos é casada, tendências demográficas recentes sugerem crescentes chances de um indivíduo retornar a ser solteiro e permanecer assim por extensos períodos da vida decorrente de eventos como a viuvez ou o divórcio (Wu & Schimmele, 2007). Porchat (1992) ressalta que, quando o rompimento conjugal ocorre num período mais avançado do ciclo vital, além de todos os aspectos específicos que fazem parte deste período de vida, surge também de forma mais penosa um questionamento sobre os anos vividos no casamento, se foram anos perdidos ou não. Nas palavras da autora:

“Se o casal é jovem, há o sentimento de ter a vida pela frente, há a expectativa e disponibilidade para achar um outro parceiro e reorganizar sua vida; talvez então a separação não lhe pareça tão catastrófica. Se o casal está na idade madura, as dificuldades para esta reorganização costumam ser maiores. E o sentimento de solidão e abandono pode intensificar-se, assim como o sentimento de ter fracassado na vida e não haver mais tempo para uma recuperação” (p. 105).

O “divórcio grisalho”

Coontz (2010) acredita que o divórcio veio pra ficar, já fazendo parte de uma realidade que compõe o cenário atual da família. Para a autora, a quantidade elevada de separações acompanha a evolução do amor contemporâneo associado ao casamento. De acordo com o IBGE (2007), os números mostram que de quatro casamentos um termina em separação, entretanto essa realidade não é exclusiva do Brasil, mas permeia praticamente todo o mundo ocidental urbano. Féres-Carneiro (2003) constata que o divórcio não significa uma desvalorização da instituição casamento, mas uma consequência da expectativa elevada em relação à vida conjugal. Atualmente já existem muitos estudos sobre a questão do divórcio, tanto na literatura internacional como na nacional. Diversas pesquisas são realizadas acerca das causas e repercussões do divórcio, do impacto sobre os filhos (crianças e adolescentes), da família ampliada, entre outros temas relacionados (Maldonado, 1986; Vaughan, 1991; Porchat, 1992; Jablonski, 1998; Stern Peck & Manocherian, 1985; Gottman, 1994; Amato, 2000; Féres-Carneiro, 2003; Cherlin, 2004; Coontz, 2010).

Amato (2000) chama a atenção para um assunto ainda em discussão na literatura: se o divórcio representa uma crise temporária, a qual muitos se adaptam com o passar do tempo, ou uma fonte de tensão crônica que persiste indefinidamente. Muitos trabalhos defendem a ideia de que as repercussões da separação como infelicidade, angústia, depressão, consumo de álcool e problemas de saúde persistem por dois ou três anos depois da separação, o que se refere ao modelo de crise (Booth & Amato, 1991; Coontz, 2010). No entanto, outros estudos não encontram melhorias no ajustamento das pessoas no período em que se segue à separação, a menos que tenham voltado a se casar, o que sugere que o processo da separação resulta em feridas irreparáveis, embasando assim o modelo de tensão crônica (Degarmo & Kitson, 1996).

Para muitos autores, de uma forma geral, entre os sentimentos mais comumente vivenciados durante e após o processo de separação estão: perda, abandono, solidão, frustração, depressão e arrependimento (Maldonado, 1986;

Stern Peck & Manocherian, 1985; Vaughan, 1991; Féres-Carneiro, 2003; AARP, 2004). Féres-Carneiro (2003) pontua que a mulher, com frequência, além dessas emoções citadas acima, sente também um alívio e uma sensação de maior autovalorização, enquanto o homem frisa, em sua maioria, o fato de se sentir só e com maior dificuldade de reconstruir sua identidade individual. É preciso assinalar, contudo, que tanto o sentimento quanto a maneira pela qual o divórcio é vivenciado dependem de cada situação e de cada casal. Porchat (1992) e Vaughan (1991) enumeram alguns aspectos que influenciam a forma de lidar com a separação: a história individual, a organização psíquica dos cônjuges, a idade dos parceiros, o tempo e a intimidade da união, as razões da separação, a existência ou não de filhos e principalmente as expectativas frente à instituição do casamento.

Vários estudos demonstram que a época de maior risco de separação são os primeiros anos de união de um casal (Stern Peck e Manocherian, 1985; Clarke, 1995). Apesar disso, observam-se hoje, no mundo ocidental, muitos casamentos que terminam durante uma faixa etária mais avançada, decorrente principalmente da crescente longevidade e melhoria da qualidade de vida no envelhecimento (Wu & Schimmele, 2007). Aumenta-se então o número de indivíduos que experienciam uma grande mudança na vida familiar durante períodos mais tardios. É interessante destacar que, enquanto o índice de divórcio dos adultos norte-americanos, de todas as idades, decresceu entre 1980 e 1990, a taxa de separação de pessoas com mais de sessenta e cinco anos aumentou nesse mesmo período (Clarke, 1995). O Canadá também acompanha o movimento, a única faixa etária que oscila crescentemente pertence ao grupo de pessoas que estão com cinquenta anos ou mais (Kingston, 2007).

Pode-se constatar que grande parte dos rompimentos na meia-idade ou velhice é composta de casamentos que duraram algumas décadas - que aqui neste estudo nomeamos de “divórcio grisalho”-, sugerindo a existência de questões específicas da idade e problemas de adaptação no estilo de vida decorrentes desse evento (Wu & Schimmele, 2007; Kingston, 2007). É relevante pontuar que, até bem pouco tempo atrás, a combinação da baixa expectativa de vida após os 65 anos, os tabus sociais e a legislação conservadora do divórcio fizeram com que a separação entre pessoas mais velhas fosse algo incomum. No entanto, de acordo com Cherlin (1990), o divórcio tardio tende a crescer enquanto os *baby boomers*

envelhecem, trazendo com eles atitudes e comportamentos permissivos, liberais e individualistas.

Hoje é possível observar um número relevante de mulheres que permanecem casadas durante vinte anos ou mais e que tomam a iniciativa da separação (AARP, 2004; Sakraida, 2005; Bair, 2010). Atualmente, muitas avós estão separadas e/ou recasadas abandonando, assim, as duas únicas realidades de poucas décadas atrás: ou mantinham-se casadas com o primeiro marido ou, ainda que tornando-se viúvas, não tinham a chance de casar novamente (VEJA, 2003, 2005; AARP, 2004; Bair, 2010; Watson, Bell & Stelle, 2010). Esta tendência não pode ser ignorada; a separação tardia gera repercussões importantes para o bem-estar psicológico, social e econômico das pessoas mais velhas. Assim, buscaremos nos próximos itens nos aprofundar no tema “divórcio grisalho”, reunindo algumas publicações já realizadas. Entretanto, é importante frisar que, até o momento presente, o assunto não foi muito explorado pelo universo acadêmico (Kingson, 2007). Dessa forma, utilizaremos como bibliografia principal duas pesquisas realizadas recentemente nos Estados Unidos: a da revista AARP (2004) - Associação Americana dos Aposentados - e da jornalista “Deirdre Bair” (2010), ambas com enfoque sobre o divórcio tardio.

4.1

O divórcio grisalho: razões, repercussões e desafios

Embora seja razoável prever que o aumento da longevidade geraria uma maior incidência de casamentos mais longos, o que ocorre na realidade das sociedades capitalistas mais avançadas é o contrário: uma diminuição da prevalência de vínculos conjugais de muitos anos conforme a população envelhece (Wu & Schimmele, 2007). A maioria dos estudos transversais sobre a satisfação conjugal ao longo do casamento sugere o formato de “U”, com uma alta satisfação nos estágios iniciais, baixa durante o período intermediário e aumenta novamente a partir da meia idade, quando os filhos já saíram de casa e o casal tem mais tempo para estar junto (Alford-Cooper, 1998). Contudo, estudos longitudinais trazem resultados diferentes, mostrando que talvez esses padrões encontrados sejam exagerados e possivelmente incorretos. O estudo de

VanLaningham, Johnson e Amato (2001), que utiliza dados norte-americanos de um período de mais de dezessete anos, mostra que a felicidade conjugal diminui para além dos primeiros anos do casamento e continua a decrescer ou a se estabilizar ao longo dos últimos anos. Em geral, os estudos longitudinais providenciam um sério desafio à crença de longa data de que a boa qualidade conjugal se ressalta em estágios mais tardios (Silverstein & Giarruso, 2010).

Decorrente do aumento da expectativa de vida e seguindo os dados sugeridos por VanLaningham, Johnson e Amato (2001) em relação à satisfação do casal com o passar do tempo, surge uma maior diversificação na experiência familiar em períodos mais avançados (Silverstein & Giarruso, 2010). Um exemplo disso é o advento da ruptura conjugal em uma época tardia e suas repercussões no meio familiar. O casamento para a vida toda foi viável durante o tempo em que as pessoas morriam mais cedo e as uniões eram baseadas em acordos econômicos (Kingston, 2007). No entanto, o aumento da longevidade e a ênfase na autorrealização estão gerando demandas individuais que não são cumpridas em muitos casamentos duradouros que perduram até a meia-idade ou velhice (Sakraida, 2005). O divórcio, que antes não era considerado uma possibilidade, surge como saída de uma relação insatisfatória ou problemática. Assim, o ideal de um casamento único e feliz vem se tornando obsoleto já que, frequentemente, ele passa a ser incompatível com o desejo baseado na gratificação pessoal e emocional que assola grande parte dos indivíduos nos dias atuais.

É interessante observar que a combinação de traços que caracterizam a sociedade moderna como o individualismo e a descartabilidade (Bauman, 2003), unidos com a elevada expectativa de vida e com a emancipação feminina, fazem com que a taxa da separação tardia esteja vivendo um movimento crescente (Cherlin, 1990). Como vimos, são as mulheres que pedem o divórcio na maioria dos casos no Brasil (Féres-Carneiro, 2003; IBGE, 2007), o que também ocorre com os casamentos de muitos anos dos Estados Unidos e Europa (AARP, 2004; Bair, 2010). Assim, a figura popular do marido grisalho, que faz uso de medicamentos para a disfunção erétil e troca sua esposa mais velha por uma mulher mais jovem é, na realidade, uma ocorrência não tão frequente (Wu & Schimmele, 2007) e surge, na maioria das vezes, com casais cujo poder aquisitivo é muito alto (Bair, 2010). Em grande parte das vezes, o que de fato acontece é

que muitas mulheres deixam seus maridos para estabelecerem uma vida melhor para si (AARP, 2004; Bair, 2010). Para algumas delas, o alcance de certa idade atua como um gatilho para a escolha pela separação (Sakraida, 2005). Além disso, a maioria das mulheres que vivencia o divórcio tardio se sente melhor a respeito de si mesma quando se vê livre da tensão de um casamento conflituoso e infeliz (Rice, 2004).

De acordo com a revista AARP (2004), mais da metade das pessoas que vivem a separação tardia falam de motivos como o “desapaixonamento”, o tédio presente na relação e mudanças pessoais que não são acompanhadas por seu parceiro. Bair (2010) observa certa dificuldade dos casais em andar na mesma direção e no mesmo ritmo, assim como de chegarem juntos às transformações que desejam realizar. A jornalista destaca a fala de um psicanalista sobre as clientes que estavam terminando casamentos de vinte anos ou mais:

“A primeira metade da vida correu bem porque sua adaptação como esposas e mães tradicionais funcionou. Mas, na metade da vida, este ciclo se rompeu e elas procuravam a psicanálise para se reorientarem de acordo com as circunstâncias nas quais se encontravam hoje” (p. 80).

No frágil momento do casamento em colapso, há uma preponderância de casais que recorrem à psicoterapia para auxiliar na comunicação, para “salvar” o casamento ou até mesmo para atuar como um suporte para uma possível separação. Féres-Carneiro (1995) acrescenta ainda que o principal objetivo da terapia de casal é promover a saúde emocional dos parceiros e não a manutenção ou ruptura do casamento. Nas entrevistas de Bair (2010), cerca de 80% das 184 mulheres frequentaram a psicoterapia por um período contínuo, às vezes por anos, antes de pedirem o divórcio. Na fase mais crítica dos últimos anos juntos, quase metade delas solicitou ao marido que fizesse psicoterapia de casal, embora poucos tenham concordado.

A adaptação após o divórcio difere entre aqueles que iniciaram e os que não iniciaram o processo de dissolução de seus casamentos (Pettit & Bloom, 1984). Geralmente, os que decidem se sentem mais angustiados e estressados antes do rompimento, enquanto os que não tomam iniciativa tendem a sofrer mais posteriormente (Amato, 2000). Segundo os estudos de Pettit e Bloom (1984), os que exercem o pedido de separação relatam menos problemas de ajustamento do

que aqueles que não iniciam. No entanto, com o passar do tempo (em torno de dezoito meses), essa distinção diminui de forma significativa.

É curioso observar que quase em todos os casos em que a mulher toma iniciativa da separação, os homens se mostram “estupefatos” ou “chocados” ao receberem o pedido. Eles geralmente pensam que “está tudo bem” (Bair, 2010, p. 60), o que demonstra certa falta de comunicação entre o casal. Pode-se notar que não só os que recebem o pedido de separação frequentemente se sentem surpresos, mas aqueles que solicitam também reagem, muitas vezes, dessa forma. A iniciativa do divórcio nem sempre é planejada com antecedência, considerando que há relatos em que o próprio pedido foi uma reação de situação limite. Na visão de Bair (2010), o caminho do divórcio, para muitos, parece ter sido pavimentado por um sólido acúmulo de insultos e abusos (psicológicos e/ou físicos) durante o casamento até chegar a um determinado ponto em que, na maioria das vezes, só um membro do casal deseja abandonar a vida conjugal.

Bair (2010) sugere, com base em suas entrevistas, que a decisão pelo divórcio se dá, em grande parte dos casos, em função da liberdade almejada. Além do controle financeiro, muitas mulheres, enquanto casadas, precisam se submeter às normas do marido em relação à vida familiar em geral, seus movimentos e escolhas. Porém, Bair (2010) observa que problemas de dinheiro e o medo de não serem capazes de se sustentar sozinhas fazem com que muitas mulheres permaneçam em casamentos infelizes ou posterguem o pedido de divórcio. De fato, parece que esse temor tende a se transformar em realidade, conforme estatísticas que relatam mulheres em pior situação financeira do que os homens após o divórcio (Hoffman & Duncan, 1988; AARP, 2004; Bair, 2010).

Outros medos e incertezas associadas à vida pós-casamento são fortes impedimentos contra o divórcio tardio. Além disso, a longa duração de uma relação contribui para o adiamento de uma separação, às vezes de forma indefinida (Wu & Schimmele, 2007). Tanto mulheres quanto homens afirmaram, nas entrevistas de Bair (2010), que por muito tempo hesitaram em se divorciar porque tinham medo da solidão, maior receio de todos. A pesquisa da AARP (2004) também aponta que o temor principal da vida pós-divórcio é a solidão, seguida de outros fatores citados, principalmente, pelas mulheres, como a

necessidade de enfrentar a vida sozinha, a ameaça das dificuldades econômicas e a incapacidade de não encontrar um parceiro.

Segundo a AARP (2004), 34% das mulheres que pedem o divórcio mencionam o abuso como principal razão, embora não haja um detalhamento se abuso físico, emocional ou verbal. As entrevistas de Bair (2010) mostram um paralelo com o estudo da AARP (2004): a maioria das mulheres alega o “abuso” como motivo fundamental, mas poucas dizem serem vítimas de abuso físico. O abuso físico é mencionado de forma quase que acidental acompanhado de expressões como “não era frequente”, “era esporádico”, “não doía de verdade” ou “só doía por dentro” (p. 48). É importante salientar que as entrevistadas de Bair (2010) que citam a agressão física variam das camadas mais altas até as classes trabalhadoras, o que mostra como a violência doméstica está presente em vários estratos sociais. Além disso, a autora constata que o distanciamento, a falta de comunicação entre a mulher e seu marido, assim como a ausência de afeto são aludidos, com certa frequência, por suas pesquisadas (Bair, 2010).

No estudo da AARP (2004), a infidelidade é apontada como a terceira causa mais citada para o divórcio, depois do abuso (verbal, físico ou emocional) e da incompatibilidade de valores e estilo de vida. Nas entrevistas de Bair (2010), a forma mais comum de adultério é o marido arrumar uma amante; em geral, uma colega de trabalho que se contenta em manter-se com discrição, vivenciando, muitas vezes, um tipo de casamento paralelo. Logo após a infidelidade, o quarto motivo encontrado pela AARP (2004) para as separações é o uso de álcool ou drogas do parceiro.

Outras razões para a separação, mencionadas pelas mulheres são: viagens longas e/ou constantes do marido, desentendimentos em relação aos cuidados dos filhos, morte de um ou ambos os pais, a aposentadoria, entre outros (AARP, 2004; Kingston, 2007; Bair, 2010). No caso das viagens longas, quando os homens moram longe da família por algum tempo, geralmente as mulheres entram no lugar de autoridade e poder do marido. Ao retornarem, eles tentam “reassumir o comando”, muitas vezes de formas desastrosas (Bair, 2010, p. 84). Os filhos, mesmo já adultos, podem gerar estresse em casamentos já conflituosos de tal forma que contribuam para que a relação atinja o seu limite e se rompa. Bair (2010) exemplifica contando casos em que uma atitude extremamente protetora de

um dos parceiros pode atuar como catalisador fazendo com que o casal perceba como são diferentes em suas atitudes, valores e escolhas.

A morte de um dos pais pode ser considerada uma permissão para a pessoa ser o que deseja, principalmente nos casos em que a separação é recriminada por eles (Bair, 2010). Devido ao fato de que, atualmente, as pessoas, com frequência, vivem até uma idade bastante avançada, os casamentos podem também sofrer com a tensão provocada quando um dos pais do casal fica doente ou incapaz e tem de ser levado para a casa do filho adulto ou internado em uma instituição.

É importante considerar que transições de vida como a aposentadoria influenciam no casamento. Nessa fase, de forma geral, os casais permanecem longos períodos em casa juntos pela primeira vez. Segundo Scott (1997), esse momento requer uma reconsideração de como o tempo é aproveitado, as prioridades e questões territoriais. Em um estudo de casais juntos há mais de 50 anos, os mais felizes e satisfeitos com o casamento são aqueles que não interferem na vida do parceiro depois da aposentadoria (Alford-Cooper, 1998). Assim, uma reorganização da vida do casal e o respeito pelas novas atividades do cônjuge são importantes para que a vida a dois se mantenha harmoniosa, mesmo com modificações em sua rotina.

Não se pode negar que o divórcio tardio acarrete uma transformação global de vida e até, muitas vezes, mostre-se como uma experiência estressante e dolorosa (AARP, 2004; Sakraida, 2005; Bair, 2010). Os maiores obstáculos retratados pelos que vivenciam uma separação tardia são: solidão, depressão, dificuldades financeiras e isolamento social (Wu & Schimmele, 2007). Bair (2010) pontua ainda que grande parte das mulheres se sente fracassada logo após tomar a iniciativa pela separação, independentemente dos motivos e das repercussões. No trabalho de Sakraida (2005), baseado em vinte e quatro mulheres de meia-idade que experienciam o divórcio, mais da metade diz ter se sentido deprimida. Para Khel (2003), a pessoa que vivencia um rompimento matrimonial acompanhada de grande sensação de fracasso, geralmente, está presa à ideologia de que o casamento é para sempre, como se significasse um vínculo eterno.

Embora o processo de divórcio seja, comumente, repleto de dores, ódio e culpas (Maldonado, 2000), a maioria dos entrevistados de Bair (2010) não se

arrepende da separação tardia; o que vai ao encontro da visão de Booth e Amato (1991), na qual o divórcio se trata de uma crise temporária, que pode representar uma segunda chance de felicidade. O desejo de uma vida mais satisfatória pós-conjugalidade supera as dificuldades para a maior parte das pessoas que vivenciam o rompimento conjugal numa idade mais avançada (Bair, 2010). Embora vindos de um ambiente social mais conservador, poucos indivíduos de meia-idade ou mais se sentem estigmatizados por seu grupo social.

Os principais benefícios da separação tardia, segundo os sujeitos pesquisados pela AARP (2004), são: a liberdade pessoal, a auto-satisfação, o desenvolvimento de novas identidades e o fim da convivência conflituosa com o companheiro(a). Bair (2010) menciona que o que a mulher mais gosta a respeito da sua vida atual pós-divórcio é de “ser independente, “estar no controle” e “ser responsável” por suas escolhas (p. 348). Estes dados estão de acordo com a pesquisa de Pyke (1994), que mostra a capacidade de um elevado percentual de mulheres viúvas e divorciadas de sobreviver por conta própria, financeira e emocionalmente. Poucas são as mulheres que se descrevem, na investigação de Bair (2010), como “infelizes” e “incapazes de superar”. Elas são, em maioria, as que se autodenominam “abandonadas”, cujos maridos as trocaram por outra parceira (p. 347). De fato, parece que esse tipo de reação é comum entre o grupo já que, de acordo com Stern Peck e Manocherian (1989), em situações em que um dos cônjuges é deixado, possivelmente ele irá sentir vergonha, humilhação, isolamento e falta de desejo de viver uma nova relação. Essas sensações não aparecem ao acaso; o divórcio consiste em uma experiência de perda que é, muitas vezes, comparada ao processo de luto após a morte de um companheiro (Gray & Shields, 1992).

Apesar de sentimentos como ansiedade, depressão e solidão não serem limitados às pessoas que vivenciam a separação tardia, a literatura sugere que a frequência e a intensidade deste grupo são maiores do que quando comparados aos mais jovens (Bogolub, 1995). Entretanto, homens e mulheres, durante as entrevistas de Bair (2010), demonstraram estar levando uma vida agradável e satisfatória pós-divórcio. Muitas delas, que haviam se concentrado apenas na vida familiar, descreveram a dificuldade de se aproximar de outras pessoas, mas o quanto isso foi importante para seu bem-estar físico e mental.

De acordo com Wu e Schimmele (2007), pertencer a um grupo de ajuda específico para pessoas que vivenciam o rompimento de casamentos de muitos anos pode promover estratégias para lidar melhor com os desafios e as dificuldades da separação. No entanto, a pesquisa da AARP (2004) ressalta que apenas 5% das pessoas que se divorciam numa idade mais avançada usam um grupo de apoio qualquer; a grande maioria parece depender do suporte de amigos e familiares. Bair (2010) encontra uma perspectiva diferente: mais da metade dos entrevistados pontuam que, inicialmente, procuram algum tipo de ajuda em grupo, embora a maioria desista logo. Parece então que, em geral, as pessoas colocam mais fé em sua própria capacidade individual de lidar com obstáculos do que em grupos de apoio.

Já no estudo de Sakraida (2005), as mulheres de meia-idade usam uma ampla variedade de recursos para o enfrentamento dos desafios da separação. Todas buscam algum tipo formal de aconselhamento, quer por uma psicoterapia individual ou por algum grupo de apoio. Além disso, a maioria delas dispunha de um significativo círculo de confidentes, composto por amigos e familiares. Portanto, conversar com indivíduos que vivenciam experiências semelhantes também é considerado uma estratégia valiosa pelas entrevistadas.

Em artigo publicado no *The New York Times* (2010), o sociólogo Andrew Cherlin pontua a vantagem da mulher em relação ao homem, em função da relação mais próxima que a mãe geralmente estabelece com os filhos. Possivelmente são os filhos adultos, especialmente as filhas, que auxiliam a mãe quando necessário. De acordo com Shapiro (2003), as mulheres divorciadas apresentam com frequência, uma convivência maior com um dos filhos adultos, do que as casadas. Já os pais separados, ao serem comparados com aqueles que permanecem casados, tendem a ser menos próximos dos filhos adultos. No entanto, alguns homens divorciados afirmam à Bair (2010) que se aproximaram mais dos filhos ou filhas, e especialmente dos netos. Em muitos casos, eles são os patriarcas tradicionais e muito distantes da família e, talvez com a separação, eles se esforcem para se tornar parte da vida dos filhos como jamais tinham feito.

Segundo Aquilino (1994), filhos que passam pela separação dos pais quando ainda muito novos, comumente, apresentam mais dificuldade em se relacionar com eles a longo prazo, do que aqueles que vivenciam a

dissolução mais perto da vida adulta. Outro conceito interessante expresso por diversos autores é o de que “separação, em parte, se aprende em casa” (Amato, 2000; Jablonski, 2009). Em outros termos, os sujeitos com pais separados mostram-se mais inclinados a acreditar que suas futuras uniões serão mais propensas ao divórcio quando comparados aos jovens com pais casados. Além disso, Bair (2010) percebe que grande parte dos filhos adultos do divórcio tardio, homens e mulheres, são menos românticos e mais pragmáticos nos seus relacionamentos. Ela constata também certa dificuldade neles em aceitar a escolha dos pais pelo rompimento, depois de tantos anos de união. Os sentimentos expostos variam entre raiva, revolta e confusão. Apenas uma minoria dos filhos adultos se sente aliviada com o término do casamento dos pais. Assim, o impacto do divórcio tardio dos pais incentiva a família a buscar uma maneira de conciliar os papéis vivenciados no passado com os novos papéis que se encontram pós-separação.

4.2

Vida após o divórcio grisalho: o momento presente e planos para o futuro

Bair (2010) conta que, ao entrevistar vários tipos de profissionais que lidam com o divórcio, desde áreas do direito até saúde mental, observou que todos concordam com o fato de que, geralmente, a superação da separação tardia acontece de três a cinco anos. Após cinco anos, em média, a menos que a pessoa esteja enfrentando situações muito difíceis como a pobreza ou uma doença grave, a maioria se depara aliviada por ter deixado aquilo para trás. No entanto, Bair (2010) destaca um grupo que acredita “ter encontrado uma nova felicidade” muito mais cedo no processo de divórcio: aqueles que já tinham um novo parceiro antes ou durante a separação, ou que encontraram alguém logo em seguida (p. 345).

De acordo com a AARP (2004), a grande maioria dos que vivenciam o divórcio tardio se relacionam afetivamente pós-separação, 87% de homens e 79% das mulheres. Além disso, o número de homens que estabelecem um relacionamento antes mesmo da separação ser concluída foi maior do que o de mulheres.

É importante acrescentar que, na pesquisa de Bair (2010), as norte-americanas separadas e de meia-idade assinalaram, com certa frequência, a dificuldade de encontrar um parceiro. Esse quadro também é encontrado nos relatos das brasileiras pesquisadas por Goldenberg (2009). Tanto no estudo de Bair como no de Goldenberg, muitas mulheres falaram que se ressentiam por ser muito mais fácil para o homem ter um relacionamento do que para elas, muitas vezes, encontrar alguém, mesmo não sendo tão exigentes. Em vários discursos as pesquisadas se referiram à discrepância entre os gêneros em relação à questão afetiva e apontaram a diferença de idade das mulheres escolhidas pelos homens divorciados - que, com frequência, são mais novas ou têm idade igual às suas filhas.

A maioria das entrevistadas de Bair (2010) reclamou da atitude egoísta do homem em relação ao sexo. Algumas falaram que o sexo requer muito esforço, por isso preferiam apenas uma companhia para ir ao cinema, jantar, ver o pôr do sol, alguém para beijar e abraçar. Em uma conversa com algumas mulheres, Bair (2010) percebeu as diferentes avaliações a respeito da vida sexual das mulheres mais velhas, e uma delas resumira a situação nas seguintes palavras:

“Você pode ter sorte, mas provavelmente não terá. Você sempre pode ter a esperança de encontrar um cara legal, mas não é provável que isso aconteça. Algo maluco acontece com esses homens quando estão solteiros novamente, e eu não consigo imaginar o que seja” (p. 301).

De acordo com De Jong Gierveld (2002), não é espantoso que uma significativa parcela de mulheres de meia e terceira idade, divorciadas ou viúvas, prefira continuar vivendo sozinha. Isso porque elas afirmam já ter investido o suficiente no primeiro casamento. Além disso, talvez as mulheres tenham também lidado com conflitos e desavenças por muitos anos. Assim, por essa e outras razões, várias são aquelas que alcançam ou ultrapassam a meia-idade, e optam por cessar sua vida afetiva. Mulheres divorciadas tendem a pesar cuidadosamente os prós e contras antes de entrar num novo relacionamento, ainda mais quando se trata de um recasamento: por um lado, há intimidade com seu novo cônjuge com todas as suas possibilidades de companheirismo; por outro, uma parceria pode ser uma ameaça à independência tão almejada e conquistada pelas mulheres. Deste modo, novos arranjos podem ser uma possibilidade para aquelas pessoas que

desejam vivenciar uma relação mais igualitária, assegurando então a autonomia e independência de cada um. De Jong Gierveld (2002) pontua que, em geral, as pessoas acima de cinquenta anos estão mais abertas para se relacionar no modelo LAT (“*living apart together*”), do que nas formas mais convencionais de arranjo, que envolvem uma convivência de vinte e quatro horas.

A maioria das pesquisadas de Bair (2010) não está procurando um novo companheiro, mas não saberia o que responder caso um “bom partido” aparecesse. As mulheres justificam a desconfiança em entrar em um relacionamento devido às suas experiências anteriores. Porém, tendo em vista a dificuldade de encontrar um parceiro, pode ser que várias mulheres prefiram nem esperar que isso aconteça no intuito de evitar um mal estar, ou seja, no conceito de Festinger (1957), de reduzir a “dissonância cognitiva”. Logo, a mulher se convence de que é melhor permanecer “solteira” do que se frustrar por não encontrar alguém.

Watson, Bell e Stelle (2010), após pesquisa realizada com mulheres que se recasaram entre a faixa-etária de sessenta e cinco e oitenta anos, observaram que a relação afetiva já em uma fase mais tardia pode representar uma oportunidade de serem apreciadas como mulheres novamente, em vez de serem olhadas apenas como mães ou viúvas. O companheirismo é uma característica unânime dentre as participantes, uma qualidade que, geralmente, não é priorizada no primeiro casamento, contudo não pode ser considerada como substituta para intimidade e romance.

As pesquisadas de Watson, Bell e Stelle (2010) se mostraram surpresas ao experienciar novamente o sexo em suas vidas, porém isso foi algo que elas descobriram através de suas próprias vivências. Isso porque o discurso dominante retrata um mito de que as pessoas mais velhas, geralmente, não têm interesse sexual. Para a maioria das entrevistadas, sexo sem casamento não é uma opção, o que é declarado também na pesquisa da AARP (2004): 77% das mulheres divorciadas que não haviam se casado novamente afirmaram nunca fazer sexo, enquanto apenas 49% dos homens disseram o mesmo.

Segundo Bair (2010), a maior parte das pessoas que mantém sua vida sexual ativa é da faixa dos cinquenta anos: 85% das mulheres e 81% dos homens. Mais mulheres do que homens afirmaram que “dá muito trabalho” (p. 289) estabelecer novas e duradouras relações íntimas. Desta forma, preferiam

permanecer sozinhas ou sair de vez em quando para se divertir um pouco e depois voltar pra casa para “dormir na própria cama” (p. 289). Os filhos adultos, que vivem com suas mães de meia-idade, podem também afetar a vida afetiva e sexual da mulher divorciada. Grande parte delas não traria um homem para casa ou até mesmo não pensaria em coabitar ou casar novamente para não desagradar seus filhos (Carpenter, Nathason e Kim, 2006). Talvez, para essas mulheres, a solução para um relacionamento seria o “LAT” - que são pessoas que, embora se definam como casais, habitam em residências distintas, conforme já mencionado anteriormente. Estudos demográficos realizados nos Estados Unidos já contabilizam que um terço dos adultos que não são casados ou não coabitam com seu parceiro se relacionam através do modelo LAT (Strohm et al., 2009). Esta seria uma forma de manter a privacidade e autonomia, embora “alguns terapeutas vejam o estabelecimento de residências separadas como uma perda trágica, diminuindo, e até mesmo negando, a possibilidade da verdadeira intimidade” (Bair, 2010, p. 286).

De acordo com Sakraida (2005), adaptar-se ao papel de divorciada e/ou mãe solteira engloba uma nova identidade e uma gama maior de obrigações. As mulheres então se encarregam de tarefas, que antes eram geralmente contribuições de rotina do seu ex-cônjuge como, por exemplo, os consertos da casa e a administração das finanças. Assim, a maioria percebe que precisa se reinventar como solteira e não pode mais voltar atrás. Além disso, o mercado de trabalho e suas competências exigidas podem representar um problema para algumas donas de casa de tempo integral e para as que possuem menos qualificações (Bogolub, 1995). Grande parte das mulheres segue em frente, na busca de uma atividade rentável, independentemente da divisão dos bens.

A pesquisa de Bair (2010) confirma os dados encontrados pela AARP (2004) ao constatar que, entre as pessoas de 60 anos ou mais, a maioria das mulheres, diferentemente dos homens, não desejava casar novamente. Segundo o IBGE (2010), a partir dos 60 anos de idade, as taxas obtidas de casamento de pessoas do sexo masculino são mais que o dobro do que as de mulheres. Possivelmente isso ocorre em função de uma quantidade maior de mulheres neste grupo etário e, ao mesmo tempo, ratifica a característica dos homens de buscar, mais frequentemente, o recasamento, inclusive com mulheres mais jovens. Logo,

as mulheres separadas parecem recorrer a outros caminhos que não o recasamento, como, por exemplo, o autoconhecimento através de terapias, novos cursos, aulas de dança e viagens (VEJA, 2003; Bair, 2010). De acordo com Hammond e Muller (1992), independentemente da faixa etária em que ocorre a separação, as mulheres tendem a depender mais do que os homens de uma rede social em busca de suporte emocional durante o processo do divórcio. Bair (2010) fala sobre certa dificuldade dos homens em participar de atividades diferentes daquilo que faziam antes do divórcio, além de certa restrição em fazer amizades. As mulheres se mostram mais abertas para conhecer pessoas novas, como também acham mais fácil ir ao cinema e a restaurantes sozinhas.

Todas as pesquisadas de meia-idade de Sakraida (2005), relataram estar com mais saúde após a separação. Elas citaram melhores hábitos alimentares e a prática frequente de exercícios físicos. A preocupação com a saúde não é algo diretamente em resposta ao divórcio, mas não se pode negar que a ruptura do casamento estimula a melhoria da auto-estima e da qualidade de vida, em geral.

Como vimos, diversos autores (Cherlin, 1990; AARP 2004; Kingston, 2007; Bair 2010) pontuam a tendência do aumento das separações tardias conforme os “*boomers*” envelhecem. Bair (2010) esclarece que eles consideram o divórcio como uma opção para trazer felicidade para uma vida infeliz. Ainda segundo a autora, certos casamentos dos *boomers* acabam em amargura e recriminação, mas existem aqueles que foram capazes de terminar com civilidade e consideração. A palavra que todos do grupo usam, de uma forma ou de outra, é “felicidade”. Eles falam da “busca” por ela, a “luta” por ela e geralmente terminam enfatizando o “direito de ser feliz” (p. 336 e 337).

5

A pesquisa de campo

Com objetivo de conhecer as atitudes e expectativas de mulheres que romperam casamentos de muitos anos de união, utilizamos uma metodologia qualitativa, mais especificamente, a técnica denominada Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2009). Trata-se de uma pesquisa exploratória, bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulações mais precisas dos conceitos relacionados e, como tal, não se baseia em hipóteses previamente estabelecidas.

Optamos pela metodologia qualitativa, pois não há interesse em demonstrar como um fenômeno se comporta numericamente, mas sim em priorizar os aspectos subjetivos do comportamento humano, permitindo deste modo uma exploração das suas motivações, valores e crenças. Assim, não somente enfatizamos as experiências relatadas, mas principalmente os significados atribuídos pelas entrevistadas. Em suma, a metodologia qualitativa colabora muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos das participantes, que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. Cabe também mencionar, que a pesquisa qualitativa não tem como objetivo a generalização, a criação ou descoberta de leis e princípios, o foco de atenção aqui é o específico, o particular e o individual.

Para a realização da pesquisa de campo, fez-se necessária a delimitação do grupo de sujeitos para a realização das entrevistas de coleta de dados. É importante assinalar que a escolha pelo método qualitativo envolve uma renúncia a um número elevado de participantes, à medida que o processo requer profundidade e, com isso, exige mais tempo despendido em cada entrevista.

5.1

Sujeitos

Este estudo contou com a participação de dez mulheres, que foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: (1) mulheres pertencentes ao estrato

econômico médio e alto da população, residentes da cidade do Rio de Janeiro; (2) que foram responsáveis pelo rompimento, legal ou não, de uma união conjugal heterossexual após vinte anos ou mais de convívio; (3) não recasadas; (4) e que estejam separadas, há pelo menos um ano.

Optamos por casamentos com duração de vinte anos ou mais, porque acreditamos que, quanto mais tempo de convívio, maiores são os desafios para se desfazer de uma identidade conjugal, de uma rotina já estabelecida, de hábitos cristalizados, de um padrão sócio-econômico, entre outros (WU e SCHIMMELE, 2007). É relevante lembrar que essas mulheres percorreram, após a dissolução conjugal, uma trajetória entre o familiar e o desconhecido, geralmente, repleta de surpresas, percalços e desafios. Exigimos então, o mínimo de um ano desde a separação, pois consideramos importante um período para a adaptação, não desejando, assim, levantar temas ainda muito recentes e possivelmente um tanto difíceis de serem abordados por elas.

Selecionamos mulheres não recasadas, independentemente do tipo de vínculo conjugal, seja civil, religioso ou apenas coabitação, porque conforme vimos, a maioria delas na faixa etária em que pesquisamos não se casa novamente, como também não acreditamos ser pertinente indagar sobre um relacionamento passado quando as entrevistadas já estão inseridas em outro casamento.

As idades das entrevistadas variam de 50 a 65 anos, isso quer dizer que elas se dividem entre mulheres idosas e de meia-idade, conforme definido previamente, no entanto, todas vivenciaram a dissolução conjugal na meia-idade. Cinco possuem o curso superior completo e, dentre as cinco restantes, três chegaram a iniciar seus estudos na graduação, porém não concluíram, e duas pararam de estudar após o término do ensino médio. Apenas uma entrevistada não tem filhos, o que nos permitiu fazer uma modesta comparação em relação à presença deles ou não. A duração dos casamentos vai desde vinte anos de união até trinta e três anos (média de 24 anos), lembrando que todas as entrevistadas foram responsáveis pelo pedido de separação; fizemos tal escolha de acordo com o predomínio do desejo feminino pelo divórcio no Brasil (FÉRES-CARNEIRO, 2003; IBGE, 2007).

Nos critérios exigidos para selecionar as mulheres, focamos principalmente nos anos de união (vinte anos ou mais) e no tempo mínimo de separação (um ano), o que permitiu que nossas entrevistadas variassem entre um ano e meio e vinte um anos, contando do momento em que se divorciaram até a data da entrevista. Assim, conseguimos retratar um possível percurso que abrange do segundo ano até o vigésimo após o rompimento conjugal - embora não possamos omitir que estamos lidando com sujeitos com experiências diferentes.

Para melhor detalhamento e compreensão dos sujeitos, a seguir apresentaremos os dados relevantes para a realização deste estudo. Os nomes reais foram mantidos em sigilo, na garantia de manter o anonimato das entrevistadas; desta forma, escolhemos por utilizar a letra M (mulher) e, em seguida, o número de acordo com a ordem em que foram entrevistadas. Logo, a primeira entrevistada foi nomeada com a letra M e com o número 1, e assim por diante. Modificamos também detalhes que poderiam identificar as participantes, como nomes fictícios para os ex-maridos e filhos, quando as mulheres, em suas falas, citaram o nome deles, permanecendo porém a substância dos fatos relevantes.

M1

Idade: 56 anos

Escolaridade: Superior incompleto

Duração do casamento: 23 anos

Número de filhos: 1

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 22 anos

Tempo que está separada: 6 anos

Com quem mora: Sozinha

M2

Idade: 57 anos

Escolaridade: Superior Incompleto

Duração do casamento: 20 anos

Número de filhos: 1

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 18 anos

Tempo que está separada: 5 anos

Com quem mora: Mãe e filho

M3

Idade: 50 anos

Escolaridade: Superior Incompleto

Duração do casamento: 23 anos

Número de filhos: Não possui filhos

Idade do(s) filho(s) na época da separação: -

Tempo que está separada: Um ano e seis meses

Com quem mora: Sozinha

M4

Idade: 58 anos

Escolaridade: Superior completo

Duração do casamento: 22 anos

Número de filhos: 2

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 12 e 9 anos

Tempo que está separada: 13 anos

Com quem mora: Dois filhos

M5

Idade: 58 anos

Escolaridade: Superior completo

Duração do casamento: 22 anos

Número de filhos: 2

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 22 e 19 anos

Tempo que está separada: 15 anos

Com quem mora: Sozinha

M6

Idade: 57 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Duração do casamento: 27 anos

Número de filhos: 1

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 21 anos

Tempo que está separada: 8 anos

Com quem mora: Filho

M7

Idade: 57 anos

Escolaridade: Superior completo

Duração do casamento: 25 anos

Número de filhos: 3

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 23, 17 e 15 anos

Tempo que está separada: 5 anos

Com quem mora: Dois filhos

M8

Idade: 64 anos

Escolaridade: Superior completo

Duração do casamento: 22 anos

Número de filhos: 3

Idade dos filhos na época da separação: 19, 17 e 14 anos

Tempo que está separada: 21 anos

Com quem mora: Sozinha

M9

Idade: 60 anos

Escolaridade: Superior completo

Duração do casamento: 25 anos

Número de filhos: 2

Idade dos filhos na época da separação: 16 e 11 anos

Tempo que está separada: 15 anos

Com quem mora: Um filho

M10

Idade: 65 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Duração do casamento: 33 anos

Número de filhos: 3

Idade dos filhos na época da separação: 33, 30 e 29 anos

Tempo que está separada: 13 anos

Com quem mora: Um filho

5.2

Cuidados éticos

Este projeto foi primeiramente encaminhado para a Comissão de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, e, somente após sua aprovação, iniciou-se o trabalho de campo.

Antes das entrevistas, entregamos às mulheres o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual está claro o objetivo da pesquisa e as questões éticas do trabalho, como o anonimato e a possibilidade de se retirar da pesquisa, se achar conveniente.

5.3

Instrumento

Utilizamos entrevistas semiestruturadas (roteiro oculto) como técnica de coleta de dados, ou seja, apesar de já existirem tópicos estruturados *a priori*, a ordem deles foi determinada pelo fluxo da conversa. Escolhemos realizar entrevistas como instrumento, pois elas permitiriam que o sujeito discorresse livremente sobre o tema proposto, criando assim um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. Além disso, o entrevistador teria a liberdade para dirigir, no momento que achasse oportuno, a discussão para o assunto que interessasse, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficassem claras.

É importante pontuar que foram entrevistadas mulheres que não tinham conosco um envolvimento pessoal, o que facilitaria ter - no procedimento - uma maior isenção entre entrevistador e entrevistado. Porém, mesmo sem um conhecimento prévio, uma interação harmônica entre os dois favorecera respostas espontâneas e a discussão de assuntos mais complexos e delicados. Como desvantagem da entrevista semiestruturada, podemos citar uma possível desconfiança em relação ao anonimato do entrevistado e, em função disto, uma possível retenção de informações importantes - embora a maioria das mulheres tenha contribuído com um extenso detalhamento do assunto em questão.

As entrevistas foram agendadas com antecedência e realizadas em um local escolhido pela própria entrevistada a fim de deixá-la bem à vontade e familiarizada com o ambiente. A única exigência era que não tivesse muito barulho, o que poderia prejudicar a fluência da entrevista ou até mesmo dificultar a transcrição e posterior interpretação. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para efeito de análise, preservando-se da forma mais fiel possível o que fora dito.

Durante as entrevistas utilizamos um roteiro composto de itens a serem abordados, mas não nos prendemos a perguntas pré-estabelecidas, o que poderia prejudicar a naturalidade da entrevista. Com o roteiro estruturado em mãos, as entrevistas foram conduzidas de forma flexível, respeitando o fluxo de associações das entrevistadas, mas ficando atentos para não deixar de sondar nenhum item. Além de um importante fio condutor da entrevista, o roteiro foi também extremamente útil para a análise comparativa entre as falas das entrevistadas servindo, então, como um “solo” comum entre elas.

Todas as participantes discursaram sobre os temas que considerávamos mais relevantes para nossa investigação, tais como: expectativas e avaliação sobre o casamento; as motivações para o divórcio; a separação na meia-idade; desafios enfrentados com a separação; alternativas para o enfrentamento das dificuldades; vida profissional (antes e depois da separação); atitude ao redor sobre a separação (filhos, familiares e amigos); vida afetiva e sexual atual; avaliação do momento presente e perspectivas para o futuro.

É conveniente citar que, depois de a entrevistada ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I), ela preenchia também uma ficha

bibliográfica (Anexo II) com dados sócio-demográficos como idade, escolaridade, profissão, idade dos filhos entre outros. Esta ficha possibilitou uma visão geral de algumas características da população estudada; entretanto, mantivemos em sigilo algumas informações, como a profissão da participante antes e depois da separação, com o intuito de garantir seu anonimato.

5.4

Análise dos dados

Como vimos anteriormente, a avaliação do material obtido foi realizada através da metodologia de Análise de Conteúdo, como proposto por Bardin (2009), enfatizando os aspectos qualitativos.

Primeiramente todas as entrevistas foram transcritas, de forma integral e detalhada, procurando-se preservar ao máximo o que e como fora dito. De posse desse material, iniciamos a análise dos dados dividindo-a em duas etapas: inter-sujeitos, na qual se busca identificar as respostas predominantes apresentadas pelo grupo de entrevistadas; e a intra-sujeitos, em que cada entrevista é analisada individualmente. Nessa segunda fase, buscamos possíveis contradições e inconsistências no discurso de cada participante. Depois de encontradas, examinamos se era algo particular da entrevistada ou se aquilo também podia ser observado no depoimento das demais. Voltávamos, assim, a uma comparação inter-sujeitos e, só a partir do movimento repetitivo das duas etapas, foi possível definir as categorias que melhor representariam os resultados obtidos.

Dividimos o roteiro em eixos temáticos; assim, dentro de cada tema, surgiram categorias. Estas emergiram também a partir das entrevistas realizadas e não da construção prévia a fim de que as falas dos sujeitos pudessem ser encaixadas.

Resultados e discussão

A partir da análise dos depoimentos obtidos nas entrevistas, foram selecionados alguns argumentos recorrentes, que surgiram com maior frequência em cada eixo temático, formando as “categorias de análise”, que apresentaremos a seguir. Antes, porém, acreditamos ser interessante comentar algumas informações das mulheres entrevistadas.

Os sujeitos da pesquisa

Utilizando-se dados coletados pelas entrevistadas, fez-se um cálculo no intuito de sabermos a idade com que cada uma se casou. É interessante notar que seis das entrevistadas casaram-se com menos de vinte e três anos, enquanto o casamento das quatro restantes foram realizados na faixa etária entre vinte e cinco até trinta e dois anos. O primeiro grupo é composto de mulheres cujas idades variam entre 57 e 65 anos, enquanto que o segundo engloba as entrevistadas entre 50 e 57 anos. Isso nos permite pensar que, embora a diferença de idade entre os dois grupos não seja tão elevada, foi bastante significativa visto o momento de transição social em que elas estavam experienciando. Logo, é curioso destacar que as mulheres do segundo grupo pertencem aos últimos anos de nascimento da geração dos *baby boomers* (1954 a 1961). Elas se depararam com mudanças que estavam em pleno andamento no Brasil e no mundo ocidental, presenciando assim o auge do movimento de instabilidade e rupturas na vida social e, ao mesmo tempo, o incentivo às aspirações e projetos individuais (Féres-Carneiro, 1995, 2001; Jablonski, 1998; Goldenberg, 2000; Araújo, 2009). Essas entrevistadas, então, casaram-se numa idade mais avançada em relação àquelas que nasceram ainda no início das transformações sociais, políticas e econômicas (1946 a 1954), indicando assim a tendência de que os casamentos passariam a ser cada vez mais tardios, o que se manteria num movimento crescente como demonstrado pelos dados expostos anteriormente (IBGE, 2009).

As entrevistadas, acompanhando a rápida industrialização do país com o desenvolvimento do consumo e da indústria cultural, sem planejar previamente, desafiaram os modelos de suas famílias de origem, buscando outros projetos de vida. Isso quer dizer que os sujeitos que compõem este estudo são participantes diretos ou indiretos de um cenário de transição que se deu a partir da metade do século XX, como vimos anteriormente (Féres-Carneiro, 1995, 2001; Jablonski, 1998; Goldenberg, 2000; Araújo, 2009), e que contribuiu para a instituição do casamento e da família se tornarem mais flexíveis e plurais (Vaitsman, 1994). Corroborando os achados de Alves (2003), a maioria das entrevistadas se preocupou com seu investimento educacional, dando início ao curso superior, mesmo que nem todas o tenham concluído. Já estava se abrindo então, naquela época, a possibilidade de um crescimento pessoal, momento em que “as moças iam conquistando seus espaços, legitimando vãos mais altos e construindo uma identidade não mais exclusivamente referida aos papéis domésticos” (Vaitsman, 1994, p. 95). É interessante constatar que, na época da entrevista, todas tinham uma fonte de renda mensal comprovando, assim, uma autonomia e independência, de que possivelmente as mulheres das gerações anteriores dessa mesma faixa etária não usufruíam.

6.1

Expectativa em relação ao casamento

A partir dos relatos, foi possível verificar diferentes expectativas em relação ao casamento: para a maioria era algo sonhado e esperado e, no entanto, algumas disseram não compartilhar desse sentimento, provavelmente em função do momento revolucionário em que estavam vivendo. Aqui, nesta categoria, abordaremos esse assunto destacando pontos que nos chamaram mais atenção.

Um sonho de menina: casar e ter filhos

Três entrevistadas frisaram o casamento como um sonho de menina atravessado por um ideal da época, incentivado, principalmente, pela educação baseada na divisão dos papéis de gênero, conforme descreveu Figueira (1987) ao se referir ao modelo “hierárquico” de família. Logo, a dicotomia público/privado

relativa às atividades do homem e da mulher aparece, com clareza, nos depoimentos abaixo.

“(...) eu fui criada à época antiga, vamos dizer assim, né? Não me criaram pra dizer: ‘olha, o que você quer ser no futuro?’ Não! E sim: ‘Quando você casar, quantos filhos você quer ter?’ As panelinhas, vassourinha, boneca...essas coisas, né? E a gente tem sonhos, sonhos mesmo (...) Imagina, se eu ia ficar de titia. Nem morta! (risos)” (M3)

“Sonhava com o dia do casamento! Quem era a menina que com 20 anos, daquela época, que não tinha sonhos de achar seu príncipe encantado, né? (risos)” (M5)

“(Casei) com tudo direitinho, família tradicional, casamento, igreja. Casei com... o meu marido era doze anos mais velho do que eu... pra mim foi uma liberdade, porque eu tive uma família muito tradicional, meu pai era uma pessoa muito rígida, aí na minha casa era de uma rigidez muito grande, em termos de educação, de comportamento... muitas coisas não eram permitidas... não podia ir em baile de carnaval, não podia ir em boate, não podia namorar...” (M8)

É curioso observar que as mulheres se dividiram entre aquelas que privilegiaram o ritual, o casamento civil e religioso com véu, grinalda, festa e convidados, enquanto outras apenas escolheram morar junto, oficializando ou não no cartório. Então, rompe-se com o ciclo típico e ideal, que começava com o namoro sob o olhar da família, prosseguia com o noivado e, após alguns anos, com o pressuposto da virgindade da moça, realizava-se o casamento. Assim, esta geração quebra duas regras: a virgindade até o casamento e seu ritual religioso e/ou civil.

“Eu casei de noiva, mas, por exemplo, era uma época que algumas das minhas amigas tinham relação sexual com seus namorados e eu era uma delas. E outras não, nem se pensava nisso.” (M4)

É interessante notar através dos depoimentos, a coexistência de valores tradicionais e inovadores, tanto entre as mulheres, como também em um mesmo relato, o que iremos aprofundar no desenvolvimento da análise. Apesar da existência de uma maior pluralidade nos arranjos familiares, o sonho com o casamento é algo que ultrapassa as gerações e alcança grande parte das mulheres.

“(...) nós escolhemos casar no civil, tá? Então foi uma festa, foi uma festa sim com o vestido de noiva, essa coisa toda. Então, existia assim, eu posso dizer um sonho em termos é... um certo conto de fadas, vamos dizer assim... Por exemplo, quando eu vi agora o casamento da princesa Kate, você queira ou não, aquilo mexe com o inconsciente coletivo, acho que de todo mundo. De todo mundo não! Mas uma boa parte das mulheres...” (M4)

Novos padrões de conjugalidade

Com o afrouxamento das normas sobre os comportamentos ligados à sexualidade, namoro e casamento, surgem novos padrões de conjugalidade e família na sociedade contemporânea (Mintz & Kellog, 1988; Vaitsman, 1994; Wagner & Levandowski, 2008). Duas mulheres influenciadas pelo contexto de transformação da época associam sua decisão sobre o casamento com o momento em que elas estavam vivendo e as especificidades da sua geração.

“(...) não casei de branco... não casei, não casei nem no papel! Eu fui morar com ele. E assim, a minha geração foi uma geração assim, totalmente contra o casamento, na minha época, ninguém casava, todo mundo ia morar junto....” (M2)

“Eu casei numa época de revolução sexual, de revolução do papel da mulher, (...) muita gente não casou na igreja, a gente, por exemplo, não casamos na igreja por causa da diferença de religião, mas a gente fez uma festa, chamamos a família e tal... E aí tinham amigos nossos que se juntavam, mas, quer dizer, tinha a ligação do casamento, mas de uma outra maneira...” (M7)

Uma das entrevistadas foi movida mais por uma vontade própria do que algo relacionado à sua geração ou meio familiar, expressando assim a força que ganharam as aspirações individuais, confirmando as afirmações de Vaitsman (1994) quanto à abertura à individualidade e liberdade de direitos.

“(...)desde muito nova, eu sempre fui assim, tem muitas coisas que eu fui avessa, eu nunca quis casar! Pra mim isso não era importante, eu nunca sonhei com vestido de noiva, pra mim isso não... nada disso era importante. Então, assim, até que pra minha época eu era meio atrevida, né? Porque eu já assumi uma relação, entendeu? Então assim, na minha época isso ainda era meio estranho, mas mesmo assim eu fui ouvida (pelos pais).” (M6)

A persistência em relação à continuidade do casamento

Na maioria das entrevistas, observamos a dedicação das mulheres em “salvar” o casamento; o que, possivelmente, mostra um desejo de concretizar um ideal de casamento para “a vida toda” (Khel, 2005). Ao conviver com a realidade, as mulheres percebem que a indissolubilidade não é simples, isso porque a teoria e a prática do casamento são muito diferentes. Embora muitas vezes insatisfeitas, as participantes se mostraram persistentes em manter o casamento com a esperança de que a relação conjugal fosse melhorar.

“(...) porque eu pedi separação duas ou três vezes durante três anos e ele não quis. E eu achava bobagem também, porque na verdade, no fundo, no fundo, eu sonhava, sonhava com que fosse mudar de alguma forma. Não mudava nada, uma semana, duas semanas... Porque ele tava acomodado, pra ele tava bom assim.” (M3)

“Eu sempre tentando e achando que um dia poderia melhorar. Eu sempre estava tentando salvar. Sempre! O tempo todo tentando salvar, achando que... ah, vai melhorar... Vai melhorar, aí melhora um pouquinho, aí faz uma viagem, aí volta e tá bem. Aí depois começa tudo de novo...” (M5)

“Então, existe esperança até quando você está tentando. Tanto que assim, eu fiquei um mês sem falar, aí houve ainda alguma situação que a gente tentou, mas uma semana depois já não dava mais (...) Então assim, chega uma hora que não tem mais o que fazer...” (M6)

Como vimos, a longa duração de uma relação contribui para o adiamento de uma separação (Wu & Schimmele, 2007), além de outras razões. É interessante perceber que, em certos casamentos duradouros, o vínculo já havia se rompido há alguns anos, contudo é difícil enfrentar tal situação, conforme a fala de uma entrevistada:

“(...) eu acho que essa questão assim da separação depois de tantos anos, primeiro é muito difícil, é muito difícil você romper... mas, na verdade, na verdade, é como se a coisa já... já tinha acontecido, já tinha rompido, algo tinha sido rompido e a gente fica negando, a gente fica arrastando...” (M7)

O fato de o casal já ter caminhado tanto tempo lado a lado, geralmente, contribui para que a separação seja interpretada pela mulher como uma perda de tudo aquilo que já foi vivido. Além disso, pode prevalecer o desejo de envelhecer junto, já que foi esse parceiro que esteve com ela durante muitos anos e, por isso, ambos já estão adaptados um ao outro.

“Eu sinto que seria muito bom envelhecer com a pessoa com quem você tá junto há muito tempo. É diferente você conhecer uma pessoa depois de uma certa idade, você já com idade, cheio de manias e cheio de coisas, fica muito mais difícil.”(M2)

A mesma participante diz que hesitou também em se divorciar, pois tinha medo de prejudicar seu filho.

“(...) realmente, de uns cinco anos, eu já estava no final do meu relacionamento, eu fui aguentando, porque eu tinha um filho... Eu achava que se me separasse iria prejudicar ele, na escola, na faculdade. O meu filho entrou na faculdade e (minha relação) não melhorava. Eu sempre tinha a esperança que fosse melhorar, mas ao contrário...” (M2)

Outra entrevistada procurou impedir a revivência de uma experiência traumática que sofreu na infância: a separação dos pais. Ela temia trazer de volta

uma situação passada com todas as dificuldades e sofrimentos inerentes, podendo tornar seu rompimento conjugal ainda mais doloroso. A participante chegou a se separar e reatar algumas vezes e, assim, foi ganhando forças para concretizar de fato o divórcio.

“Eu já me separei várias vezes dele, me separei... na quarta é que eu consegui, porque eu não conseguia dar continuidade na separação. (...) Eu insisti muito (em continuar casada)! Eu insisti porque eu achava que... eu não queria repetir que meus pais se separaram, foi muito sofrimento pra mim... Então, é... eu era pequena, tinha 12 anos, então na verdade eu acho que um dos motivos que eu demorei pra me separar foi pra não vivenciar de novo todo aquele sofrimento...” (M1)

Depois de persistentes tentativas, é comum que um sentimento de “fracasso” venha à tona, independentemente do motivo e das repercussões da separação, assim como Bair (2010) assinalou. Afinal de contas, é um sonho que está se desfazendo, de família, de relacionamento. Dessa forma, a idéia internalizada de que o casamento é um laço indissolúvel e permanente contribui para que a ruptura conjugal ocorra repleta de sofrimento.

“Inicialmente, quando um dia eu saí da terapeuta, a primeira coisa que me veio na cabeça foi fracasso, fracassei no casamento. A primeira coisa que eu falei foi: fracassei! Fiquei muito triste, chorei à beça por ter fracassado, pelo meu sonho não ter dado certo, vamos dizer assim, né? É engraçado, eu acho que isso é cultural...” (M3)

“Quando você fala assim: ‘a propósito de ficar velho junto?’ Eu queria muito ficar velha junto! Eu tenho maior coisa com família. Eu sofri PRA CARAMBA! Quando eu botava assim ‘divorciada’, ‘separada’ (se movimentou como se estivesse assinando), rasgava o meu coração. Mas, você tá entendendo? Era uma coisa assim, realmente de conflito, porque era insuportável viver junto, mas eu tinha um MONTE de ideais. Eu tinha um ideal de família, eu tenho uma coisa de família muito forte. Então, é... nossa, eu queria muito... é uma coisa que me entristece muito, sabe?” (M9)

6.2

Motivos para a separação

Todas as entrevistadas enumeraram um somatório de acontecimentos, mudanças e atitudes que desgastaram o casamento, levando assim ao pedido de separação. Nenhuma delas se sentiu surpresa com a decisão pela separação, como Bair (2010) mencionou que ocorreu em algumas das suas entrevistas. Isso porque

a escolha pelo divórcio, em todos os relatos, deu-se aos poucos, até chegar à conclusão pelo rompimento conjugal.

Apresentamos as subcategorias abaixo por ordem decrescente; ou seja, das mais mencionadas para as menos.

Falta de cumplicidade

Quando instadas a se pronunciar sobre os motivos da separação, oito das dez mulheres destacaram respostas relativas à “falta de cumplicidade”, associada a ideias como ausência de um “espaço em comum”, de “interação”, de “diálogo”, de “companheirismo” dentre outros. Em muitos casos, as mulheres ressaltaram a ausência de um parceiro amigo, com quem elas pudessem confiar suas questões. Algumas participantes também enfatizaram que o marido não compartilhava aspectos importantes com elas; preferindo assim se fechar e manter certa distância delas. Dessa maneira, este estudo corrobora os resultados de Bair (2010), que obteve o distanciamento e a falta de comunicação entre o casal como uma das principais razões para separação.

“(...) eu nunca me senti parceira dele, assim... cúmplice! Porque quando você tem uma pessoa do seu lado, você acaba sendo cúmplice das coisas que vão acontecendo. E ele era tão orgulhoso, sabe, e vaidoso. (...) Quando há uma cumplicidade entre os dois, você até segura a onda, mas não houve isso. (...) Eu me senti traída do dia a dia, de amizade, dele não confiar, não acreditar... de mentir, a mentira é a pior coisa que tem num relacionamento, sabia?” (M2)

Uma entrevistada frisou a ausência de diálogo, do “bate papo” cotidiano, da falta de interação entre marido e mulher, o que acabava em um distanciamento crescente dia após dia.

“Eu me frustrei muito com a falta de comunicação... (...) Então eu pensava, poxa, duas pessoas chegam em casa naquele script de casamento que todo mundo, tanto ele quanto eu aprendemos, né? Então a mulher vai pra cozinha faz a comidinha e o homem fica vendo televisão... Isso começou a me incomodar, muito! Porque eu falei: ‘tudo bem, eu posso fazer, mas ele vai ficar o tempo todo vendo televisão... Cadê a interação?’” (M3)

Geralmente, a ausência do homem na casa, em companhia da família, influencia negativamente a relação do casal. Uma participante mencionou que seu marido ficava não só longe durante a semana (o que até ajudou a prolongar o casamento), mas também quando ele estava no Rio de Janeiro, sua presença em casa era incomum, o que prejudicava sua interação com ele.

“Quando ele viajava, que ele toda semana passava dois, três dias em São Paulo, eu achava uma delícia! Porque não tinha que aturar o mau humor... (...) Achava muito bom essa distanciazinha durante alguns dias. Eu acho que isso até que foi protelando mais o casamento... Essas viagens dele. Isso durou... acho que uns 3, 4, 5 anos... E depois quando ele chegava, era clube o dia inteiro... Então, a casa e a mulher e os filhos eram sempre meio em que segundo lugar, né?(...) Aí a gente mal conversava, mal se falava direito...” (M5)

As viagens do marido podem tanto postergar uma possível separação, como vimos acima, quanto afastar ainda mais um parceiro do outro.

“A gente se distanciou DEMAIS aqui (no Rio de Janeiro). Primeiro porque ele ainda tinha os negócios lá (Uberlândia, onde moravam), ele viajava muito e eu ficava mais sozinha e eu tive um desenvolvimento profissional muito grande aqui. Então, a gente se distanciou totalmente e... a vida passou a ser assim em função de manter as crianças bem...” (M8)

Conforme Bair (2010) afirmou anteriormente, um distanciamento físico duradouro pode alterar o funcionamento da casa, como também ser a oportunidade para o resgate da individualidade da mulher, ser uma redescoberta de si mesma e até mesmo um ensaio para um rompimento futuro.

“E mais perto da época da separação, ele cismou que tinha que aceitar um trabalho fora do Rio (...) ele ficava, praticamente, internado lá, tinha direito a uma folga por mês e foi um choque muito grande, porque uma pessoa que vivia dentro de casa, de repente, ir pra fora, e eu senti que ali foi um processo de separação, vivi um processo de luto muito forte, chorei muito, ele levou, praticamente... caixas e mais caixas e roupas e coisas... E passado essa fase, do luto propriamente dito, eu comecei a... eu me tornei uma outra pessoa! Comecei a me redescobrir, como pessoa, como ser. Eu comecei a ter tempo livre, e eu comecei a viver uma experiência de não ter aquela chatice dentro de casa, o mau humor... (...)Bom, e aí, me senti muito aliviada, então, eu passei uma outra época, meus filhos mais calmos, a casa mais tranquila e eu tendo assim... claro, sozinha, mas um movimento mais meu...” (M7)

Ainda que um relacionamento seja repleto de amor e paixão, a falta do quesito “companheirismo” pode dificultar a relação.

“(...) eu acho que a gente sempre foi muito apaixonado, mas a gente foi pouco amigo... (...) Eu acho que a gente tinha uma relação de muita paixão, uma relação muito forte de homem e mulher, entendeu? E a gente... não pôde, não soube é... ficar amigo, ser mais companheiro, enfim...” (M9)

Alcoolismo ou bebida em excesso

Assim como a pesquisa da AARP (2004), o alcoolismo ou bebida em excesso foi um dos motivos mais citados pelas participantes. Entretanto, a bebida não pode ser considerada a causa em si, mas um desencadeador de outras questões

prejudiciais para a relação como, por exemplo, agressões verbais e psicológicas. Nas pesquisas da AARP (2004) e Bair (2010) esses tipos de agressão (mesmo utilizando outro termo, abuso) aparecem também com muita frequência, mas diferentemente da nossa pesquisa, eles não especificaram se estes abusos estavam associados ao uso do álcool.

“(...) quando ele (o marido) começou a perder dinheiro, ele começou a beber (...) o meu ex-marido bebia cada vez mais, era agressivo, entendeu? (...) Até meu filho presenciou assim, o pai bebendo, agressivo comigo.” (M2)

É interessante perceber que da mesma forma que Bair (2010) ressaltou que as mulheres eram muito cuidadosas ao comentar sobre possíveis agressões físicas, aqui também encontramos a preocupação de uma participante em exaltar que não sofria esse tipo de abuso.

“(...) porque o meu ex-marido bebia muito, o motivo também número 1 da separação foi a bebida, eu esqueci até de te falar... Então, foi a bebida. Ele não chegava a ficar agressivo, ele ficava chato, quer dizer, ficava agressivo de palavras, né? Não de atitude, né? Mas, de palavras, ficava agressivo... (...) A bebida foi fundamental para a separação... Mas é um somatório, atrás da bebida vem um somatório de coisas que te desagrada...” (M5)

Uma participante citou episódios que envolveram o filho no conflito com o cônjuge como agravantes para a situação em que se encontrava.

“(...) ele bebia e ficava agressivo. Assim, teve alguns lances que graças a Deus, nunca saiu nada de pancada, mas eram mais agressões verbais. Então isso pra mim era muito complicado. Aí quando assim, o filho cresce, acabou! Eu acho muito triste um filho dar um tapa no pai ou encarar... Acho muito triste, muito triste.”(M6)

O alcoolismo foi aludido como algo que prejudicou o casamento, mesmo que em todos os casos deste estudo, o cônjuge (alcoólatra) já estava abstinente anos antes do divórcio. Contudo, o vício pela bebida foi desgastando a relação aos poucos, prejudicando o encontro sexual e a interação do casal.

“(...) então, eu percebia assim que, por exemplo, meu filho era bebê e antes do meu marido subir, ele dava uma paradinha no bar. Bebê pequeno e eu querendo que ele voltasse pra casa. Naquela época não tinha essa coisa de celular, né? (...) E aí, quando ele chegava, ele já tava com cheiro de bebida... (...) durante muito tempo, eu fiquei muito só, porque essa coisa de que a gente trabalhava, cada um pra um lado... quando se encontrava tinha essa coisa da bebida... Que não era bem do jeito que eu queria, então... e não era do jeito que ele queria também! Então, eram decepções de parte a parte. E ele

queria uma mulher ferosa, e eu sentia uma coisa meio brecada quando eu encontrava ele com aquele hálito alcoolizado.” (M7)

É curioso constatar que a abstinência não é a solução para “salvar” o casamento em casos de alcoolismo de um cônjuge, como mencionamos anteriormente. Depois de parar de beber, outros desafios vêm à tona como, por exemplo, a reconstrução da vida social e o investimento na relação conjugal.

(...) quando ele parou de beber, os amigos eram todos ligados ao álcool. E ele não trabalhou isso, e eu solidária, fiquei com ele, praticamente fazendo nada, absolutamente nada. Era casa, casa, casa, trabalho, casa, casa, trabalho e filho, tentar ter filho. E a grana também estava curta, mas quando você quer se divertir... Você vai dar uma volta no calçadão, sei lá... Vai ver um cinema que é uma coisa relativamente barata... Quando você quer fazer as coisas, você faz! E a gente não tinha esse tempo de lazer juntos. Aí ficou sem graça...” (M3)

Descompasso

O descompasso entre o casal foi citado por algumas mulheres validando, então, os resultados da AARP (2004) e Bair (2010). Com o passar do tempo, possivelmente um dos parceiros ou até ambos vão se transformando, amadurecendo, alterando sua percepção sobre as coisas, porém nem sempre o casal consegue andar junto, lado a lado, durante o processo. Os interesses vão se modificando, os gostos se alteram, as demandas variam, enfim, conciliar todas essas mudanças pode ser uma tarefa complexa, como descreveram duas entrevistadas.

“E porque eu me decepcionei com algumas coisas, houve mudança também de comportamento... (...) Dele, assim ele não era uma má pessoa, não foi nesse aspecto não, tá? Me amava muito... (...) mas... é... mudou, pra mim mudou, eu casei com uma pessoa e ele foi se transformando em outra que não me interessou mais. Se ele tivesse se transformado em alguma coisa melhor... ou vai crescendo juntos, mas quando é uma coisa que não é positiva... aí fica complicado, né?” (M1)

“(...) realmente... eu acho que meu marido também ganhou muito dinheiro e muito rápido, não sei se isso interferiu, ele ficou uma pessoa meio que assim, tudo era possível, tudo podia, meio sem limite sabe, acho que isso pode ter influenciado...” (M10)

Em consonância com os estudos de Féres-Carneiro (1998), o descompasso entre os membros do casal remete às tensões entre aspectos individuais e conjugais dos parceiros e, muitas vezes, prevalece a ênfase no particular. Assim, abdica-se da conjugalidade em função dos desejos individuais. Além disso, nem sempre mudanças significativas ocorrem com um membro do casal ou com

ambos, mas o tempo pode ressaltar diferenças que sempre existiram. Assim, o que antes era aceitável passa a não ser mais, portanto ideais, personalidades e estilos de vida distintos podem pesar com o passar dos anos.

“Acho que fui amadurecendo mais e não quis mais aquela situação. Eu já tava cansada daquilo. Até porque assim, eu sempre fui muito família e ele não era família... Então, aí vinha as brigas, as discussões, entendeu? (...) E assim, ele é uma pessoa muito arrogante, muito... sabe essas pessoas explosivas? E eu já sou muito na minha, não gosto desse tipo de... falar alto, brigar, eu não gosto de nada disso. Pra mim, aquilo sempre me incomodou muito. Aí chegou uma hora que não deu mais.”(M6)

“Na verdade, o que tava acontecendo é que quando a gente decidiu casar, foi um coisa assim... eu já tava com um nível de amadurecimento profissional maior, e ele continuou no ativismo político. (...) E eu acho que esse descompasso perdurou, eu acho que o casamento inteiro. E tanto que, o que mais norteou nossa crise afetiva era que realmente eu passei a ser uma pessoa muito capaz, competente e qualificada... e ele, é como se ele tivesse parado no tempo... (...) Então, assim, essa realmente foi uma questão, além de outras questões... eu acho que isso interferia nessa relação homem- mulher-sexo. Eu acho que, eu não sentia uma firmeza.” (M7)

O descompasso pode interferir na admiração, na interação e na vida sexual do casal tendendo a agravar quando o crescimento de um dos membros caminha num ritmo distinto ao do parceiro. Um das entrevistadas tinha uma diferença de doze anos de idade em relação ao seu marido, o que acarretou diversos conflitos de interesse e distanciamento entre eles.

“Então, a partir dos nove anos de casada, eu comecei a sentir uma diferença muito grande, porque como eu era muito nova e ele bem mais velho, eu sentia que existia uma diferença muito grande em termos assim... você olha o futuro, né... enquanto eu tava descobrindo as coisas, que ele já tinha descoberto... doze anos de diferença... E aí a gente começou a ter umas diferenças que eu não demonstrava em nada, mas eu confesso pra você que depois de nove anos, eu já comecei a não ter tanto prazer naquele casamento... não me satisfazia em várias coisas: primeiro que ele não acompanhava meu crescimento e nem aceitava meu crescimento... (...) ele começou a sentir que eu não era mais a mesma pessoa, a gente cresceu assim, em movimentos diferentes, né... e cada um foi pra um lado, quer dizer, eu mais do que ele, né.” (M8)

Filhos: felicidade e dificuldades conjugais

Não é por acaso que a época de maior risco de separação consiste nos primeiros anos de união (Stern Peck & Manocherian, 1985; Clarke, 1995): além da adaptação à vida a dois, trata-se também, geralmente, do período de nascimento dos filhos. O impacto da nova rotina com o bebê pode repercutir negativamente no casamento, acarretando crises conjugais sérias ou desentendimentos recorrentes. Entretanto, a maioria das entrevistadas disse se

sentir “encantada”, “deslumbrada” e “fascinada” pela maternidade e tudo relativo a ela, o que nos remete à qualidade de mãe e cuidadora do papel tradicional da mulher (Biasoli-Alves, 2000; Brasileiro, Jablonski & Féres-Carneiro, 2002; Attias-Donfut, 2003). Neste estudo, duas mulheres (M4 e M9) demoraram em torno de dez anos para ter o primeiro filho. Assim, possivelmente em função da entrada de um elemento a mais na família, surgem conflitos e dificuldades em relação à adaptação dos papéis. Além disso, uma participante afirmou que os filhos permitiram que as diferenças do casal aparecessem com maior clareza, já que a partir daquele momento eles tiveram que lidar com várias situações complicadas e desconhecidas.

“(...) tem um período que é um período de adaptação, de conhecer o outro, de ter essa relação de homem e mulher, que basicamente eu não conhecia nada disso, né?... Bom, então nesse aspecto, a gente era muito companheiro realmente, porque tínhamos uma coisa de nos entendermos, sempre conversávamos muito... Aí chega nosso primeiro filho (Breno) depois de uma convivência grande e aí muda tudo, porque é um outro universo. (...) Porque no dia em que eu fui mãe, eu fui ver o mundo de uma forma muito diferente... com a família e o filho a gente começa, digamos assim, a ter um tempo, que é de outras adaptações. Onde não era mais só nós dois, havia um terceiro elemento, que se era um elemento fantástico porque é... , digamos assim, reafirmava uma relação de dois, também era alguém que mostrava as diferenças de ambas as famílias... (...) As coisas da relação, do casal, vamos dizer assim, nós passamos mais a ser pai e mãe do Breno do que ser companheiros, homem e mulher...” (M4)

O nascimento dos filhos pode também acarretar, em alguns casos, ressentimento no marido ao ter que dividir com o bebê, o amor e a atenção da mulher, já a esposa é capaz de se sentir sufocada de tanta solicitação. Do mesmo modo, desentendimentos na maneira de educar os filhos podem gerar crises entre o casal (Bair, 2004), já que as discordâncias acabam também por enfatizar os diferentes valores, crenças e ideais de cada um.

“(...) todos os momentos que as crianças chegaram na fase de um ano e meio, dois anos, a gente tinha uma GRANDE crise. Então, quando minha filha tava com um aninho e meio, dois anos, a gente foi pra uma terapia de casal, uma GRANDE crise, mas segurou. Quando o meu filho fez um aninho e meio, dois anos, uma outra grande crise e aí a gente se separou por seis meses, depois voltamos... Eu acho que o meu ex-marido ele não suportava... ele era uma pessoa muito voltada pra ele... (...) Então, assim, a minha hipótese era que... entrava numa coisa de competição, de ciúme, entendeu? Aí eu começava a ficar transbordando, de tanta solicitação, de tanta coisa, e a gente também entrava muito em conflito, em termos de educação sabe assim, de discordar, sei lá... bobagens, posso te dar um exemplo que tá me vindo na cabeça agora, que quando as crianças começaram a aprender a nadar... Ele era a favor de ‘pum, empurra pra dentro

da piscina... Tá com medo? Empurra logo!’ Tinha umas coisas mais assim, mas, vamos dizer assim, uma disciplina mais européia, que aliás ele era filho de imigrantes, né, diferentemente de mim. ” (M9)

A despeito do nascimento dos filhos, possivelmente, incitar uma série de diferenças e conflitos, essa situação pode persistir por muitos anos. A mesma entrevistada resolve dizer um “basta” para a situação em que estava inserida estimulada por um problema de saúde dela após perceber que, depois de tamanha dedicação ao marido e aos filhos, quem precisava de cuidados era ela.

“(...) a gente tinha passado um ano na Inglaterra, pelo trabalho dele, e eu tava com 39 anos, ia fazer 40... Eu larguei TUDO! (...) eu fui mãezona, aí eu fui ‘full time’ mãe, entendeu? Parece até que foi um ano que eu dei tudo e mais alguma coisa, entendeu? Tipo assim, é isso, zerei! E aí a gente voltou, e aí começou a ficar complicado.(...) quando entrei pra pós-graduação, um novo mundo se abriu. E aí eu saquei que eu não ia conseguir terminar o curso se eu ficasse casada, porque era... tinha uma sabotagem não dita (do marido), entendeu? A gente morava numa cobertura, (o marido dizia:)‘ah... porque a obra não sei o que... porque não sei o que...’ Eu não aguentava mais, eu tava sufocando!E teve também uma histerectomia, que foi um ponto muito forte. Porque nessa minha coisa de mulher, mãe, então, a retirada do útero era uma coisa totalmente simbólica, né... eu sofri pra caramba... tavam assim, arrancando um pedaço de mim. (...) Quando eu me recuperei, aí veio uma coisa na minha cabeça, tipo: ‘Olha, agora eu vou cuidar de mim! Eu vou cuidar de mim, eu não devo mais nada a ninguém. Eu tô zerada, eu dei pra caramba!’”(M9)

É interessante perceber que duas das entrevistadas realizaram uma histerectomia, o que causou grande impacto em suas vidas. Como vimos no depoimento acima, mesmo já com dois filhos, a perda do útero foi algo bastante sofrido: possivelmente em função do útero estar associado ao conceito de feminilidade, por relacionar-se ao papel reprodutor da mulher e a sua vida sexual. Em outro caso, após “resolução” do alcoolismo do marido, o foco do casamento passou a ser a tentativa de ter filhos, sendo que esse movimento persistiu por mais ou menos dez anos, até que a histerectomia marcou o fim do sonho. Assim, podemos supor que o abandono de um projeto de vida (o filho), somado a um cotidiano sem alegria e prazer, segundo depoimento da mulher, culminaram em um quadro de depressão.

“Aí entre que ele deixava o álcool e a gente estava ao mesmo tempo tentando engravidar, porque era um sonho que eu tinha, ter um filho... (...) É, então, eu acho que isso também, de novo substituiu, saiu o álcool e entrou o filho (...) E eu que sou uma pessoa extremamente alegre, eu comecei a ficar triste e eu não sabia porque, eu não fazia mais nada de lazer, a relação tava chata... eu não entendia porque eu comecei a parar de sorrir e a ficar triste... Aí eu tive que tirar meu útero.... Foi o fim do sonho... (...) Mas, que aconteceu... Seis meses depois, bom eu sempre me achei a fodona, né? Eu achava que podia resistir tudo, dar conta de tudo... Tudo mentira! Seis meses depois, assim um

dia, eu caí em depressão profunda. Não sei se... ah, depois eu vi porque que eu tava começando a ficar triste... Eu já estava a 'caminho de' (da depressão) e não sabia..."(M3)

A figura imaginária de um filho pode gerar discórdias e frustrações como, por exemplo, em função de religiões distintas do pai e da mãe. Assim, conforme uma participante relatou, essa circunstância trouxe um profundo conflito entre a tradição familiar da mulher e a escolha do marido.

"(...) depois veio o outro filho, aí teve uma crise forte pelo campo religioso, porque o primeiro filho, ele achou que valia à pena fazer a circuncisão no menino, tipo assim, uma homenagem ao meu pai, que morreu de câncer... (...) Ele (ex-marido) não era judeu, que foi uma grande crise na minha família... (...) E no segundo (filho), ele disse: 'não, não, agora não vai ter circuncisão nenhuma, vai ser em homenagem à minha mãe.' E aí foi muito ruim, porque minha mãe teve uma atitude muito intolerante... eu fiquei muito, muito dividida entre a minha mãe, entre a tradição, e o meu marido. E achava que as coisas que ele colocava tinham sentido: 'claro, agora é a minha vez!' E aí, isso aí realmente começou a ser um ponto de corte entre a gente..." (M7)

Problemas financeiros

A presença de problemas financeiros apareceu em três entrevistas, o que nos permite pensar que a ausência da segurança econômica pode representar uma ameaça para o bem estar do casal. Duas mulheres afirmaram que ao trabalhar junto ao marido, a relação se tornou mais conflituosa; uma delas enfatizou o quão prejudicial foi isso, abalando a confiança e a admiração pelo marido.

"Ai... trabalhar junto é muito ruim! Acho que foi um dos motivos pelo qual o meu casamento terminou foi justamente eu depender do produto dele, entendeu? Foi uma coisa que eu fiquei ligada a ele. (...) Trabalhar junto mistura as coisas, aí eu vi o quanto ele é enrolado nos negócios, entendeu? Porque bem ou mal, afetou a mim também. E isso afetou minha admiração... (...) Eu comecei a ver um jogo muito sujo, entendeu? E ele não era claro, eu não sabia ao certo o que estava acontecendo. E como eu tinha um negócio junto com ele, que era uma pronta entrega que dependia do produto dele, acabou que ele teve a dor de barriga e eu tive... acabou sobrando pra mim, entendeu?" (M2)

A fala de uma das participantes mostra que os problemas financeiros podem dificultar a relação do casal, como também acarretar uma frustração da mulher ao ver seu marido acomodado e sem trabalhar, enquanto ela se mantém sobrecarregada. Algumas vezes, então, a mulher não é apenas responsável pela casa e pelos cuidados dos filhos (Biasoli-Alves, 2000; Araújo & Scalon, 2005), como também por pagar todas as contas, contribuindo assim, para desentendimentos e frustrações no vínculo conjugal.

“Eu sempre gostei muito de cozinhar, a cozinha era uma fuga pra mim. Vendia doces, salgados e fazia um dinheiro com isso. Teve até uma época que as contas de casa ficaram por minha conta, porque meu ex-marido estava sem emprego. Aí eu comecei a ficar chateada porque olhava ele deitado no sofá, enquanto me acabava na cozinha, ele não ajudava em nada. A cozinha, que era pra mim uma fuga, acabou virando prisão. Além de todo trabalho que eu já tinha, passei a ficar enfurnada na cozinha o dia inteiro! Acho que isso desgastou muito a relação...” (M6)

Infidelidade

A infidelidade apareceu como razão para a separação em um depoimento, confirmando os achados da AARP (2004). Conforme Bair (2010) alegou que acontece em grande parte dos casos, o adultério descrito pela entrevistada se deu no ambiente de trabalho do marido, mantido em silêncio por anos.

“(...) eu descobri depois de um tempo, de uns anos, enfim, que ele tinha uma outra família com filhos, ela era secretária dele, ela foi se envolvendo... não sei. Ele conseguiu esconder bem isso, ele escondeu por muitos anos. Eu me separei com 33 anos de casada, mas eu já... com uns... acho que uns vinte e nove, vinte oito anos de casada, eu já meio que desconfiava...” (M10)

Depois de aberta a traição do marido, a mulher resolveu então pedir a separação; no entanto, o rompimento não foi de forma abrupta. O casal tentou ainda continuar juntos por mais alguns anos, ainda que separados judicialmente.

“(...) Aí, decidi me separar no papel e, fui me separar mesmo, dele sair de casa, depois de... sei lá, acho que uns 6 anos, que eu tinha me separado no papel. Mesmo separados no papel, moramos um tempo na mesma casa. Porque ele pediu pra tentar mais, mas eu queria me separar...” (M10)

6.3

Desafios da separação tardia

A partir das entrevistas realizadas, listamos os principais desafios enfrentados no processo total de separação. Como explicado anteriormente, o responsável pela decisão, geralmente, traz consigo uma angústia e ansiedade antes mesmo de a separação ocorrer (Amato, 2002). No entanto, durante e após o rompimento conjugal, outros desafios surgem; por isso, incluímos nesta categoria os obstáculos que emergiram antes, durante e depois do processo de divórcio.

Financeiro-econômico

Para a maioria das entrevistadas, a insegurança financeira foi um receio que acompanhou grande parte do processo de separação corroborando, então, os achados de Bair (2010). Algumas até trabalhavam, mas não eram as principais provedoras da família: dentre todas as participantes, uma (M3) dividia as despesas meio a meio; outra (M6), por um período, manteve a casa, como mencionado anteriormente; e a terceira (M7) ganhava mais que o marido durante todo o casamento. Esses dados vêm reforçar um tema a que já aludimos, sobre as novas funções que as mulheres assumiram a partir da metade do século XX (Féres-Carneiro, 1995, 2001; Jablonski, 1998; Goldenberg, 2000; Araújo, 2009).

É interessante observar que grande parte das entrevistadas afirmou que, por mais que existisse uma redução provável no padrão econômico-financeiro (Hoffman & Duncan, 1988), ainda sim, o desejo de uma vida mais satisfatória superava a possível dificuldade financeira.

“(...) o desafio econômico, era um temor que eu tinha, se ia conseguir dar conta (...) eu não era o (provedor)... da família. O meu ganho não era substancial, entendeu? Eu sempre trabalhando e estudando,mas não era uma coisa assim... equivalente, não era! (...) Meu padrão caiu muitíssimo! Muitíssimo. Isso foi um outro lado assim, que eu fui muito corajosa. Porque eu tinha um padrão e... (ele) caiu, caiu muito. É... mas não me segurou, não me deteve, entendeu?” (M9)

“Eu tive MUITA dificuldade financeira, se não fosse meu pai pra me ajudar... Porque meu salário, realmente, para o meu padrão de vida, não dava... Aí pus minhas filhas todas pra trabalhar... (...) Eu enfrentava qualquer coisa, falta de dinheiro...” (M8)

Dentre as nove participantes que tinham filhos, todas permaneceram com a guarda deles imediatamente após a separação. Uma delas expôs, especificamente, maior dificuldade em ter de lidar com uma série de despesas que surgiam no cotidiano e que, muitas vezes, não eram cobertas pela pensão mensal paga pelo ex-marido.

“O desafio financeiro foi um baque, o desafio em termos de estar com os dois filhos e aí quem está mais perto também é quem leva mais, mais porrada, em termos de mais despesas, entendeu?” (M4)

Devido à escassa experiência no mercado de trabalho, o desafio financeiro apareceu na vida de uma das entrevistadas como um “fantasma”, indo assim ao encontro dos achados de Bogulob (1995). Segundo a maioria das pesquisadas,

quem cuidou da maior parte financeira durante o casamento foi o ex-marido, as mulheres começaram a se preocupar em relação a isso quando já estavam pensando no divórcio.

“Ah... Eu via um fantasma! Como é que eu iria sobreviver, né? Eu não sabia fazer nada, apesar de ser formada, eu nunca trabalhei... (...) Nessa época eu até estava trabalhando, mas não dava, não tinha condição... (sinal de não com a cabeça) Entendeu? Não, não me trazia o suficiente para eu sobreviver. E isso me assustava muito, como é que eu iria viver né? Era assim um fantasma enorme! Depois de tantos anos, depois de 22 anos de casada...” (M5)

Ainda que a mulher tivesse um trabalho e partilhasse com o ex-marido todos os gastos da casa, um receio exposto por uma participante foi de perder seu emprego. No seu caso, a possibilidade de ficar sem trabalho era algo temido devido também ao fato de sua família não morar no Brasil. Logo, segundo seu depoimento, não teria ninguém com quem realmente pudesse contar.

“Acho que o maior medo era de perder o emprego... Eu refletia pelo fato de morar sozinha aqui no Brasil... Engraçado, perder o emprego com 48, 50 anos, eu imaginava: ‘o que que eu vou fazer?’ Sem marido, sem família aqui...” (M3)

É interessante notar que a casa representa um esteio para a pessoa: até o momento em que uma das entrevistadas ainda morava num ambiente familiar, predominava uma sensação de proteção e amparo. Depois da saída da casa, é que surgiu a insegurança de ser financeiramente independente.

“(...) ficamos (ela e o ex-marido) morando na mesma casa, mesmo separados, durante um tempo, tá? (...) Então eu não pensava muito... Na verdade, a minha separação mesmo... eu só vim sentir realmente quando eu saí da casa, porque até então, ele assumia tudo, né?(...) Porque até então, eu me sentia protegida na casa. Só depois que saí que caiu a ficha, que veio o medo de me bancar sozinha...” (M2)

Solidão

Embora o maior obstáculo presente no processo do divórcio tardio apontado pela AARP (2004) e Bair (2010), como vimos, tenha sido a solidão, a ameaça da dificuldade econômica foi o desafio mais mencionado aqui neste estudo. Podemos pensar que a diferença se deu em função desta pesquisa só ter, como sujeito, mulheres, e são elas as que mais temem as mudanças econômicas

(Bair, 2010) e não a solidão. Contudo, o medo de ficar sozinha também apareceu no discurso de algumas entrevistadas, como mostra a fala de uma pesquisada sobre os receios relacionados a sua vida afetiva e social.

“(...) eu também temia ficar sozinha, estar só, então ir pras situações... até hoje eu não gosto não, por exemplo, pra uma festa, eu não vou sozinha, acho CHATO! Gosto de ter companhia... (...)” (M9)

Algumas entrevistadas apenas se depararam com a solidão depois que já estavam separadas e morando sozinhas. O medo do desconhecido foi tão intenso em uma das mulheres, que ela precisou lidar novamente com um quadro de depressão. Assim, podemos supor que, o fato de ela não ser do Brasil, de estar longe da sua família de origem e também o de não ter tido filhos, que podiam ser importantes companheiros, contribuíram para o sentimento de tamanha solidão.

“Claro, depois de eu ter conseguido meu objetivo, esse apartamento estava quase pronto, eu fiz tudo realmente muito rápido. Quando eu cheguei aqui (no apartamento em que foi a entrevista) já tinha geladeira, fogão... Fui dormir, quando acordei, acordei com tremelique, àquele enjôo, a deprê querendo me atacar novamente. Lá vai pro psiquiatra. Lá vai toma comprimido daqui, comprimido dali, porque já tinha baixado a guarda, né? Ok, consegui tudo, acabou o projeto... abaixou a guarda, parou de se defender e pá! (demonstrou com a mão o movimento de cair) É... chorei por muito tempo, devo ter chorado todos os dias, por muito tempo. Era... realmente, era medo. Medo, claro, também senti solidão, medo, solidão... Meus pais não estavam aqui no Brasil e nesse momento é sempre bom...” (M3)

Os questionamentos sobre o futuro persistiram no dia a dia de certas mulheres após o processo de separação. O incerto e o desconhecido amedrontavam, mas não eram tão fortes a ponto de elas quererem voltar atrás.

“Uns 5 ou 6 meses iniciais (depois da separação) foram cruciais né? Eu me sentia muito sozinha! E até me arrependendo do passo que eu tinha dado... (...) o primeiro impacto de estar sozinha, o medo do que vem pela frente, né? Será que vou arranjar alguém? Será que vou refazer minha vida, entendeu? Refazer, não pensando em casamento, mas você ter alguém, né? Um companheiro... um namorado pra estar junto e tal. Então, pinta tanta insegurança, que até você sair desse estágio, demanda um tempo, né?” (M5)

Tendo em vista que não existe resposta exata para certas indagações, uma das entrevistadas, que tinha se separado há cinco anos, ainda precisava, recorrentemente, lembrar de como tinha sido seu casamento. Isso porque existiam ocasiões em que ela questionava a si mesma se a decisão da separação foi “acertada”.

“Eu me pergunto: ‘meu Deus será que eu tinha que ter ficado mais um tempo?’ Porque assim, não tinha uma coisa de traição, têm outras histórias que são permeadas por traição. Então... eu não sei, eu acho que é uma coisa assim de... sair de uma relação, que já está desgastada, como uma opção pra poder viver uma outra vida melhor e é difícil a gente acreditar: ‘será que eu tô vivendo uma vida melhor? Será que é isso mesmo? Pô, mas tem tantos momentos que você tá sozinha...’ Por exemplo, hoje eu tava lendo ‘ah, um restaurante foi aberto...’. Pô, eu gostaria de ir, que lindo, que legal! Aí eu vou com quem? Aí você fica... fulaninha falou que vai num casamento, a outra não tem dinheiro suficiente pra ir, a outra... Entendeu? Então, tem um momento que tem um impeditivo assim, tem uma limitação! Aquele companheirismo de poder fazer as coisas... Aí depois eu parei, mas peraí, eu não ia tanto assim, entendeu! Não era bem assim! Então, você tem que se chamar à realidade, você tem que se lembrar, ‘mas peraí, você lembra que no final nananananana...’ Então, é o tico e o teco o tempo todo. Você tem que ficar fazendo essa mediação com você mesma, né. E não é nem uma questão de culpa, é: ‘Será que foi certo? Será que esse caminho vai me levar à Roma?’” (M7)

Depois de muitos anos com a mesma pessoa, vincular-se à outra pode representar um desafio, como no relato abaixo.

“A maior barreira é comigo mesma. Eu achei que eu taria mais aberta pra um novo relacionamento e eu não estou, ainda, tá? A maior dificuldade é comigo mesmo, isso me surpreendeu! Quer dizer, me surpreendeu mais ou menos, né? Mas, um pouco me surpreende. Da minha dificuldade, MINHA, de criar, de realmente, criar um vínculo.” (M1)

A separação na meia-idade

Considerando que estamos estudando também o impacto da meia-idade no processo da separação, interrogamos se as entrevistadas achavam que a faixa etária em que elas estavam na época foi um dos desafios enfrentados. Para todas, isso não foi algo tão relevante na escolha do divórcio. Isso porque elas estavam mesmo interessadas nos anos que tinham pela frente, e não no passado, o que, anteriormente, vimos ser o mais saudável segundo Lachman (2004).

“Se alguém vai me olhar ou não, não pesava tanto. Acho que a idade era um segundo plano, a separação era mais forte... Como eu estava infeliz, e era aquilo que eu não queria. (...) Eu não podia tirar de mim a chance de ser feliz.” (M3)

Confirmando os achados de Lachman (2004), percebemos certas diferenças entre o início da meia-idade, em torno dos quarenta anos, e a meia-idade tardia, mais próxima dos sessenta. Esta é marcada pela passagem da menopausa, com suas manifestações de ordem orgânica e psicológicas (Coelho & Diniz), que muitas vezes refletem na auto-estima e atitude da mulher. Já o início da meia-idade é sentido como “auge da meia-idade” pela maioria das

participantes, isto é como o ponto mais elevado em termos de aspectos positivos da fase. Uma das entrevistadas esclareceu muito bem tal distinção diferenciando a idade em que estava na ocasião do divórcio e a do momento atual.

“Eu acho que faz uma diferença você se separar com 57 do que com os 44. Minha percepção é a seguinte, eu tava com 44 anos, então eu ainda tinha muita possibilidade de um segundo casamento, filhos não, mas eu tava muito nova, né? Agora eu estou com 60, então, por exemplo, e isso era uma coisa que eu também banquei a separação, se era pra acontecer, eu não queria que acontecesse muito mais tarde, eu não queria tá velha, quando eu me separasse, entendeu? Então, eu tava no AUGE da meia-idade, mas eu tenho a impressão que a mulher que se separa, com 55 ‘plus’, é diferente. Mais perto dos 60, sabe, eu acho que tem uma coisa, eu vejo com relação com o corpo... a menopausa... Eu sinto uma diferença enorme, eu sinto assim em mim, por isso que eu tô te dizendo, eu, Vânia com 44 é uma coisa, eu, Vânia com 60 é outra! No meu corpo, eu sinto... eu na minha relação com o meu corpo, que dirá com outro. Então nesse sentido, isso eu tinha muito medo, até de histórias que eu escuto muito, pessoas que acabam se separando lá com 70 anos, aí ninguém merece! Ninguém merece porque é muita dor e aí já numa fase da vida...” (M9)

Com relação ao tema abordado, podemos, inclusive, notar que cinco anos podem fazer grande diferença na percepção sobre si mesma. Logo abaixo, temos o exemplo de uma mulher que se separou com cinquenta e dois anos: na época ela estava se sentindo ótima com a idade, enquanto agora, com cinquenta e sete anos, ou seja, mais próxima dos sessenta, é que sua faixa-etária começou a pesar negativamente.

“Na época com 52 eu não senti (a idade) não, mas hoje em dia eu sinto... (...) Quando me separei, me sentia super paquerada, super assediada, me sentia assim, maravilhosa!” (M2)

Obtemos outra fala semelhante, mas na qual a distância entre a idade da separação e a faixa etária em que ela se encontrava no momento da entrevista era maior, somando quinze anos.

“(...) Com quarenta e poucos eu me sentia super bem! Se fosse hoje sim (a idade pesaria), aos 58, mas com 43, 44 anos nem... Não me pesou mesmo!” (M5)

O maior intervalo, desde a separação até o momento presente, foi do sujeito que já tinha se divorciado há vinte e um anos. De fato, muito tempo se passou, com a meia-idade ficando para trás e a fase da velhice ingressando. Primeiramente, segue a fala desta mulher sobre a ocasião do seu rompimento conjugal, quando ela tinha aproximadamente quarenta e três anos.

“A idade não pesou NADA! Eu estava no AUGE! Eu achei que fosse pesar, mas não. Eu fiquei tão feliz, igual a um passarinho, mesmo sofrendo horrores, problema com ele (ex-marido) e tal... eu fiquei muito feliz! Eu me senti livre, LIVRE de não ter aquela pessoa, de dormir na mesma cama, de viajar com ele...”(M8)

Decorridos vinte e um anos, a idade já pesa para a participante, que no momento tem 64 anos. Logo, aceitar o passar do tempo e, assim, o início da velhice pode representar um grande desafio com todas as mudanças físicas e estigmas da sociedade contemporânea (Lins de Barros, 2004). Como veremos abaixo, a entrevistada começou a rejeitar a si própria em função das marcas do tempo e, junto com elas, as ideias negativas internalizadas (Calasanti & Slevin, 2001).

“(...) agora eu voltei pra terapia pra poder aceitar a minha velhice... (...) Porque eu me rejeito, entendeu? EU me rejeitando como velha, que não é fácil, porque você perde, não só aquela coisa da... não adianta, por exemplo, eu posso fazer plástica, posso esticar, mas a minha mão tá aqui... me mostrando quantos anos eu tenho. A perda de massa muscular, a pressão que subiu, é o colesterol, é não sei o que... (...) Então você não tem o mesmo corpo, eu engordei, então eu já não gosto do meu corpo, já não tenho coragem de mostrar...”(M8).

A idade em que todas as entrevistadas se separaram variaram entre quarenta e três e cinquenta e dois anos. Através das falas das mesmas, podemos perceber que a idade não foi uma questão que dificultou o processo de divórcio. Talvez, se priorizássemos uma faixa etária específica como, por exemplo, acima dos cinquenta e cinco anos, as repostas seriam bem diferentes, tendo em vista a colocação de algumas participantes. Em suma, a insegurança e uma série de outros sentimentos advindos do processo de separação (Maldonado, 1986; Stern Peck & Manocherian, 1985; Vaughan, 1991; Féres-Carneiro, 2003) aparecem no discurso das mulheres, mas não especificamente em função da faixa-etária em que se encontravam, mas sim decorrente dos desafios do próprio rompimento conjugal.

“Eu acho que sempre você tem uma insegurança, será que eu vou conseguir? Será que eu vou é... né, conseguir ser alguém, porque ele era uma pessoa muito ciumenta, então, eu mais ou menos não tinha uma vida própria. Mas, não sei, eu não tive tanto medo assim não... pra mim, a idade foi algo assim... sem menor problema...” (M10)

6.4

Alternativas para o enfrentamento das dificuldades

Investigamos quais foram as alternativas utilizadas pelas entrevistadas para o enfrentamento das dificuldades. Levamos em conta qualquer auxílio importante para a recuperação e reequilíbrio, tendo em vista que, em grande parte dos casos, trata-se de um percurso carregado de sofrimento e tristeza (Sakraida, 2005).

Uma nova relação afetiva

Nossos achados foram ao encontro da pesquisa da AARP (2004), já que a maioria das participantes ressaltou o novo relacionamento como um recurso valioso para sua “recuperação”. O depoimento de uma entrevistada pontuou como seu namoro, na época, foi relevante para a auto-estima e o bem estar, comparando sua história com a flor de lótus, símbolo de renascimento e superação.

“(...) Eu tava separada mais ou menos uns dois anos... Aí, eu namorei uns dois anos, mas uma coisa muito conturbada, mas ajudou, com certeza! Primeiro é muito importante, porque dá um ‘up’! Porque você se sente um pouco, quer dizer, não sei se é todo mundo, mas para mim... nossa, a gente se sente o ‘coco do cavalo do bandido’! E aí você começa de novo, é... como se fosse... Você sabe a história da flor de lótus? A flor de lótus nasce do lodo, eu vejo uma flor de lótus, quando ela consegue sair daquele lodo todo, ela vem com uma beleza, com uma força absurda!” (M4)

Tendo em vista que a expectativa de vida está cada vez mais elevada (Papaléo Netto, 2006), a mulher em torno dos quarenta anos se sente muito jovem e ainda com muito tempo pela frente. Assim, é interessante perceber, no discurso das entrevistadas, uma redescoberta de si mesma após a separação; ou seja, um resgate da juventude e vitalidade que haviam sido deixadas de lado por um tempo.

“Era bom estar separada, dona do meu nariz e tal... Ah... eram mil paqueras, né? Tão gostoso isso. Depois daquele impacto dos primeiros meses... eu comecei a sair bastante, bastante!” (M5)

“(...) eu adolesci! Assim, três anos, vivendo uma adolescência que talvez eu nem tivesse vivido. Saindo, namorando muito, andando de mini-saia... eu tava que tava! Imagina, com 43 anos, eu era muito nova!” (M9)

Mesmo que uma relação afetiva, após a separação, dure poucos meses, ela continua sendo importante como, por exemplo, para o reencontro da sexualidade.

Algumas mulheres achavam que haviam perdido a libido de acordo com a situação em que se encontravam no seu casamento, última experiência afetiva e sexual.

“(...) se eu separei em outubro, acho que arranjei um namorado lá pra fevereiro. Mas, aí já estava bem! Demorei uns 4 meses... Aí esse namorado não durou muito... (...) Mas vou te dizer uma coisa, eu pensava: ‘e agora como eu vou fazer (sexo) se eu já não tenho vontade?’ A vontade voltou assim (estalando os dedos)! Voltou assim, pá! Não tive nem que pensar. Pá! Quando teve que voltar, voltou na hora!” (M3)

“(...) aí eu comecei realmente a me envolver com essa outra pessoa... Comecei a ver que, na verdade, na verdade, eu não tinha problema sexual nenhum, que a grande questão é que eu não sentia que tinha uma pessoa madura do meu lado, quem eu pudesse realmente me entregar. E juntou a essa questão da falta de brilho, da falta de admiração, que o tesão tá muito vinculado a isso tudo, né. Eu acho que claro, provavelmente tinham coisas minhas de dificuldade, que eu fui aos poucos tentando sanar, entender e resolver, mas realmente tinha uma coisa assim de que não tinha liga entre a gente.” (M7)

Psicoterapia

Do mesmo modo como foi observado por Sakraida (2007), encontramos a psicoterapia como um importante recurso para o enfrentamento de questões relacionadas ao vínculo conjugal. Alguns sujeitos chegaram à conclusão do divórcio a partir do processo psicoterapêutico. A escolha pela separação é geralmente muito marcante, repleta de dúvidas e conflitos, principalmente para quem conviveu tantos anos com a mesma pessoa (Wu & Schimmele, 2007). Desse modo, é relevante que o processo seja elaborado e ponderado, o que pode levar muitos anos. Contrariando toda uma tradição de família, uma das participantes, depois de se descobrir insatisfeita no casamento, aproveitou uma mudança de Belo Horizonte - seu local de origem - para o Rio de Janeiro, com a esperança de melhorar ou até romper seu matrimônio. Ela tinha para si que, no Rio de Janeiro, teria mais liberdade para escolher e enfrentar sua situação conjugal, e a psicoterapia foi algo muito valioso no desenrolar do processo.

“Depois de um certo tempo, eu comecei até fazer terapia, mas ele (o ex-marido) foi contra a terapia, ele não queria que eu fizesse, e ... eu continuei fazendo e descobri que não queria mais aquele casamento, isso com nove anos mais ou menos de casada, mas eu não tinha como sair dele, porque era muita tradição, isso ainda em Belo Horizonte... No meio disso, ele (o ex-marido) teve uma proposta pra voltar pro Rio de Janeiro (ele era do Rio de Janeiro e a mulher era de Belo Horizonte). Aí, ele trouxe a família toda e eu vim, tive muito coragem, saí de lá com 3 filhas, né. Pensei assim: ‘Bom, aí de repente é o momento de eu conseguir, ver se eu conseguia separar, porque NEM ELE aceitaria, eu sabia... nem minha mãe, nem meu pai, nem minha irmã...’ (...) Aí quando a gente veio pra

cá, na verdade, eu AINDA estava tentando continuar o casamento... aí, já morando aqui no Rio, depois que eu fiz 14 anos de casada, eu cheguei à conclusão, através da terapia, que eu realmente não queria mais ficar naquele casamento, a gente não tinha nada a ver... (...) Então, foi a terapia que me segurou mesmo, foi a terapia que me ajudou...” (M8)

A psicoterapia, para a maioria das participantes, consistiu em uma importante “preparação” para o rompimento conjugal: ela possibilitou um fortalecimento da individualidade, um melhor autoconhecimento, como também um novo olhar, ou seja, outra perspectiva sobre a situação.

“Eu não conheci ninguém que ajudou, o meu foi através de autoconhecimento mesmo, meu, comigo, de me preparar mesmo, uma preparação... foram anos de preparação! (...) Porque faço terapia, fiz a vida inteira!” (M1)

“(...) três anos antes de eu me separar, eu comecei a trabalhar com a minha individualidade. Foram mais ou menos três anos de preparação... (...) Aí depois que comecei a fazer terapia, comecei a descobrir um monte de coisas que eu não percebia. Eu não percebia... como era eu ter deixado meu mundo, pra viver um mundo que não era meu... (...) Primeiro descobri através da terapia o que eu tinha e o que que não tinha, pra eu descobrir o que que eu queria. Descobrir porque que... aquele sonho todo de príncipe e princesa não deu em absolutamente nada.” (M3)

Depois que a separação é concluída, a psicoterapia pode ser uma importante ferramenta para a renovação e superação. É interessante perceber a maneira pela qual uma das participantes apreendeu sua dissolução conjugal não só como o fim de algo, mas também como uma oportunidade para o recomeço.

“Você ter a coragem de olhar pra você, que o processo de psicoterapia te proporciona isso. Você encarar aquilo como uma renovação também. (...) eu digo que a separação, ela tem... ela tem um sentido de uma morte mesmo. Teve um luto ali, né? Mas eu gosto, é que... (...) tem uma coisa muito bonita da palavra luto, o luto da perda e o luto pela vida, a mesma palavra, com sentidos distintos.” (M4)

Corroborando as pesquisas de Féres-Carneiro (1995) e Bair (2010), uma das entrevistadas já tinha frequentado a terapia de casal em dois momentos específicos: em uma primeira separação que durou seis meses e depois reatou o casamento e, em um segundo momento, depois de dez anos, quando então de fato se divorciou. Isso nos mostra que nem sempre a terapia de casal “salvará” o casamento, mas ela pode ser também um importante suporte para uma separação cordial.

“(...) (na primeira separação) a gente tava fazendo uma terapia de casal, separados, mas fazendo terapia de casal... na outra (separação) também, a gente procurou um terapeuta de casal, mas aí não decolou muito não. É, sempre teve esse recurso, tanto pra separar, como pra retornar. Pra retornar, na primeira, a terapia de casal ajudou muito. A gente nem sabia como fazer, entendeu? Como voltar tudo...” (M9)

Diferentemente dos Estados Unidos (Wu & Schimmele, 2007), não encontramos, nos relatos, nada a respeito de grupos de apoio específicos para pessoas que vivenciaram separações de uniões duradouras. No entanto, uma entrevistada comentou espontaneamente como um círculo de mulheres com experiências semelhantes seria valioso para o enfrentamento dos desafios cotidianos que surgem após o rompimento conjugal.

“Eu acho que falta um espaço pra gente fazer uma troca. Porque quando a gente se encontra com as amigas, fica uma coisa meio de... de descarregar aquela... num primeiro momento, quando você está no início mesmo do processo (de separação). Mas, depois que a gente passou aquilo ali, tem o dia-a-dia. Tem que viver e construir um novo... um novo processo, um novo presente, uma nova perspectiva de vida, e aí, pra isso, a gente não tem muito espaço pra falar, né? Então... claro, eu faço terapia, há muitos e muitos anos, faço terapia Freudiana e já transitei por vários espaços terapêuticos, já fiz grupo, já fiz individual, já parei, já voltei... (...) Então, eu acho que tem uma coisa assim de mulheres, que querem se encontrar e que querem se dar força...” (M7)

Familiares e amigos

Metade das participantes disse que o apoio de familiares e amigos foi muito importante para o enfrentamento da separação, reforçando assim os estudos já mencionados de Hammond e Muller (1992). Três mulheres (M5, M6 e M9) contaram como seus irmãos foram figuras imprescindíveis durante o processo de divórcio; em dois deles, além do suporte emocional, ainda as auxiliaram em suas questões profissionais.

“A minha irmã é psicóloga e, o apoio dela foi sempre muito grande. Sempre ela esteve muito comigo... Tanto que assim, eu estou trabalhando pra ela, desde a separação até hoje!” (M6)

“(...) meu irmão foi sempre muito meu amigo, e ele um belo dia assim, ele tinha uma empresa com mais alguns amigos e me disse que estavam precisando de alguém... E eu falei: ‘Não quer me contratar não?’ Nem sabia como fazer as coisas... (...) Foi meu primeiro grande desafio! Foi muito bom... aí eu comecei a... sabe? A me sentir segura novamente, entendeu?” (M5)

As amizades podem representar um forte apoio para a mulher, mas, segundo a maioria das entrevistadas, as amigas que mais permanecem presentes são as que estão em situação semelhante; ou seja, as divorciadas ou as solteiras; as casadas muitas vezes se afastam, temática que abordaremos na próxima categoria.

“(...) essa minha amiga já estava também separada, então a gente saía e tal... Ela me ajudou muito... Então, eu dei muita força pra ela, na época que ela separou, e ela me deu muita força, uma das poucas, né? A gente conta nos dedos, né? Os que ficam... são poucos...” (M5)

Religião

6 Uma das pesquisadas afirmou que encontrou conforto apenas na religião, e não através de uma psicoterapia, amigos ou familiares, como a maioria.

“(...) eu acho que nada me ajudou assim, eu nunca fiz terapia. Amigas também não me ajudaram assim... você sabe que eu não tinha esse hábito de falar com as pessoas desse assunto, nem com amiga, nem... é... com a minha família também não porque eles nunca quiseram esse casamento... (...) Então, eu nunca falava assim com ninguém muito desse assunto, depois que meus filhos ficaram moços, a gente... quando surgia esses problemas, a gente conversava um pouco a esse respeito... (...) Eu acho que foi Deus mesmo (que me ajudou)... só (risos).” (M10)

6.5

Reação dos filhos, amigos e familiares

Sabemos que a separação não interfere apenas na vida do casal, mas também é um evento que contagia todo o funcionamento da família e círculo de amigos. Aqui, nesta categoria, discorreremos sobre efeitos do divórcio em relação aos filhos, amigos e familiares, sob a percepção da mulher.

Filhos: crianças e adolescentes

As mulheres se referiram à separação como algo muito sofrido especialmente para os filhos adolescentes e mais novos. A reação dos mesmos variou desde mudanças de comportamento até sintomas fisiológicos.

“Todos sofreram, mas eu acho que quem mais sofreu foi minha filha (a caçula), com a separação, ficou assim... bem revoltadinha, até hoje... (...) É... eu acho que os outros (filhos) aceitaram melhor” (M7)

“Acho que foi uma coisa muito sofrida... Então, essa última separação que foi a... realmente a... pra valer mesmo. É... minha filha tinha 15 anos e meu filho tinha 11... 11 pra 12. Foi horrível! Eles sofreram muito. Ele vomitava sem parar... aí eu levei pra análise, foi um caos!” (M9)

A mesma entrevistada continuou sua fala abordando a temática sobre o futuro da vida afetiva dos filhos. Depois de passados quinze anos, ela percebeu certa dificuldade no filho mais novo em se vincular.

“(...) a propósito de marcas, eu não sei, assim o quanto cada um, como é que cada um viveu essa separação. Ele (o filho), por exemplo, em termos de construir uma relação estável, é uma coisa complicada pra ele. Ela (a filha) não, ela tinha namoros longos, mesmo antes desse que ela casou.” (M9)

Conforme expomos, grande parte das crianças e adolescentes sofreu muito com o divórcio dos pais, mas com o passar do tempo, superaram as dificuldades; confirmando, desta forma, o modelo de separação como uma crise temporária (Booth & Amato, 1991; Coontz, 2010).

“Minhas filhas sofreram muito. Porque elas amavam o pai, era um bom pai, e elas não esperavam, porque sempre que a gente... a gente preservou elas muito nas brigas e etc. Então, foi um negócio muito difícil, mas elas se saíram bem, eu acho que elas foram é... guerreiras, porque elas conseguiram ultrapassar... (...) são meninas muito... tem a cabeça boa, entendeu?” (M8)

Como estamos pesquisando casos em que a mulher tomou a iniciativa do divórcio, possivelmente os filhos podem ter tomado partido pelo lado do que foi “deixado”, ou seja, do pai, como no relato abaixo.

“(...) Como eu é quem quis me separar, os filhos ficaram um pouco do lado do pai, mas isso agora acabou. (...) Eles ficaram um pouco contra mim... Por um tempinho, eu achei até que o mais novo ficou mais abalado. O outro eu não sei se foi pela interferência da namorada, que tinha interesse em ficar lá em casa, né?” (M5)

É curioso observar que as pesquisadas M5, M7 e M9 enfatizaram maior dificuldade dos filhos mais novos em enfrentar a situação da separação, validando assim, os estudos de Aquilino (1994).

Filhos adultos

As mulheres disseram que seus filhos adultos aceitaram a separação com mais tranquilidade se comparadas aos relatos das mães com filhos mais novos.

Parece que, de certa forma, os mais velhos presenciaram conflitos, brigas e discussões dos pais e, talvez, já esperassem uma futura separação. Já os filhos mais novos são pegos de surpresa com maior frequência. Uma das participantes afirmou que, além da maturidade do filho na época, ele também se preparou da mesma forma que ela para o divórcio: através de quatro separações temporárias.

"Ah, com 22 anos eu acho que é mais fácil, né? Foram 4 separações, ele vivenciou 4 separações. Então, acho que... também que meio que um pouco, ele se preparou, né? (...) E depois, com 22 anos já é um homem. Já é mais fácil, do que quando separa muito novinho, né?" (M1)

Com frequência, os filhos mais velhos procuraram se inteirar mais do que estava se passando entre o pai e a mãe e, ao mesmo tempo, depois de certa idade, os pais também já não escondiam tanto dos filhos. Como vimos, o filho de uma das entrevistadas chegou a interferir, algumas vezes, nas brigas dos pais com o intuito de proteger a mãe. É possível observar na fala da mulher que, depois da separação, a relação entre pai e filho melhorou bastante. Além disso, a mesma enfatizou a forma com que eles (ex-cônjuges) respeitavam o filho, no sentido de não existir uma rivalidade entre os dois, muito menos um "fogo cruzado" de informações.

"O meu filho se metia quando o pai ficava agressivo, aí isso é triste. Acho que ele ficou chateado com a separação, mas hoje se dá muito bem com o pai, ele até trabalha com ele. (...) Assim, não tem aquela colocação do filho de chegar contar alguma novidade ou levar alguma novidade. Não existe fazer o filho de 'leva e trás'. Nunca fizemos!" (M6)

Corroborando os dados de Bair (2010), uma entrevistada nos contou como o filho se sentiu aliviado após divórcio dos pais.

"Ele (o filho) falou pra mim: 'mãe, eu não aguentava mais ver você e o meu pai naquele clima horrível, sentados na mesa! Era horrível!'" (M2)

Uma participante comentou que, apesar de ter sido difícil o rompimento conjugal para os filhos, eles escolheram não fazer psicoterapia e, com o tempo, foram assimilando a separação. Chama-nos atenção que a entrevistada foi bem econômica em sua resposta ao ser indagada sobre a aceitação dos filhos. Podemos supor que, como esta separação foi resultado de uma traição, talvez o assunto seja tão delicado, que ela escolha por não dar detalhes sobre o assunto.

"Ah... foi difícil! Mas, também nunca ninguém quis fazer terapia, é... depois também eu acho que foram, sabe, aceitando... Eu não sei se hoje... acho que se questionam... o porquê, né, também igual a mim, mas também a gente nunca mais falou desse assunto..." (M10)

É interessante mencionar que, em outro momento da entrevista, a mesma pesquisada comentou que dois dos seus três filhos são separados, fortalecendo assim a premissa de que “divórcio, em parte, se aprende em casa” (Amato, 2000; Jablonski, 2009).

"(...) meus dois filhos são separados. Mas, também eu não complico, sabe, deles serem separados. Acho que é uma escolha de cada um." (M10)

Familiares

Na maioria dos casos em que ambos ou um dos pais das entrevistadas estavam vivos, houve uma surpresa em relação à separação, mas a compreensão logo depois. Uma participante contou como foi a reação dos pais e a dificuldade que teve com a mãe decorrente da morte do pai. Ela enfatizou como seus pais tinham um “casamento de antigamente”, referindo-se aos moldes tradicionais, em que a mulher é a cuidadora da casa, enquanto o marido, o provedor financeiro (Biasoli-Alves, 2000; Brasileiro, Jablonski & Féres-Carneiro, 2002; Attias-Donfut, 2003).

"Ah... foi assim um baque, né? Ninguém esperava muito, mas todo mundo sabia que eu não era muito feliz. Mas, meus pais achavam que (eu) iria manter aquele casamento 'ad eternum'. Foi um choque pra eles, mas eles não me reprimiram... Na verdade, algum tempo depois meu pai faleceu e minha mãe ficou muito dependente dos filhos, porque era aquele casamento de antigamente, né? Um vivia para o outro, aquele casamento que não tem mais hoje em dia! E aí ela resolveu tomar conta de mim: 'aonde é que você vai? O que você vai fazer?' Até que eu dei um basta!" (M5)

É interessante perceber que as entrevistadas mais velhas (M8 e M10) se defrontaram com maior resistência dos pais a respeito da separação do que as demais. Podemos supor que seja em função de seus parentes serem residentes de locais que carregam traços mais conservadores, além de serem mais velhos do que os pais das outras pesquisadas. A família da participante M8 morou a vida toda em Belo Horizonte, enquanto a origem de M10 é uma cidade do interior de São Paulo; possivelmente por serem locais de cunho mais tradicional é que as

mulheres se depararam com maior aversão, principalmente das mães, contra o divórcio.

“Meu pai, que já morreu, que era uma pessoa tão rígida, me surpreendeu, porque ele me deu mais força do que a minha mãe. A minha mãe se tornou quase minha inimiga, na época. Depois, ela começou a aceitar...” (M9)

“Meu pai já era falecido, minha mãe, pra ela também foi muito difícil, porque ela falava que ele (o ex-marido) lutou tanto pra casar, né, pra depois acontecer isso... Depois ela aceitou, meus irmãos também (demoraram para aceitar).” (M10)

Em termos da relação da família do ex-marido com as entrevistadas, tivemos diferentes colocações, sendo que a maioria comentou sobre seu afastamento. Portanto, no depoimento abaixo podemos perceber a decepção da mulher a respeito da atitude da família do marido em relação a ela.

“A família dele ficou realmente mais do lado dele, né, aquela coisa de... e os irmãos assim... mesmo no começo, ninguém veio me procurar... Eu me lembro que fiquei um pouco sentida com isso. Eu tinha uma boa relação com o irmão dele, durante muito tempo (...) eu segurei muito a onda...” (M7)

Por outro lado, encontramos apenas uma fala em que a participante relata o carinho com que a família do ex-marido a trata, convidando-a para eventos, fazendo assim com que se sinta integrada, mesmo que ela prefira manter certa distância.

“A família dele me adora. Eu sou relativamente próxima a eles ainda, na medida do possível. Eu faço parte do contexto... Até me convidaram pra uma festa do dia das mães no domingo, é claro que eu não vou, né? Independentemente dele estar junto ou não.” (M3)

Amigos

O sentimento das entrevistadas quanto à reação dos amigos variou bastante; a maioria ficou surpresa com o afastamento, enquanto as demais receberam a situação com mais naturalidade. Duas participantes ficaram decepcionadas com suas amigas de longa data e também comentaram sobre um possível receio das amigas casadas em conviverem com pessoas solteiras ou separadas.

“Eu senti que várias pessoas se afastaram por eu ser solteira, entendeu? Amigas minhas de antes de casar com ele. (...) Eu fiquei CHOCADA! De parar de falar, de me convidar para os aniversários... É impressionante! Aí eu comecei a andar com pessoas que são solteiras, separadas... Conheci gente nova... A gente pensa que as pessoas vão te ajudar, te apresentar... Mas, O QUE? Ninguém te apresenta ninguém, a não ser suas amigas, realmente, solteiras... Mas, as casadas? Nossa, querem ver você longe!” (M2)

“As amizades se afastam... Muitas amizades se afastaram. Uns por receio, né? De o marido ser paquerado, sei lá... Naquela época parecia isso... Me sentia sozinha demais. Os finais de semana sozinha... (...) Uma grande maioria (de amigos) foram e não voltaram. Fala de vez em quando... Eu me surpreendi muito com isso!”(M5)

A mesma entrevistada supõe que, além das amigas casadas se sentirem ameaçadas em relação aos seus maridos, acredita também que grande parte das pessoas tende a permanecer no lado mais forte, ou seja, o de mais poder.

“(...) muitas vezes, as pessoas ficam pelo lado mais forte, né? (risos) (...) Tinha pessoas que eu achava que eram amigas, de frequentar minha casa, de frequentar a casa de Búzios, sabe? E ficaram pelo lado mais forte, né? Que manteve a casa de Búzios... Que ficou com ele, entendeu?” (M5)

Por outro lado, como mencionamos, temos o depoimento de uma mulher que considerou o possível distanciamento das amizades como algo natural, mais associado à mudança de estilo de vida do que algo intencional, por receio ou preconceito, confirmando assim o estudo Bair (2010).

“Eu acho o afastamento algo natural, né? Assim, você não vai frequentar muito o meio de pessoas casadas. As pessoas não se afastaram, as que são minhas amigas continuaram... Acho que hoje todo mundo aceita (a questão da separação), acho que não tem mais esse problema, não sei... eu nunca vivenciei isso. Minhas amizades continuaram, eu acho que é normal que haja um afastamento, porque se eu tô sozinha e quem é casada, amigas casadas, a não ser que tenha muita, muita intimidade... os programas mudam, eu mesma não vou querer. Um bando de casal e eu lá, sozinha. Não tem graça, entendeu? Sabe... então, pode rolar um ciúmes, porque é uma mulher sozinha, entendeu? Os outros acompanhados... Então, pode haver um afastamento, mas eu não sinto que é uma rejeição, eu acho que é uma coisa natural da espécie humana, entendeu? A proteção, uma coisa... que não acho que é contra mim. Entendeu?” (M1)

Uma participante relatou que por ter vivenciado uma separação repleta de brigas e ameaças, suas amigas temeram se aproximar muito, receosas do ex-marido.

“(...) as amigas não se afastaram, mas tinham medo dele (do ex-marido), então... eram... elas tavam presentes assim, quando eu precisasse, eu chamava, porque elas tinham muito medo dele...” (M8)

Assim como os filhos, os amigos podem se inclinar para o lado que aparentemente está mais fragilizado e, às vezes, até tentam forçar uma reconciliação, conforme ilustra o relato abaixo.

“(...) os amigos começaram a fazer uma pressão pra ele voltar, pra eu deixar ele voltar (para casa) porque ele tava deprimido, deprimido em grau grande e eu disse que não... (amigos:) ‘olha, nós estamos muito preocupados, sei lá, ele pode atentar contra sua própria vida’ E eu falei: ‘olha, pode ser, pode ser tudo, mas aqui, NÃO! Agora acabou, chega!’ Então, foi assim um PÁ! Um CHEGA, ACABOU, NÃO QUERO!”(M7)

A mesma mulher, ao perceber que os amigos poderiam ser um importante conforto para o ex-marido naquele momento, “renunciou” a eles com o intuito de reconfortá-lo.

“É, alguns amigos ficaram mais com ele e EU me afastei. Tipo assim: ‘esses aí ficam com ele, porque eu acho que ele precisa mais do que eu’. Outros não, outros realmente ficaram lá e cá, sempre me procuravam...” (M7)

Uma das entrevistadas contou como foi um choque para seu grupo social a separação já que seu casamento servia como referência. Semelhante ao caso de outra participante (M7), o grupo escolheu um lado para se “unir”.

“Foi um grande choque, porque era um casal referência. A gente era muito... quer dizer, a gente começou muito cedo, era uma coisa muito junta, era um dois em um, entendeu? Foi uma porrada, meus amigos, meus próximos, todo mundo ficou muito mobilizado... (...) Olha, na verdade, aí teve um racha, porque um ano e pouco depois, ele começou a namorar uma moça, quase 20 anos mais nova que ele, e aí foi merda. Aí foi chato... (...) na época, ele adolesceu... Eu dando um duro desgraçado, né... e aí os amigos todos... olha teve UM casal que tentou ficar amigo dos dois, e aí quem deu o ‘dá ou desce’ fui eu. O restante dos amigos, todos ficaram comigo, ele ficou muito sozinho nessa história.” (M9)

6.6

Vida profissional, antes e depois da separação

Corroborando os estudos de Pyke (1994) e Bair (2010), todas as entrevistadas, depois da separação, realizaram grandes mudanças em termos profissionais. Elas, então, demonstraram a capacidade de sobreviver por conta própria, de ser independente e de estar no controle de sua vida. Nesta categoria abordaremos a vida profissional das participantes antes e depois da separação

conjugal, incluindo assim uma possível divisão entre cuidar do lar (e dos filhos) e carreira.

Antes da separação: profissão versus cuidadora do lar e filhos

Cinco das nove mulheres com filho reorganizaram sua vida profissional após seu nascimento, investindo menos na carreira profissional, priorizando desta forma o papel de mãe, o que vai ao encontro dos achados de Biasoli-Alves (2000), Brasileiro, Jablonski e Féres-Carneiro, (2003) e Attias-Donfut (2003). Uma das pesquisadas permaneceu com seu trabalho fora de casa, só que com horários mais flexíveis. Além disso, ela ressaltou a função de cuidado dos filhos como algo bastante cansativo, pois seu marido apenas ajudava e não compartilhava de igual pra igual.

“(...) filho, a princípio, é trabalho braçal. Eu nunca fui mãe de ter babá não sei das quantas, não. Eu tava ali cuidando do Breno (filho) e trabalhando... (...) Eu tinha menos horários, digamos assim, de trabalho. Eu passei a trabalhar em meio expediente, com a entrada do Breno. (...) Entrei num processo de encantamento, literalmente, minha mãe dizia isso: ‘que quando eu tive o Breno, eu fiquei encantada.’ E fiquei mesmo. Por aquele bebê e cuidar dele. Eu cuidei dele basicamente sozinha, porque a... , quer dizer, com a ajuda também do pai, que me ajudava, não vou dizer que não, claro. Tava presente, amava ele profundamente, tudo isso... (...) Sempre minha vida foi assim, mas eu fiz a partir das crianças, eu fiz um horário mais flexível que me permitia...” (M4)

Encontramos um depoimento semelhante, mostrando como a mulher pode colocar em primeiro lugar seu papel de mãe, podendo temporariamente renunciar ao lado de esposa e profissional. É interessante perceber um estado de encantamento com a maternidade em duas participantes (M4 e M9), que assinalaram tamanha satisfação no ato de amamentar e cuidar dos filhos.

“(...) eu vou ser muito franca com você, eu acho que sempre priorizei o lado mãe. Eu levava tudo, tudo, tudo, tudo, concomitantemente, mas de coração, é... se tivesse uma questão entre a maternidade e..., a outra coisa ia dançar... Inclusive o de mulher e esposa, com certeza. Essa foi uma fase é... uma fase complicada, porque na verdade, é... a maternidade e o prazer, né, realmente a minha libido tava toda... eu amamentei muito, olha eu adorava. Ainda bem que eu fiz! (risos) Não me arrependo de nada! (risos) E o lado profissional ia dar tempo, tanto é que depois eu fui correr atrás...” (M9)

Conciliar carreira e criação de um filho pode se tornar algo muito penoso, por isso, algumas mulheres resolveram mudar ou abandonar o trabalho com o intuito de ficar mais presente no lar. Uma das participantes vivenciou o conflito de

maneira tão intensa que chegou a sofrer por um tempo de síndrome do pânico confirmando, portanto, o dilema pelo qual a mulher contemporânea passa com certa frequência, descrito por Rocha-Coutinho (2003, 2009). Particularmente, neste caso, não era só o filho que ocupava a entrevistada; ela, na verdade, estava envolvida com a mudança de casa, junto com a construção de uma fazenda, ou seja, estava sobrecarregada de afazeres.

“Na época que eu tive meu filho, eu trabalhava pra caramba. Às vezes, eu chegava em casa e ele (o filho) estava dormindo, eu ficava arrasada! ARRASADA! E você sabe que passa muito rápido... (...) Eu tava também construindo a casa, que eu queria fazer do meu jeito, que eu sempre gostei, então, eu participava de tudo e tava também arrumando a fazenda... (...) Aí eu abri mão do trabalho, porque eu comecei a ter a síndrome do pânico, eu viajava muito à trabalho, ficava 25 dias fora... Tive até que secar o leite, viajar e nessa viagem é que eu achei que iria morrer, que não ia ver mais meu filho... não foi depressão pós-parto, foi síndrome do pânico mesmo. Aí voltei e continuei trabalhando... fiquei 4 anos trabalhando! (...) Até que saí desse trabalho...” (M2)

De acordo com o relato de uma das entrevistadas, embora tivesse seu trabalho remunerado, ela conviveu, por muito tempo, com a diferença de direitos entre os gêneros, confirmando assim uma dupla moral entre os sexos, citada anteriormente (Jablonski, 1988, 1993, 2003 e 2009).

“Assim, ele aceitava que eu trabalhava, ele me conheceu trabalhando, continuei... Durante os anos que eu tive uma filha atrás da outra, eu diminuí meu ritmo, eu só trabalhava a parte da tarde, tinha o apoio da minha mãe, que morava lá, mas, eu com ele, a gente tinha... ele era uma pessoa à moda antiga. Então, ele aceitava muito pouco a coisa da liberdade da mulher, ele tinha muito mais liberdade do que eu, e eu querendo mais liberdade, então, começou assim, a ter uma diferença. Tinha uma diferença que ele tinha uma vida... não é que paralela, mas ele tinha a coisa de poder sair com os amigos, chegar de madrugada, de ter a vida dele, uma vida paralela dele que era ele com os amigos, porque ele saía do trabalho e ia beber e ia não sei o que... e eu sempre lá, porque eu não poderia ter a mesma liberdade que ele tinha.” (M8)

É interessante frisar que três das nove mães não tinham um trabalho remunerado na época em que tiveram seus filhos. As restantes, por outro lado, dedicavam-se a uma carreira profissional - o que nos mostra a coexistência de valores tradicionais e modernos na sociedade atual com relação à emancipação feminina. Destarte, duas entrevistadas frisaram o quanto tinham de corresponder às solicitações do marido, lembrando-nos dos padrões tradicionais em relação à divisão dos papéis de gênero (Araújo & Scalon, 2005).

“Eu era muito meiga, muito cordata, como sempre, né? (risos) Era bem submissa... Bem dona de casa, mãe, fazia faculdade... Casei com 20 anos, muito novinha, né?” (M5)

“Quando casada eu tinha que dar satisfação, tinha que por café, almoço, lanche e janta...” (M6)

Mesmo sem filhos, a participação desigual de homens e mulheres nas tarefas domésticas pode contribuir para desentendimentos e frustrações no vínculo conjugal, reforçando assim os achados de Jablonski (2003, 2007).

“(...) Ele (o ex-marido) acostumou na casa da mamãe fazendo tudo pra ele, também brigávamos por causa disso, eu falava que a minha casa não era filial da casa da mãe dele (risos).” (M3)

Apenas uma das nove mães entrevistadas prosseguiu investindo muito em sua carreira, mesmo depois do nascimento dos filhos. Diferente dos outros depoimentos, ela não se sentiu pressionada entre carreira e a vida familiar; conciliou os dois muito bem, embora seu marido não compartilhasse de sua opinião.

“Pra mim isso (seu trabalho) não era um problema, era problema pra ele (para o ex-marido). Eu gostava... eu achava que... sempre achei isso... eu não era uma mãe ausente de casa! Eu sempre dei atenção aos meus filhos, sempre tive com eles, sempre procurava essa coisa de... leva na pracinha, participa de todas as festinhas, todas as reuniões, todos os eventos... Claro, eu tinha essa coisa de viajar, mas aproveitava até pouco as viagens porque era aquela coisa de ir e voltar rápido pra poder tá com os filhos.” (M7)

Vida profissional e financeira após separação

Imediatamente após o divórcio, o padrão econômico da maioria das pesquisadas caiu se comparadas à época de casada, indo ao encontro dos resultados de Hoffman e Duncan (1988), AARP (2004) e Bair (2010). Porém, como mencionado, elas conseguiram se reerguer profissional e financeiramente após a separação. Isso não significa que todas deram altos saltos em termos profissionais, mas de certo modo, mantiveram-se felizes e satisfeitas com seu dia a dia.

“Hoje estou muito mais tranquila não preciso me preocupar em dar satisfação onde estou, quando vou voltar, muito menos me preocupar com comida para ele (ex-marido) ou meu filho comer... Trabalho pra minha irmã e faço algumas bijouterias pra vender... Quando a gente se separou já não estava bem (financeiramente). Hoje eu ganho um

dinheirinho, pago minhas contas, vivo num lugar simples, não tão bonito, mas também não tão caro, o que me deixa mais calma no final do mês.”(M6)

Uma participante, que permaneceu no mesmo emprego, comentou que, mesmo com mais despesas, está mais feliz depois do divórcio, aproveitando a vida de uma maneira que não fazia quando casada.

“Agora pago um aluguel, que não pagava, eu gasto mais agora, mas também eu vivo mais com certeza ! O meu padrão de vida, de um modo geral, não caiu.” (M3)

Nos relatos das mulheres aparecem histórias de grande sucesso profissional, motivo de orgulho e satisfação entre elas, principalmente ao perceberem si mesmas como “auto-confiantes” e “auto-suficientes”, o que também surgiu na pesquisa de Pyque (1994).

“O salto que eu dei profissionalmente, depois dos 40 anos é uma coisa assim que me deixa CHEIA de orgulho! E mais... aprender a viver sozinha. Porque quem viveu a vida toda, 22 anos casada... Hoje eu faço tudo, eu sou dona da minha vida, eu pago minhas contas, hoje eu... eu tenho um patrimônio considerável, eu posso parar de trabalhar, e eu vivo MARAVILHOSAMENTE bem... Eu tenho tudo, TUDO, eu que conquistei, depois de 40 anos, então eu sou uma mulher realizada e guerreira.” (M8)

“Eu já estava trabalhando, só que aí você, claro, você fala assim: ‘agora eu tem que trabalhar diferente, né, com mais profissionalismo, contando com aquilo mesmo, né, com seu trabalho’. Aí, graças a Deus, deu muito certo, foi ótimo. Eu tive aquele momento, ficava aquela preocupação e tal, mas depois passou. Comecei a trabalhar mesmo, de verdade, trabalho com a minha filha, nós somos sócias já tem 16 anos. Estamos muito bem!” (M10)

É interessante perceber no discurso das entrevistadas o desenvolvimento de novas identidades a partir da separação, algo também apontado pela pesquisa da AARP (2004). Elas disseram ter adquirido uma boa imagem de mulher independente e capaz principalmente através de conquistas profissionais.

“(...) Aí abri a franquia que não durou muito, durou uns dois anos e pouco, três anos... Foi assim, um sucesso na época, né? Mas foi muito gostoso, aí eu comecei a... sabe? A me sentir segura. Novamente, entendeu? Com meu trabalho...(...)Depois de poder me cuidar sozinha, eu sentia que eu era produtiva, que eu era capaz de fazer alguma coisa. E não apenas ser dona de casa, mãe, esposa, que ficava esperando o marido chegar...” (M5)

“(...) por isso assim, essa coisa do eu quis (a separação)! Eu quis e nesses 15 anos, a minha vida profissional, como eu estou te dizendo, deu assim uma... cresci imensamente, eu me inseri... eu virei uma outra, entendeu? Coisa da mulher, nasceu uma mulher! Mãe eu já era, né.” (M9)

Como vimos, às vezes trabalhar junto com o marido pode não só prejudicar a relação conjugal, como também gerar problemas financeiros, já que são duas pessoas dependendo de um mesmo negócio como fonte de renda. Encontramos dois casos de sucesso profissional em que as pesquisadas deixaram de trabalhar com o ex-marido e reinvestiram em suas carreiras pós-separação; assim, comprovaram sua persistência e capacidade em termos profissionais.

“(...) eu tô melhor financeiramente, sem ele. Eu não tive dificuldade nisso porque a gente tava com problemas financeiros, então pra mim, eu tô melhor hoje financeiramente. (...) hoje eu consigo lidar melhor, né? Porque sou eu sozinha, eu cuido da minha parte financeira. (...) Antes, eu misturava muito, muitas vezes eu trabalhava sozinha, às vezes trabalhava com ele...” (M1)

“Meu estilo de vida caiu... (...)Eu voltei pra estaca zero, fui trabalhar lá longe, ganhando uma mixaria, mas fui, né? Era o que eu sabia fazer, né? Até tomar coragem e começar a trabalhar com essa outra amiga minha. E isso é mérito meu!” (M2)

6.7

Vida afetiva e sexual após separação

Nesta categoria, discutimos como se encontra a área afetivo-sexual da mulher depois da vivência de uma separação de um casamento duradouro, como também a perspectiva de experimentar um novo relacionamento. Das dez mulheres, oito estavam sem um namorado fixo na data da entrevista, e foram mencionadas diversas razões para isso. Além disso, várias questões vieram à tona como, por exemplo, o fato de a maioria das mulheres enfatizar que não gostaria de se relacionar com homens muito mais novos, como também a dificuldade do uso de preservativo.

Dificuldade do encontro

Corroborando os achados de Goldenberg (2009), as entrevistadas apresentaram certa dificuldade em encontrar um parceiro; além de serem mais seletivas do que antigamente, reconheceram também que não estavam se dedicando a isso.

“O que eu sempre falo é o seguinte: ‘se já está difícil entre as pessoas jovens que eu conheço né?’ Pra essa faixa, a nossa, eu acho que fica mais porque você... realmente, você repara mais as coisas, você vai ser mais cautelosa, agora não digo que não exista... Porque eu, por exemplo, não tô focada nisso, né? Eu não posso dizer assim, ah não existe ninguém! Não, não posso dizer isso! Porque eu não tô indo atrás. (...) Depois do namoro que tive, eu cheguei a sair e tal, você sai com alguém, mas nada, digamos assim, uma relação mais sólida, mais companheiro... Isso não, isso não, entendeu? Porque eu encontrei algumas pessoas, mas que não tão querendo nada com nada...” (M4)

A participante seguiu seu discurso utilizando o mesmo argumento para justificar o período que está sem se relacionar sexualmente.

“(...) Eu incluo também a vida sexual, porque pra mim, por exemplo, o que que acontece, eu não sei, é uma coisa minha, sair com alguém, ir pra cama e no dia seguinte tá tudo bem na minha cabeça. Eu não sei fazer isso, entendeu? Eu não tenho nada contra isso, mas pra mim, eu não me sinto bem, não funciona assim. Então, a minha vida sexual também ficou pra trás, nesse aspecto... De uns cinco anos pra cá... que é bastante tempo...” (M4)

Uma das mulheres relatou que espera alguém utópico, logo não podemos afirmar que ela esteja querendo de fato se relacionar com alguém.

“(...) de um ano e pouco pra cá... eu não tô com ninguém. Não me relaciono com ninguém... Aí, você me pergunta: ‘você tem vontade de sair com alguém?’ Eu tenho vontade de sair com alguém da minha imaginação! (risos) Entendeu? Um ideal... Seria uma pessoa assim... também não tenho procurado, né? Seria um cara, que não tivesse filho morando, que não bebesse muito, porque eu só encontro gente que bebe... Os homens depois dos 50, 55 são todos CACHACEIROS! Impressionante!” (M2)

É curioso perceber que a maioria das mulheres frisou não ter interesse em homens mais novos (ao contrário do que ocorre com os homens), o que diminui bastante a possibilidade de escolha, especialmente em um contexto em que os homens disponíveis para o casamento são escassos (Berquó, 1989).

“Eu não gosto de garoto, tá? Tem homens até mais novos que se interessam, eu não... eu gosto de homem da minha idade, assim, próximo a minha idade...” (M1)

“E mais novo eu não quero não! O meu ex-namorado já era 4 anos mais novo do que eu... E assim, não me dá... Eu gosto de realmente de pessoa mais... eu não gosto de garoto novo, gente nova. Eu gosto de pessoa mais velha.” (M2)

“Eu não vou ficar olhando pra garoto! Eu não vou dizer que NUNCA, até olho às vezes, mas não é essa a minha praia. Porque ficou um certo mito, né, de que a mulher mais velha prefere o cara mais novo... Eu quero um cara maduro, com cabeça, que não seja enrolado... (...) Então, sabe, essas coisas assim muito... não é um tudo ou nada, não é! Tem uma coisa seletiva da gente, agora, ao mesmo tempo isso trás consequências, porque a gente fica mais só.” (M7)

Encontrar alguém pode ficar ainda mais difícil quando não se quer alguém muito mais jovem, nem muito mais velho.

“(...) outro problema grande pra mim, eu não gosto de velho! (...) Eu não gosto nem de mim, como velha e nem gostaria de namorar um cara de setenta anos. Eu tenho sessenta e quatro, os homens da minha idade querem meninas mais jovens. Eu também não namoraria um cara jovem...” (M8)

“Assim, eu vou pegar um garotão? Não vou pegar um garotão! Um homem mais velho do que eu? Pode ser, mas não TÃO mais velho né? Enfim, eu não sei. Isso daí eu já não sei te dizer...” (M9)

Devido à falta de locais de lazer que permitam bons encontros, principalmente para uma faixa etária mais madura, uma das participantes disse utilizar *websites* de relacionamento com certa frequência, reforçando assim os estudos de Bair (2010).

“Eu conheço algumas pessoas em sites de relacionamento... Porque as mulheres da nossa idade, 50 anos, vai pra onde? Não tem! Eu saio com minhas amigas, geralmente vou pra restaurante, vou comer, vou jantar, não sei o que... ou para beber alguma coisa. Você vê um monte de mulheres juntas, você nunca vê um monte de homens juntos!” (M3)

Vida sexual após menopausa

A metade das participantes afirmou que a menopausa não prejudicou sua vida sexual, como algumas também pontuaram que recorreram ao uso dos recursos artificiais, como a reposição hormonal, citados anteriormente (Lachman & Firth, 2004). Assim como a pesquisa de Watson, Bell e Stelle (2010), principalmente as mulheres que tinham um namorado fixo estavam muito satisfeitas com sua vida sexual, indo de encontro ao mito de que as pessoas mais velhas, geralmente, não têm interesse sexual.

“Não tem esse lance de não ter desejo sexual. Eu acho que a mulher que chega mais tarde e não tem desejo, é porque já não tinha muito antes. Tem muitas mulheres que não gostam de transar... Não tem uma vida sexual ativa, não se sente... Eu acho que é por aí. Diz que tem a parte hormonal, mas hoje em dia você tem recursos, né? Você tem hormônios, você tem formas de lidar com isso, mas eu acho que não é... não tem a ver. Tem a ver com desejo mesmo, com libido, entendeu? Então, eu acho que é de cada pessoa isso, eu não tenho o menor problema....” (M1)

“Eu faço reposição hormonal, então nem tenho muito essa coisa de ressecamento... a libido tá baixa... Não porque com namorado novo né? Tudo é ótimo!” (M5)

“(a minha vida sexual está) muito bem! A única coisa que eu tive da menopausa foi a insônia, mais nada. Não tenho problema nenhum na parte sexual. Claro que não é como você tivesse 20 anos... faço reposição hormonal...”(M10)

A necessidade de recorrer ao preservativo foi apontada como algo que dificulta a vida sexual das mulheres, já que a maioria delas não adquiriu esse hábito (Sousa, 2008) e então, conseqüentemente, seu número de parceiros fica mais restrito.

“Agora, tem uma dificuldade, tá? Que eu acho interessante é a camisinha. Eu também tenho dificuldade. Eu não tenho o hábito de usar, a gente não tem esse hábito depois de uma certa idade. Isso é complicado, porque não é algo natural pra gente da minha geração... E aí, você acaba que você transa sem usar camisinha. Então, na verdade, o que que acontece, eu tenho que escolher muito mais. Muito mais, muito mais! Porque o homem também não quer transar com camisinha, porque para o homem mais velho...(...) Eles tem mais dificuldade com camisinha...” (M1)

“A gente da minha geração não tem muito o hábito (de usar preservativo). E assim, quando eu me separei e saí com um ex-namorado meu, que eu sei que ele foi muito doído, eu exigia. Ele ficava puto e eu exigia. (...) Era estranho pra mim também...” (M2)

Vida afetivo-sexual: momento presente

Encontramos discursos semelhantes aos resultados de Bair (2010) em algumas entrevistadas, ao alegar que estavam muito bem sozinhas, mas ao mesmo tempo, não estavam totalmente fechadas para um relacionamento afetivo.

“Bom... se você me perguntasse assim: você nunca mais vai ter alguém? Eu vou dizer assim: ‘eu acho que não.’ Porque eu não me vejo assim... eu acho que em algum momento na minha vida, eu acho que eu ainda vou cuidar disso, porque eu acho que é questão de cuidado. Então, como eu não estou cuidando disso agora, eu não posso dizer... Eu não estou fazendo nada pra isso! Poder ser, pode ser... pro futuro sim, mas não agora.” (M4)

“(...) assim eu nem gostaria, nem não gostaria (de me envolver afetivamente), se acontecer um encontro, legal, se não acontecer, legal... O que eu posso te dizer é o seguinte, é... não é a qualquer preço, não é para ter um par, e não preciso assim, ter um par, entendeu? Eu tô confortável do jeito que eu tô: os amigos, as minhas histórias, as minhas viagens, a minha vida profissional, a minha vida familiar. Se acontecer um novo amor, poxa, bacana! Um novo amor... amor é uma coisa boa! Legal! Mas, só se for realmente uma história de amor legal, agora, só pra ter alguém do meu lado, nem pensar!” (M9)

Em contrapartida, duas mulheres escolheram por ficarem sozinhas, pois acreditam já terem investido o suficiente nos seus relacionamentos anteriores, reafirmando assim os estudos de De Jong Gierveld (2002). Logo, ressaltaram que preferem cuidar de si, da profissão e da família em vez de iniciar uma relação afetiva.

“O teu emocional já tá tão castigado ali, que você não tem mais o que recolher. Aí eu pensei o seguinte: ‘bom, tô sozinha, e esse tempo, que eu estou sozinha, esses oito anos, entrar num outro processo? Entrar em outro casamento? Procurar outra pessoa?’ Também não tenho interesse...” (M6)

“Olha, vou te falar, de dois anos pra cá, eu não tenho mais vida afetiva porque eu não quero, não tenho vontade. Eu sou completamente dedicada pras minhas filhas, pro meu trabalho, que é muito rico, e para... os meus amigos, eu tenho MILHÕES de amigos. (...) São várias coisas, né, e a libido, que foi embora, que eu poderia até usar de alguns recursos artificiais, mas eu não tenho mais vontade. (...) acho que tem a ver com as experiências anteriores...” (M8)

Duas entrevistadas não namoram firme, mas regularmente estão saindo com alguém, sem necessariamente manter um compromisso.

“(...) mas volta e meia, eu estou sempre com alguém, com algum homem, tá? Assim, sempre um paqueira... não quer dizer que eu esteja sempre transando, porque eu não estou disponível o tempo todo. (M1)”

“Não saí com muitos (homens) não, porque eu faço um filtro. A idéia não é sair pra transar, é pra se conhecer... Se você quiser transar, qualquer um serve, mas pra ter um relacionamento legal, aí é outra coisa.” (M3)

Uma das participantes relatou que está num momento delicado, de dúvidas em relação a seu relacionamento afetivo. Depois de passados cinco anos, ela gostaria de ter um envolvimento mais sério com seu parceiro, mas até então não havia obtido isso. A idade, portanto, também pode atuar como um gatilho no sentido de: “o tempo está passando e, quanto mais tarde, mais difícil será encontrar alguém”, pensamento que aparece em muitos casos, conforme pontuamos (Sakraida, 2005).

“E agora eu vivo uma situação de muita dúvida, porque eu continuo nesse relacionamento, mas eu também tô começando a me sentir muito só, porque o cara tem outro relacionamento (...) mais atenção pra lá e aí eu comecei a ‘peráí, tem alguma coisa fora do... né?’ E eu acho que aí que fica difícil porque... durante muito tempo eu fiz aula de dança, eu frequentei durante muito tempo a Lapa, nos últimos dois anos, comecei a encher um pouco o saco. Porque assim, eu tenho uma relação, mas eu sei que ela é...”

infinita enquanto dura, eu não sei o que vai acontecer. Não tenho um compromisso. (...) Então, eu tô começando a ver... ‘peraí, eu tenho cinco anos de separação, e cinco anos de relação, e aí?’ Daqui a pouco eu tô com 60 anos e como é que vai ser? (M7)

A mesma mulher relatou como foi difícil voltar a paquerar e estar solteira novamente, deparando-se com uma nova forma de as pessoas se relacionarem: através de vínculos mais superficiais e imediatos (Bauman, 2003).

“(...) meu Deus, eu não sei mais paquerar! Como é que isso? O cara me chama pra dançar e aí né? Eu me lembro que as primeiras vezes que eu ia na Lapa, eu falei: ‘Meu Deus e agora? Como é que vai ser?’ É interessante, é um negócio assim... NOVO, né, mas você aprende.(...) já sai com algumas pessoas assim, alguns caras... Não, não fiquei, mas eu tentei. Tentei assim umas... umas 3 pessoas, 3 caras. Mas... sabe que não rolou? Eu acho que tem uma coisa assim, uma pressa, sabe? De... ‘posso te beijar?’ ‘Pelo amor de Deus, eu acabei de te conhecer hoje!’ Eu acho que ainda estou nesse descompasso, sabe?”(M7)

LAT - Living Apart Together

As duas pesquisadas que vivem um relacionamento afetivo estável mantêm-se, por opção, em casas separadas, ou seja, no arranjo LAT, ao qual nos referimos anteriormente (Bair, 2010). Quando indagadas se gostariam de um dia morar junto com seu companheiro, elas foram enfáticas em negar tal possibilidade. No entanto, é importante lembrar que, na seleção desta pesquisa, como mencionado, optamos por quem não coabitasse; logo, não é por acaso que ambas as mulheres com relacionamentos firmes morassem em locais distintos de seus parceiros.

“(Minha vida afetiva está) ótima! Perfeita! Eu tô namorando uma pessoa muito boa, uma pessoa muito... muito íntegro! Já estamos juntos há um ano e oito meses. (...) Não tenho vontade de morar junto... Cada um com a sua individualidade, com sua casa, com suas manias, né? Acho que o recomeço aos cinquenta e tantos anos, entendeu? Aquele negócio, a gente não pode dizer dessa água nunca beberei, pode ser né? Mas hoje não! Dividir as escovas de dente (risos), o dia a dia, nem penso em recomeçar um casamento! Não é nem aquela coisa, ah... porque eu vou badalar, vou sair, vou ter outros... Não! Sou super tranqüila, mas eu gosto de estar sozinha.” (M5)

“Eu tô bem, tô bem... Tenho esse relacionamento. Nós namoramos, não moramos juntos, cada um na sua casa, já tem 12 anos. Ele é uma pessoa ótima, não depende de mim pra nada, nem eu dele. É um relacionamento mesmo, sem obrigações. Não (não gostaria de morar junto), acho bom como tá.” (M10)

Validando os achados de De Jong Gierveld (2002), a maioria das entrevistadas optaria por se relacionar através do modelo LAT, caso viesse a ter

um relacionamento futuramente. Porém, como podemos perceber nos relatos abaixo, a coabitação não foi uma possibilidade totalmente descartada.

“A princípio seria melhor cada um na sua casa... Acho que nesse momento não moraria com ninguém... Pra mim, neste momento está ótimo como está. Não sei se em algum momento eu tenha vontade de morar com alguém se, essa pessoa me prende muito, né? Não sei... Mas agora, eu tenho pouquíssimo tempo pra curtir meu espaço!” (M3)

“(...) você começa com o tempo, você tem mais as suas coisas, os seus jeitos, seu histórico, então eu acho que o ideal pra mim seria cada um na sua casa e se encontrar, quando fosse interessante. Até porque você já tem um outro tipo de vida, você tem uma questão financeira, da sua casa, seu canto, sei lá, essas coisas assim... Então, eu acho que meu canto hoje, se você perguntasse assim: você levaria alguém pra morar com você hoje? Eu acho que iria ser meio complicado... (...) porque é... nesse momento eu queria outra forma, não seria ali, junto não. Na mesma casa, que eu tô dizendo... Mas, eu não descarto, não descarto... Pode acontecer, a gente nunca sabe...” (M4)

Algumas das participantes preferiram o arranjo LAT para um futuro relacionamento, principalmente pelo fato de terem filhos ainda morando com elas, ou seja, fazem parte da geração canguru (Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004). Assim, podemos concluir, segundo estes dois relatos abaixo, que o modelo de família tentacular, mencionada por Khel (2003), nem sempre é vista como uma boa opção.

“O meu ex-namorado queria que eu fosse morar com ele, queria casar, e ele tinha 3 filhos, homens e queria juntar meu filho com os filhos dele. E eu não queria! Se ele tivesse, de repente, se ele topasse em apenas namorar... Porque eu não quero juntar o meu filho, que na época estava com 20 anos, com os filhos dele... Eu não iria me sentir bem, educando meu filho, com meninos, que tiveram uma educação diferente. Se ele tivesse morando sozinho e eu também, é diferente! Nossa, imagina, 5 homens e eu sozinha! Eu iria me sentir sufocada! Não teria sido muito melhor continuar morando sozinha e namorando final de semana? Mas ele não queria...” (M2)

“Morar junto com filho NÃO tem jeito, isso aliás NUNCA né. (...) Tudo bem, podia vim, namorar e tal, isso aí não tem problema, mas morar junto... isso eu sempre achei que não ia dar certo. Eu já acho uma complicação morar junto, filhos, jovens adultos, com pai e mãe biológicos, ainda mais essa montagem. Cara, eu acho um QUEBRA-CABEÇA, entendeu? MUITO complicado, muito! E assim, eu acho muito complicado essa coisa assim, você tá dentro de casa e... um outro homem que não é o teu pai, entendeu? É... eu acho complicado... e eu também não tenho espaço interno, por exemplo, que essa coisa assim, cada um vem com seus filhos, uma nova grande família... (...) eu acho que na prática eu não... não via nenhuma possibilidade.” (M9)

Apenas uma entrevistada não gostaria de experienciar uma relação LAT, pois acredita ser mais confortável viver junto com alguém.

“É, eu acho que casaria de novo, mas não sei se realmente... eu acho que é o que eu conseguiria fazer, entendeu? (...) Mas, eu acho que eu casaria de novo, é... acho que sim. Eu, por exemplo, não tenho o menor saco de ficar fazendo mala pra final de semana pra casa de ninguém. Então, sabe ou o homem tem que ir lá pra minha casa ou (risos)...”
(M1)

6.8

Avaliação do momento atual

Procuramos saber das entrevistadas como caracterizavam seu momento atual, tendo em vista que apesar do divórcio ser, às vezes, a melhor solução para o casal que não consegue superar suas dificuldades, ele é geralmente vivenciado como uma situação profundamente estressante e dolorosa. Como mencionamos anteriormente, as entrevistadas variaram entre um ano e meio e vinte um anos, contados do momento em que se divorciaram até a data da entrevista e, aparentemente, todas se mostraram fortes e satisfeitas com a decisão. Dessa forma, nossos resultados se aproximaram da teoria que vê a separação como uma crise temporária (Booth & Amato, 1991; Coontz, 2010) e não como uma fonte de tensão crônica que persiste indefinidamente (Degarmo & Kitson, 1996). Depois de ultrapassadas as dificuldades da separação, no entanto, outras questões podem surgir independentemente da experiência do divórcio, conforme abordaremos nesta categoria.

Realizadas

A maioria das pesquisadas contou que leva uma vida agradável e satisfatória pós-separação; mesmo que não tenha sido fácil para nenhuma delas, todas disseram ter acertado na decisão, indo assim ao encontro dos resultados de Bair (2010). Podemos pensar que a sensação de terem feito a melhor escolha seja parte também de um mecanismo utilizado por elas para mitigar os sofrimentos e evitar a dissonância cognitiva (Festinger, 1957); elas convencem a si mesmas de que acertaram na decisão pela separação, tornando assim a vida pós-separação mais leve e com menos arrependimentos.

“Ah... eu acho que estou num ótimo momento da minha vida! Profissionalmente, afetivo...” (M10)

Em consonância com a pesquisa da AARP (2004), algumas entrevistadas se descreveram como “guerreiras” e “rainhas” no sentido de terem enfrentado bravamente a todas as mudanças que precisavam ser feitas quando uma pessoa, que era parte de um casal por tantos anos, repentinamente se vê sozinha com tantos desafios pela frente.

“Eu me considero uma guerreira. Capaz, assim de ter saído! Porque quando eu me mudei, eu tava ganhando um x, onde trabalhava, eu precisei arrumar um outro trabalho, eu fui, fiz a mudança, consegui pagar tudo, entendeu?” (M2)

“Vou te dizer... eu saio daqui, eu me sinto como se fosse uma rainha, e assim que eu saio pra rua. É assim que eu me sinto agora... Estou feliz!(...) Continuo fazendo terapia e agora estou numa outra fase... (...) E falo sempre, me arrependo do que eu não faço, não do que eu faço. (...) Meu momento atual está ótimo! Acabei de voltar de férias, umas férias ótimas, com ótimas fotografias, pessoas legais... Umas férias, nas quais eu vejo, através das fotografias, refletindo felicidade.” (M3)

Uma das participantes enfatizou a coragem que precisou reunir para tomar a iniciativa da separação e como se sentia orgulhosa de si mesma por ter encarado tal situação. Mesmo que o casamento dela tenha tido um final tumultuoso e sofrido, ela se sentia realizada com sua vida, sua família e sua profissão.

“(...) eu fui muito corajosa, porque pela minha estrutura, aos 22 anos de casada, separar, isso é uma coisa muito difícil! (...) Eu tenho VÁRIAS amigas da minha geração que vivem como estranhos com o marido... não dormem juntos, não conversam, nada, mas não separam, entendeu?(...) Então, eu sou realizada... (...) minhas filhas, nós temos uma relação de amigas... minhas filhas querem estar comigo, meus genros querem estar comigo... (...) sou uma mulher feliz!”(M8)

Sensação de liberdade

Uma das pesquisadas se sentia mais madura e serena, inclusive com a possibilidade de olhar para o que já passou sob outra perspectiva, livre do acúmulo de mágoa e hostilidade. Como muitas outras entrevistadas, ela disse estar mais tranquila e satisfeita com a sua recém-conquistada independência.

“Eu estou mais amadurecida, porque quando você está casada, você está vivendo aquele momento e não enxerga muito o que está acontecendo. Quando você sai da situação, você para e vai analisar uma coisa, vai analisar outra, de repente houveram situações que ali foram um drama, e na verdade, não foi drama nenhum... (...) Então, eu acho que

assim, eu estou muito mais tranquila, muito mais amadurecida. (...) Não tenho que dar satisfação para ninguém, faço o que quero... Isso é muito bom!” (M6)

Algumas participantes aproveitam sua liberdade para viajar e usufruir de suas amizades trazendo, assim, renovação e vitalidade para sua vida.

“Eu adoro viajar... (...) Eu vou muito ao cinema, adoro cinema, teatro... Saio com amigas, eu tenho muitos casais amigos. Eu saio com casal e com amigas solteiras, essas duas modalidades. (...) Às vezes, eu te diria que fico mais livre pra desfrutar das minhas relações, sem ter um alguém que eu tenho que tá preocupada se tá interagindo... entendeu? Eu adoro isso assim, de poder tá ‘on my on’, entendeu? Dá uma sensação, um sentimento de liberdade muito agradável.” (M9)

Outra entrevistada ainda ressaltou que as viagens, o trabalho, as amizades e a família suprem a falta de um homem em sua vida, ratificando assim que não tem interesse em investir em um novo relacionamento.

“(...) eu sempre faço muita coisa aqui em casa, gosto muito de cozinhar, então no final de semana eu sempre chamo os amigos pra gente cozinhar... (...) Então eu viajo MUITO, muito, muito, muito... vou aonde tenho os amigos... Viajo também à trabalho... é assim a minha vida, minhas filhas, minhas netas... eu não tenho mais vida afetiva, eu não tenho vontade de ter uma pessoa. Eu perdi completamente a libido... E aí a minha médica me fala: ‘Você quer recuperar?’ Eu não quero! Eu não quero um homem aqui dentro, eu não quero dormir com um homem!” (M8)

O resgate de si mesma

À medida que a identidade conjugal construída durante o casamento vai se desfazendo, a separação se torna também uma oportunidade para resgatar aspectos abandonados ao longo de uma vida a dois. Dessa forma, a conjugalidade é desconstruída e, simultaneamente, vai se restaurando a identidade individual em um processo lento, mas ao mesmo tempo libertador para um possível recomeçar.

“(...) eu acho que eu pude resgatar assim, eu acho que resgatei meu lado mulher. Eu acho que já tinha uma boa imagem minha enquanto profissional, enquanto pessoa, enquanto mãe, enquanto filha, aí, eu acho que resgatei nesse processo todo o meu lado mulher, me sinto mais feminina, mais desprendida, né, pra tentar ter uma outra vida...”(M7)

Como vimos, o voltar-se para si mesma pode ser precioso para as mulheres, que, depois de tantos anos vivenciando a identidade conjugal, podem ter deixado um pouco de lado elementos importantes de sua individualidade. Uma participante, desse modo, frisou a redescoberta de qualidades esquecidas como,

por exemplo, a possibilidade de reaver o prazer e o belo nas pequenas coisas, trazendo-lhe novamente um sabor e encanto pela vida.

“Então você começa a observar mais a vida e encarar... a beleza das coisas de uma forma mais forte, que eu tinha, entendeu? (...) me revendo, quer dizer, podendo entrar em contato de novo com aspectos que eu gosto muito de mim mesma, que é essa coisa de, de amor ao belo, as coisas simples, sei lá, que eu tava perdendo.” (M4)

Notamos o movimento de recuperação da individualidade antes mesmo da dissolução conjugal, representando assim importante fortalecimento e preparação para o que viria a seguir, o divórcio. Corroborando os achados de Sakraida (2005), as entrevistadas também citaram melhores hábitos alimentares e a prática frequente de exercícios, que surgiram concomitantemente com o término no casamento.

“Então, o que que eu recuperei três anos antes? Comecei a fazer novas amizades, comecei a malhar mais um pouco, comecei a ir pro cinema sozinha, sair com as minhas amigas pra não sei onde, comecei a fazer curso de fotografia e a viver a minha individualidade.”(M3)

“A viagem dele foi importante para ver que eu ficava bem comigo e olha que foi muito interessante que não foi uma época, por exemplo, que eu saía de noite. Eu não tinha essa coisa de ir nos lugares e tal, até então não. Foi mais uma coisa assim, de eu comigo mesma, comecei a fazer um curso, aí eu comecei a estudar italiano... (...) fui para um coral, aí eu cortei meu cabelo, aí eu... sabe quando você começa... o tipo de roupa, aí eu emagreci, não que eu estivesse gorda, mas começou a mudar assim a minha alimentação, tudo, tudo! IMPRESSIONANTE!” (M7)

Novos desafios e nem tão novos assim

Depois de superados diversos obstáculos que se apresentaram durante o processo de separação, outros desafios apareceram no caminho das entrevistadas, uma vez que, claro, a vida prosseguiu. Temos, por exemplo, no depoimento de uma participante, o reforço dessa ideia, pois, cinco anos depois de separada, novas questões surgiram, tanto no campo profissional, familiar e afetivo.

“Então assim, eu tô agora vivendo um outro ciclo de mudança, eu decidi fazer doutorado, foi uma virada, do ano passado pra cá, eu decidi talvez estudar fora... não sei o que vai acontecer... O meu filho, o do meio, foi morar com o pai nesse ano. Esse ano tá sendo um ano de grandes mudanças, e também profissionalmente... (...) também tô batalhando emprego. Então assim, é como se fosse um começar de novo, mas numa fase de maturidade. Aí eu comecei a pensar que eu queria tentar um outro tipo de relacionamento também...”(M7)

A entrada num novo estágio de vida como a velhice pode ser encarada como um desafio, principalmente em uma cultura que valoriza tanto a beleza e a juventude, conforme explicamos (Lins de Barros, 2004; Papaléo Netto, 2006). Ilustrando a questão, os relatos de uma das mulheres mencionam, algumas vezes durante a entrevista, o quanto era difícil aceitar a velhice, com todas as mudanças físicas e cognitivas subsequentes e, com isso, acolher a passagem do tempo e também a inevitabilidade da morte.

“Agora é aceitar a velhice... Não a velhice, aceitar a regra da vida... você vai para o auge, depois você entra num declínio físico, e eu quero manter o mental, por isso que eu voltei pra minha terapia.” (M8)

Passados seis anos desde a separação, uma entrevistada relatou que sua dificuldade de criar um vínculo ainda persiste no momento presente. Contrariando a maioria das mulheres neste estudo e também autoras como Goldenberg (2009) e Bair (2010), a mesma foi enfática ao afirmar que não tem nenhum problema em encontrar homens interessantes no “mercado”.

“Olha, eu tô com muita dificuldade! Já podia estar casada, tá? Não falta homem no mercado, é mentira isso. Eu sempre disse isso, nunca faltou, tá? (...) Eu é quem fiquei com dificuldade mesmo de conseguir me firmar mesmo com alguém, né? No início, logo de cara eu não tava fechada, eu tive um relacionamento forte e tudo, mas depois eu me fechei.” (M1)

6.9

‘Conselhos’ sobre o casamento

Durante as entrevistas, sondamos os conselhos que as pesquisadas dariam às suas “filhas” (tendo-as ou não) sobre o casamento, com o intuito de conhecer sua real avaliação sobre a experiência conjugal. É curioso observar como grande parte das mulheres construiu o argumento, principalmente, a partir de sua experiência pessoal, ou seja, valendo-se dos aspectos que, na opinião delas, atrapalharam ou ajudaram seu relacionamento ao longo dos anos.

Todas as entrevistadas recomendaram suas filhas a experienciarem um vínculo conjugal, oficializado ou não. Isso porque a convivência a dois foi

considerada algo muito bom e prazeroso, mas com certas ressalvas que deveriam ser sublinhadas, como veremos a seguir. Outro fato que nos chamou atenção foi que a maioria das mulheres mostrou, através de seus discursos, uma posição mais liberal enfatizando, inclusive, a importância da coabitação antes de o casamento ser oficializado.

A importância de ser feliz

Em consonância com a forma de pensar dos “boomers”, que mencionamos anteriormente (Lanchman, 2004; Bair, 2010), as entrevistadas prezaram muito a felicidade, sendo o divórcio uma possível saída de um casamento mal sucedido e, portanto, uma segunda chance na busca de ser feliz. Isso vem ao encontro do tema que abordamos nos capítulos anteriores, sobre como o casamento da atualidade está relacionado à autorealização e satisfação emocional, diferente do modo que era percebido há algumas décadas.

“(...) o importante é se ela está feliz ou não no casamento. Ela tem que se sentir feliz! Nada pode lhe fazer mal! Não pode ficar com alguém que, seja qualquer tipo de relacionamento que for, que lhe faça mal. Num primeiro sinal, reflita e... (estala os dedos) e sai fora!” (M3)

“Acho que o importante é você estar com uma pessoa que você goste e goste de você, que vocês andem lado a lado, que sejam felizes...” (M6)

A obrigação de o cônjuge fazer seu parceiro feliz pesa sobre o casamento e introduz o desencanto. Na atualidade, muitas vezes, a impressão que se tem é a de que a felicidade é algo que o outro irá fornecer através do casamento. Portanto, a última pesquisada citada (M6) explicou que, antes de esperar algo de alguém, é preciso estar satisfeita consigo mesma, sendo assim a responsável pela própria felicidade.

“(...) não ficar esperando o outro te fazer feliz, o importante é estar bem com você mesma, internamente, entende? Porque só depois disso é que é possível estar bem para uma relação...” (M6)

Outra entrevistada aconselhou a filha a viver sua vida com leveza, sem se apegar tanto aos problemas e às críticas, cultivando assim o bem estar e a harmonia entre o casal.

“Eu tenho uma filha casada... (...) Então, sempre dou o conselho de tentar viver da melhor forma possível.(...) A gente tem que tentar viver o melhor possível, né, sempre descobrindo no dia-a-dia pra que o casamento seja melhor, que sua convivência seja gostosa, sem ser também uma pessoa pesada, né?” (M10)

Uma das participantes frisou o quanto a decisão pelo divórcio deve ser pensada, ponderada e não consequência de um ato explosivo e impensado, já que o convívio conjugal é algo que requer paciência e persistência para o seu ajustamento.

“(...) eu acho assim, que não deve separar logo de cara, se alguma coisa não tiver bem... Porque eu acho que às vezes, você pensa que não gosta mais ou que tá ruim, passa um tempinho, e você percebe que não é nada disso, né? Que é apenas, eu acho que é uma adaptação... Agora, eu acho que se você perceber, que realmente, você não ama mais aquela pessoa, que você não está mais feliz, aí eu acho que você deve separar e na vida, sempre, você pode recomeçar, né? (...) É complicado a separação assim, claro que eu acho que é melhor se puder continuar, mas continuar feliz, né? Se continuar feliz, então tá bom.” (M1)

“Faça diferente do que eu fiz!”

Nesta subcategoria reunimos questões que influenciaram o casamento das participantes e que, segundo elas, fizeram parte do motivo principal para o seu término. Duas entrevistadas frisaram o quanto é importante casar com certa maturidade, sabendo o que desejam da vida. Talvez assim seja possível o casal caminhar na mesma direção e ritmo.

“Primeiro, não casar cedo! Que é um erro, porque você não tá pronta ainda, você não tá cristalizada, você está em processo de crescimento. (...) o processo de crescimento é muito difícil, os dois estarem crescendo no mesmo movimento.” (M8)

Seguindo a mesma linha de pensamento, uma participante assinalou o quão recomendável é o investimento numa carreira antes de casar e de ter filhos, reforçando a importância da realização profissional e da independência financeira da mulher na contemporaneidade (Rocha-Coutinho, 2003; 2009).

“Casar sim! Eu acho que é uma experiência super válida. Agora, primeiro se forma, tenha trabalho, seu trabalho, sua realização pessoal depois a realização de filhos.” (M5)

A cumplicidade foi eleita por uma das pesquisadas o componente fundamental para um casamento bem sucedido: exatamente aquilo que faltou no dela, conforme seus relatos.

“(...) casamento é muito bom. Mas, o principal no casamento, eu acho que é a cumplicidade que os dois têm, sabia? É tão bonito! Que eu senti que não tive no meu casamento, que ele não soube ter... Cumplicidade de crescer, de começar junto, honestidade um com o outro...” (M2)

Combinar a individualidade com a conjugalidade

Corroborando os achados de Féres-Carneiro (1998), as participantes citaram um dos maiores desafios do casamento contemporâneo: a conservação da própria individualidade e, ao mesmo tempo, o investimento na identidade conjugal; ou seja, a busca pelo equilíbrio do individual e do conjugal ao longo do matrimônio.

“(...) esse dia a dia é muito gostoso e até é uma forma de autoconhecimento importante, quando é que você cede, quando é que você mantém a sua visão... Eu acho que a grande magia é você manter as suas coisas, o teu eu e o conjunto, o coletivo...” (M7)

Outra participante enfatizou que, além do desafio de combinar a individualidade com a conjugalidade, é importante que não se deposite uma alta expectativa em relação ao amor e ao casamento, já que isso pode gerar uma frustração no casal ao se deparar com a realidade da vida a dois.

“(...) você não esperar assim, uma história de conto de fadas, né? Ser cada vez mais realista, mais pé no chão, saber que uma relação a dois é uma coisa difícil mesmo, que existe um espaço que é o espaço da intersecção, onde acontece essa relação. E que você possa preservar as coisas que você acredita da sua ancestralidade e você descartar àquelas que você não quer de fato e reciclar àquelas que você possa ver de outra forma.” (M4)

Além da imaturidade de nunca ter morado só, uma das entrevistadas pontuou o quanto é difícil a convivência de duas pessoas com origens, hábitos e valores distintos.

“Você briga com sua irmã, com sua tia, com seu primo... imagina uma pessoa que você não conhece, nunca viveu com você. Até ter a maturidade da convivência, eu não vivi sozinha, saí de uma casa (com os pais) e fui morar em outra. E ele também nunca morou sozinho, saiu da casa da mãe... então são dois costumes, né?” (M3)

A importância do coabitar

Em todos os depoimentos, percebemos a relevância atribuída à experiência conjugal, mesmo que as mulheres neste estudo tenham se divorciado. A maioria ressaltou o quanto é prazeroso e agradável ter um companheiro, compartilhar momentos bons e ruins, poder crescer junto e etc. Logo, a coabitação foi sugerida como vivência que traz maturidade para a relação, além de ser um bom “treinamento” para uma futura oficialização.

“(...) tentar... por exemplo, no caso do meu filho, eu acho que eles deviam morar junto um tempo. Eu acho que o casamento é importante, a vida a dois é muito importante. É um outro... é um ‘up’, que você dá na relação, você descobre coisas riquíssimas, né. É muito agradável, fazer coisas a dois é muito agradável.”.(M7)

“Então, eu acho que tem que conhecer mais tempo, tem que NAMORAR mais tempo, tem que morar junto, sabe, porque... tem que conhecer muito a pessoa. É muito difícil, porque quando você começa a dividir escova de dente, o cara com dor de barriga, você acordando junto, não sei o que, não sei o que... conta de luz, empregada e tal... Se você não conhece bem a pessoa, você perde... perde o glamour e eu sempre fui uma pessoa assim, eu senti muita falta, depois dos sete primeiros anos do glamour, da fantasia, do romantismo...” (M8)

Assim como Roudinesco (2003), uma entrevistada salientou a importância do casamento e da família no sentido de amparar psicologicamente o sujeito. De tal modo que, ao casar, pertencemos a alguém e, depois de um tempo, pertencemos a uma família. Ambos fornecem uma identidade para o indivíduo ser e existir, o que é muito valorizado atualmente, já que vivemos numa sociedade marcada por um individualismo extremo, conforme vimos anteriormente (Singly, 2007).

“Ela (a filha) tá casada, eu dou a maior força, eu acho que... tem que mais é que fazer tudo que eu fiz (risos)! Assim, em termos de construir, ter uma relação estável, construir família, ter uma história afetiva cúmplice, amorosa... (...) Eu valorizo MUITO, muito, eu acho legal você ter família atrás. Eu acho que nesse mundo louco, o que a gente vive de tanto desamparo, eu acho que a família é um grande esteio... Eu acho que aí entra o casamento como uma interface dessa coisa familiar e como eu te disse, eu tive uma vida assim, vamos dizer (risos), é intensa, mas eu tive uma vida conjugal muito feliz. (...) Sabe, eu fico assim, ‘Ai que BOM!’ Que bom que eu tive. Então, qual o meu conselho? Eu acho bacana, eu acho que tem mais é que ter essa vivência assim, morar junto, casar no papel já é secundário, mas eu digo, morar junto, dividir...” (M9)

Considerações Finais

Esta pesquisa buscou conhecer um pouco mais sobre a perspectiva da mulher de meia-idade que vivenciou o processo de separação de um casamento duradouro. A opção de estudar o tema se deu em função de que casos assim são, cada vez mais, comuns na contemporaneidade, devido a diversos fatores como o aumento da longevidade, a emancipação feminina, a individualização da sociedade, a perda de influência da religião, entre outros. O trabalho vem ainda preencher uma lacuna, uma vez que poucos estudos até o momento se debruçaram sobre o “divórcio grisalho”.

Entrevistamos mulheres que pediram a separação de um casamento com mais de vinte anos; com isso, a pesquisa nos permitiu observar uma mudança de atitude da mulher com o passar do tempo: no início do casamento, a maioria delas se encaixou no perfil da instituição família marcada pela divisão sexual do trabalho; depois de alguns anos, essa estabilidade foi quebrada, as mulheres foram influenciadas pela transformação daquele perfil de instituição do casamento para outro mais igualitário a partir, principalmente, do questionamento - tanto das duas dicotomias típicas da construção de gênero da família conjugal (mundo público e privado), quanto das normas de comportamento afetivo-sexual diferenciadas para homens e mulheres. É interessante lembrar que duas das dez entrevistadas já tinham rompido um pouco com tais preceitos logo no início do casamento. Elas retratam, portanto, o cenário de transição que vivenciamos, a mudança de um padrão institucionalizado de divisão sexual do trabalho, de relações de gênero, de casamento e família desde a metade do século XX até os dias atuais.

Não podemos deixar de frisar que, muito embora a maioria das mulheres fosse responsável pela casa e pelos filhos, muitas já tinham um trabalho remunerado, ou seja, já circulavam pelo universo público. Foi possível também confirmar o que investigações anteriores já haviam revelado: que a procriação acentua as diferenças entre homens e mulheres, retornando assim ao modelo de família tradicional, em que possuem papéis complementares. Quatro das seis mulheres que trabalhavam fora (e com filhos) privilegiaram a função de mãe em

vez de despende mais tempo em suas carreiras, optando por horários flexíveis para se manterem mais presentes no lar. Outras três participantes não exerciam qualquer atividade extradomiciliar remunerada inclusive, em grande parte do período conjugal, no intuito de atender às demandas da casa e dos filhos. No entanto, após o período de maior dependência dos filhos, seis entrevistadas começaram a questionar sua satisfação e autorealização, acabando assim por esbarrar em seu casamento.

Portanto, podemos observar, através das atitudes e escolhas das entrevistadas, que valores modernos, que estimulam a igualdade e autonomia, convivem simultaneamente com práticas mais tradicionais, que perpassam e acompanham a família. Assim sendo, durante a vida dessas mulheres, aspectos tradicionais e modernos se intercalam de acordo com seu momento de vida e circunstância.

Os dados extraídos dos relatos indicaram outras tendências que foram compartilhadas por diversas participantes. Podemos afirmar, de modo geral, que a escolha pela separação se deu em função da vontade de escapar de um casamento que se tornou intolerável e, com isso, possivelmente construir uma nova relação. No entanto, o divórcio traz consigo, na maioria das vezes, o doloroso e lento processo de ter de reinventar a si mesma, ao cabo de um tempo que variou para as participantes em torno de cinco meses até três anos.

Nove das dez entrevistadas sonhavam com o casamento para a vida toda, o que reflete a força de um ideal de casamento pautado na felicidade conjugal e na durabilidade. Por isso diversas tentativas foram realizadas com o objetivo de conservar a relação, até que, em função do cansaço, da desesperança e da insatisfação, as mulheres deste estudo solicitaram o divórcio aos seus companheiros de tantos anos.

O sentimento inicial de fracasso foi presente em três dos dez relatos deste trabalho, com diferentes intensidades. No entanto, elas tinham total clareza de que o peso de tal sensação se dava em função de um ideal muito difícil de vivenciar na prática. A maioria se deparou com a realidade do divórcio quando se viu tendo de enfrentar a vida sozinha, com medo do futuro e/ou do desconhecido.

Observamos que nenhuma das pesquisadas citou apenas um motivo para a separação, mas sim um conjunto de razões que foram desgastando o casamento,

abalando assim a relação de maneira irremediável. Alocamos os motivos para a separação em seis subcategorias principais; são elas em ordem decrescente de frequência: falta de cumplicidade, alcoolismo ou bebida em excesso, descompasso, dificuldades em função do nascimento dos filhos, problemas financeiros e infidelidade. Nossos resultados foram bem semelhantes aos achados de estudos anteriores. A diferença se concentrou apenas nas frequências em que foram citados, chamando-nos a atenção para o fato de como os efeitos da bebida alcoólica podem ser prejudiciais para um casamento - mencionado por seis participantes de um total de dez. É curioso também perceber como algumas mulheres não tinham muito claro para si - pelo menos conforme disseram durante a entrevista - quais tinham sido os fatores que levaram ao rompimento conjugal; lembravam-se de diversas razões conforme iam narrando suas histórias de vida. Podemos supor que, como algumas já tinham se separado há muito anos, talvez elas não se lembrassem muito bem dos diversos motivos do divórcio; outra possibilidade é a de que talvez fosse a vontade mesmo de “virar a página da separação”, sem questionar muito para si o assunto, deixando o tempo, desse modo, “sara” a ferida.

Em grande parte dos relatos foi possível observar o quanto a questão econômica pesou no processo de separação das entrevistadas, considerando que a maioria delas não era o principal provedor financeiro da casa, mesmo que trabalhasse fora. Dessa forma, elas tiveram de se adaptar a um padrão econômico mais baixo, buscar oportunidades de trabalho e, muitas vezes, até começar uma profissão do zero. Muitas se julgaram “guerreiras” e “corajosas” por não terem desistido no meio do percurso, tendo em vista que a maioria teve de lidar com diversos obstáculos. Embora tenha havido e/ou haja dificuldades ao longo do caminho, as participantes acreditam que passaram pelo pior e que agora estão felizes com seu momento presente.

O fato de estarem na meia-idade na época da separação não gerou um receio significativo para as participantes. Isso talvez tenha ocorrido em função das idades variarem de 43 até 52 anos, ou seja, relativamente distantes da faixa etária da velhice. Entretanto, no momento em que levantamos a hipótese da separação acontecer com a idade atual, entre 50 e 65 anos, o discurso de algumas entrevistadas mudou bastante. Podemos pensar que sentimentos de insegurança e

outros relativos à menopausa e à proximidade da velhice colaboraram para essa variação das respostas; sendo assim, esse tema parece ser interessante para estudos posteriores.

Evidenciamos, nesta pesquisa, a maneira pela qual um novo relacionamento afetivo auxiliou oito das dez participantes no enfrentamento das dificuldades no processo de separação - tanto no resgate da autoestima, como na recuperação de aspectos esquecidos de si mesmas. Porém, no período da entrevista, apenas duas vivenciavam uma relação estável, enquanto a maioria se dizia tranquila em estar só. Percebemos então o quanto elas se tornaram mais seletivas em relação à busca de um parceiro, já que suas experiências afetivas passadas possibilitavam uma comparação e escolha do que querem ou não para um novo relacionamento. Outra descoberta importante deste estudo foi a grande aceitação do arranjo LAT, isto é, sete de dez entrevistadas disseram preferir esse modelo à coabitação. Além disso, deparamo-nos com o fato de que as participantes frisaram não ter interesse em namorar alguém muito mais novo do que elas, contradizendo, assim, a mensagem veiculada pela mídia nos tempos atuais.

A psicoterapia também aparece como importante recurso para o enfrentamento das dificuldades do divórcio, mencionada por sete das dez mulheres. Sua importância se deu mesmo antes, como também posteriormente, ao divórcio no intuito, principalmente, de proporcionar um maior autoconhecimento e um fortalecimento de si própria. Além disso, familiares e amigos também foram suportes estratégicos para lidar com as dificuldades da separação.

Podemos concluir que, apesar de todos os percalços presentes no divórcio tardio, as mulheres disseram usufruir de uma sensação de independência e autoconfiança que nunca tiveram antes durante o casamento. Elas se sentiam muito bem pela capacidade de “terem um bom segundo tempo na vida”. Mesmo com diversos obstáculos - dificuldades econômicas, a sensação de solidão, os problemas familiares e afastamento de amigos – todas as entrevistadas acreditaram ter agido corretamente quanto ao pedido de separação, não apenas para si mesmas, mas para o bem-estar do ex-cônjuge e dos filhos. Faz-se necessário enfatizar aqui a força e a valorização pessoal que as pesquisadas

adquiriram depois de passarem pela quase sempre difícil e dolorosa experiência que é o divórcio.

Então a questão é: será que o divórcio invalida todo um investimento afetivo, emocional, familiar presente num casamento? Acreditamos que não, pois apesar dos possíveis desentendimentos e sofrimentos que persistiram em muitas relações, períodos gratificantes e felizes também podem ter existido, por como exemplo, o nascimento de filhos. Além disso, na atualidade, a partir do momento em que casamos, passamos a viver com a possibilidade do divórcio, tendo em vista que a maioria das pessoas não se dispõe a manter um casamento que não lhe proporcione as satisfações esperadas, independentemente da faixa etária dos cônjuges e do tempo de relação. Além disso, uma separação pode ser sadia à medida que as pessoas transformem o amor em outro sentimento como, por exemplo, carinho e amizade, e permaneçam respeitando e reconhecendo o ex-companheiro como parte de sua vida. É importante salientar que não estamos propondo a separação como saída para qualquer conflito ou desentendimento, mas, muitas vezes, é uma opção adequada para relações que se encontram sofridas e infelizes.

Esperamos que este estudo tenha contribuído para a possibilidade de compreender um pouco mais o “começar de novo”, a partir do olhar feminino, numa fase já mais avançada da vida, livre de preconceitos e estigmas. Não tivemos a intenção de julgar o que é melhor ou pior, ou até mesmo de buscar soluções. Nosso propósito foi propiciar a ampliação do debate acerca do tema proposto e oferecer subsídios não só ao profissional de psicologia como também para homens e mulheres que se encontram frente a tais desafios e circunstâncias.

Referências bibliográficas

AARP The Magazine. **The Divorce Experience: A study of divorce at midlife and beyond.** Washington, D.C. 2004. Disponível em: <<http://assets.aarp.org/rgcenter/general/divorce.pdf>> Acesso em: 15 de setembro 2009.

ALVES, J.E.D. **Questões demográficas: fecundidade e gênero.** Escola Nacional de Ciências Estatísticas - Rio de Janeiro, 2004.

ALFORD-COOPER, F. **For keeps: Marriages that last a lifetime.** Armonk, NY: Sharpe, 1998.

AQUILINO, W. Impact of childhood family disruption on young adults' relationships with parents. **Journal of Marriage and the Family**, n. 56, p. 295-313, 1994.

AMATO, P.R. The Consequences of Divorce for Adults and Children. **Journal of Marriage and the Family** n. 62: p. 1269–1287, 2000.

ARAÚJO, M.F. Gênero e família na construção de relações democráticas. In: FÉRES-CARNEIRO (Org.) **Casal e Família: Permanências e Rupturas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

ARAÚJO, C. & SCALON, C. **Gênero, família e trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

_____. **O amor no casamento.** In: ARIÈS, P. e BÉGIN, A. (orgs.) **Sexualidades Ocidentais.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

ATTIAS-DONFUT, C. Sexo e Envelhecimento. In: **Família e Envelhecimento.** PEIXOTO, C. E. (Org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BAIR, D. **Começar de novo: o divórcio na terceira idade.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

BALTES, P.B.; STAUDINGER, U.M.; LINDENBERGER, U. Lifespan psychology: Theory and application to intellectual functioning. **Annual Review of Psychology**, n. 50, p.471-507, 1999.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, Lda, 2009.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo** vols. I e II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 [1949].
- _____. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 [1970].
- BERQUÓ, E. A família no século XXI. **Ciência Hoje**, n. 10, v. 58, 1989.
- BIASOLI-ALVES, Z.M.M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16 n. 3, 2000.
- BOGOLUB, E.B. Divorce in America: An overview. **Helping families through divorce: An eclectic approach**, p. 3-33. New York: Springer, 1995.
- BOOTH, A & AMATO, P.R. Consequences of parental divorce and marital unhappiness for adult well-being. **Social Forces**, n. 69, 1991.
- BRASILEIRO, R.F.; JABLONSKI B.; FÉRES-CARNEIRO, T. Papéis de Gênero e a Transição para a Parentalidade. **Revista Psico**. v. 33, n. 2, 2002.
- CALASANTI, T.M., & SLEVIN, K.F. **Gender, social inequalities, and aging**. Walnut Creek: Altamira Press, 2001.
- CANDIDO, A. Brazilian family. In: SMITH, L.; MARCHANT, A. (Orgs.) **Brazil, portrait of haf a continent**. New York: Dryden, 1951.
- CARPENTER, L.M.; NATHANSON, C.A.; KIM, Y.J. Sex after 40? Gender, ageism, and sexual partnering in midlife. **Journal of Aging Studies**, n. 20, p. 93-106, 2006.
- CHERLIN, A.J. Recent Changes in American Fertility, Marriage and Divorce. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, n. 510: p. 145-154, 1990.
- _____. The Deinstitutionalization of American Marriage. In: **Jornal of Marriage and Family**. n. 66, 2004.
- _____. The Risks Men Take. **The New York Times**: The opinion pages, New York, 4 June 2010.
Disponível em: <<http://roomfordebate.blogs.nytimes.com/2010/06/04/divorce-its-not-always-about-you/#andrew>> Acesso em: 30 de nov. 2010.
- CLARKE, S.C. Advanced report on final divorce statistics, 1989 and 1990. Monthly Vital Statistics Report, n. 9 v. 43, **Nacional Center for Helath Statistics**, 1995.

COELHO, V. & DINIZ, G. Vida de mulher: lidando com a meia-idade e a menopausa. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e Casal**: Arranjos e Demandas Contemporâneas. São Paulo: Loyola, 2003.

COONTZ, S. Divorce and dissolution: recognizing reality. *Family Focus* – NCFR (Catalysing research, theory and practice). p. F3-F5, Winter, 2010.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. In: CORRÊA, M. (Org.) **Colcha de retalhos**: estudos sobre a família no Brasil. 2^a ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 15-42, 1993.

COSTA, G. **O amor e seus labirintos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

COSTA, J.F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CYRINO, R. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. **Sociologias**, n. 11 v. 21, 2009.

DA MATTA, R. **A Casa e a Rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DEGARMO, D.S. & KITSON, G.C. Identity relevance and disruption as predictors of psychological distress for widowed and divorced women. **Jornal of Marriage and Family**, n. 58, 1996.

DE JONG GIERVELD, J. The dilemma of repartnering: Considerations of older men and women entering new intimate relationships in later life. **Ageing International**, v. 27, n. 4, p. 61-78, Fall 2002.

DINIZ NETO, O. & FÉRES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estudos de Psicologia**, v. 22, n. 2, 2005.

DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS. Aids cresce entre pessoas acima de cinquenta anos. **Portal do Ministério da Saúde**. Brasília, 22 nov. 2006. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br/noticia/nbspo-boletim-epidemiologico-2006-divulgado-ontem-pelo-ministerio-da-saude-mostra-crescimento>> Acesso em: 24 abr. 2010.

E-HARMONY LABS. **University of Oxford Press Realease**. Europe, 14 feb. 2011. Disponível em: <<http://www.eharmony.co.uk/labs/one-third-of-us-have-tried-dating-websites-with-middle-aged-suitors-using-them-most-1426/>> Acesso em: jun. 2011.

ÉPOCA ON-LINE. A arte de envelhecer. Rio de Janeiro, 28 abr. 2008. **Época**: Seção Saúde & bem estar.

Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI61698-15257-3,00-A+ARTE+DE+ENVELHECER.html>> Acesso em: 10 abr. 2010.

ÉPOCA. **Como salvar seu casamento**, v. 622. Rio de Janeiro: Editora Globo, Publicação: 19 de Abril de 2010.

ERIKSON, E.H. & ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casais em terapia: um estudo sobre a manutenção e a ruptura do casamento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 44, n. 2, 1995.

_____. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.10, n.2, 1997.

_____. Casamento Contemporâneo: o difícil convívio entre a individualidade e a conjugalidade. **Psicologia: reflexão e crítica**, n. 11, v. 2, 1998.

_____. Casamento Contemporâneo: Construção da Identidade Conjugal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e Família: Entre a Tradição e a Transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 2001

_____. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Temas em Psicologia**, Natal: UFRN, 2003.

_____. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos na atualidade. In: FÉRES-CARNEIRO (Org.) **Casal e Família: Permanências e Rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

FESTINGER, L.A. **Theory of Cognitive Dissonance**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1957.

FIGUEIRA, S.A. O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira – notas sobre a dimensão do invisível na mudança social. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). **Uma nova família?** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971 [1963].

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOLDENBERG, M. & TOSCANO, M. **A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

GOLDENBERG, M. De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **Por que homens e mulheres traem?** Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

GRAY, C. & SHIELDS, J.J. The development of an instrument to measure the psychological response to separation and divorce. **Journal of Divorce and Remarriage**, n. 17, p. 43-56, 1992.

HAMMOND, R.J. & MULLER, G.O. The late-life divorce: another look. **Journal of Divorce and Remarriage**, 17, 1992.

HENRIQUES, C.R., JABLONSKI, B. & FÉRES-CARNEIRO, T. (2004). A “geração canguru”: Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. **Psico**, v. 35, n. 2, p. 195-205.

HOFFMAN, S.D. & DUNCAN, R.W. What are the economic consequences of divorce? **Demography**, v. 25, 1988.

IBGE. **Censo demográfico de 2000**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/pop_Censo2000.pdf> Acesso em 23 Mar. 2010

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007 (PNAD)**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1278&id_pagina=1> Acesso em: 07 set. 2010.

IBGE. **Estatísticas do Registro Civil 2009**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1753> Acesso em 20 Mar. 2010

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais (SIS), 2010**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717&id_pagina=1 Acesso em: 15 nov. 2010.

IKEDA, A.A.; CAMPOMAR, M.C.; PEREIRA, B. O uso de coortes em segmentação de marketing. O&S. **Organizações & Sociedade**. v. 15, n. 44, p. 25-43, 2008.

JABLONSKI, B. Aferição de Atitudes de Jovens Solteiros(as) Frente à Crise do Casamento: uma Réplia. **Cadernos de Psicologia**, Série Social e Institucional, IP/UERJ, n. 5, 1996.

_____. **A crise do casamento contemporâneo**: Um estudo psicossocial. Rio da Janeiro: Agir, 1998.

_____. Afinal o que quer um casal? In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e Casal**: Arranjos e Demandas Contemporâneas. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflituosa divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e Casa**: Saúde, Trabalho e Modo e Vinculação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

_____. Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento: duas décadas de estudo. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casal e Família**: Permanências e Rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

JACQUES, E. Death and the midlife crisis. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 46, p. 502-514, 1965

KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A.M.S. **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KARNAL, L. A Utopia da melhor idade. **Café Filosófico CPFL**. São Paulo, 15 set. 2009. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/12/01/integra-a-utopia-da-melhor-idade/> Acesso em: 10 abr. de 2011.

KHEL, M.R. Em defesa da família tentacular. In: PEREIRA, R (Org.) **Direito de família e psicanálise**: rumo a uma nova epistemologia. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

KINGSTON, A. 2007. The 27-Year Itch! Canadá, 29 jan. 2007. **MACLEANS.CA**. Disponível em: http://www.macleans.ca/article.jsp?content=20070129_140063_140063 Acesso em: 15 set. 2010.

LACHMAN, M.E. Development in midlife. **Annual Review of Psychology**, v. 55, p. 305-331, 2004.

LACHMAN, M.E. & BERTRAND, R.M. Personality and the self in midlife. In:

LACHMAN, M.E. (Org.) **Handbook of Midlife Development**. New York: Wile, 2001.

LEVINE, R. **The power of persuasion**. N.J.: Wiley, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. **A Família, Origem e Evolução**. Porto Alegre: Editorial Villa Marta, 1980.

LINS DE BARROS, M.M. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”. In: LINS DE BARROS, M.M. (Org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política. 3ª edição. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

_____. Velhice na contemporaneidade. In: **Família e Envelhecimento**. PEIXOTO, C.E. (Org.), Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. “Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas”. In: LINS DE BARROS, M.M. (Org.), **Família e Gerações**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MAGALHÃES, A.S. **Individualismo e conjugalidade**: Um estudo sobre o casamento contemporâneo. Dissertação de mestrado – Departamento de Psicologia, PUC-Rio, 1993.

_____. Conjugalidade e parentalidade na clínica com famílias. In: FÉRES-CARNEIRO (Org.) **Casal e Família**: Permanências e Rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MALDONADO, M.T. **Casamento**: término e reconstrução. Petrópolis: Vozes, 1986

MARGIS, R. & CORDIOLI, A.V. Idade Adulta: Meia Idade. In: EIZIRIK, C.L.;

MCGOLDRICK, M. A União das Famílias Através do Casamento: O Novo Casal. In: MCGOLDRICK, M.; CARTER, B. (Org.) **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MINTZ, S e KELLOGG, S. Os Anos Dourados – A família na década de 50. In: **Domestic Revolutions**, New York: Free Press, 1988.

MORI, M.E. & COELHO, V.L.D. Mulheres de Corpo e Alma: Aspectos Biopsicossociais da Meia-Idade Feminina. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 17, n. 2, 2004.

MOTTA, E. Envelhecimento social. **A Terceira Idade**. São Paulo: SESC, v. 2, n. 2. Out. 1989.

NASRI, F. O envelhecimento populacional no Brasil. **Revista Einstein**, v. 6, supl. 1, 2008.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Mal-estar na Família: Descontinuidade e Conflito entre Sistemas Simbólicos? In: FIGUEIRA, S. A. (Org.) **Cultura da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PALMA, L.T.S. & SCHONS, C.R. (Org.). **Conversando com Nara Costa Rodrigues**: sobre gerontologia social. 2ª Edição. Passo Fundo: UPF, 2000.

PAPALÉO NETTO, M. **Tratado de Gerontologia**. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Atheneu, 2006.

PEIXOTO, C.E. Processos diferenciais de envelhecimento. In: **Família e Envelhecimento**. PEIXOTO, C. E. (Org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PETIT, E. & BLOOM, B. Whose decision was it? The effects of initiator status on adjustment to marital disruption. **Journal of marriage and the family**, n. 46, p. 587-595, 1984.

PORCHAT, I. Pensando a dor da separação conjugal. In: PORCHAT, I. (Org.) **Amor, Casamento, Separação: a Falência de um Mito**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

PY, L. & SCHARFSTEIN, E.A. Caminhos da maturidade: representações do corpo, vivência dos afetos e consciência da finitude. In: Neri, A.L. (Org.) **Maturidade e Velhice: trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas/Sp: Papirus, 2001.

PYKE, K.D. Women's employment as gift or burden? Marital power across marriage, divorce and remarriage. **Gender & Society**, v. 8, n. 1, p. 73-91, 1994.

RETIREMENT JOBS ONLINE. **Merrill Lynch Retirement Survey**. New York, 22 feb. 2005. Disponível em: <<http://www.retirement-jobs-online.com/retirement-survey.html>> Acesso em: 12 out. 2010

RICE, J.K. Reconsidering research on divorce, family life cycle, and the meaning of family. **Psychology of Women Quarterly**, n. 18, p. 559-584, 1994.

ROCHA-COUTINHO, M.L. Quando o executivo é uma “dama”: a mulher, a carreira e as relações familiares. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e Casal: Arranjos e Demandas Contemporâneas**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? **Psicologia Clínica**, vol. 15, n. 2, 2005.

_____. De volta ao lar: mulheres que se afastaram de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos. Retrocesso ou um “novo” modelo de família? In: FÉRES-CARNEIRO (Org.) **Casal e Família: Permanências e Rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

RODINESCO, E. Desordem na família. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro: Editora Globo. Publicação: 23 de março de 2003.

SAMARA, E.M. **A Família Brasileira**. 4ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SAKRAIDA, T.J. Divorce Transition Differences of Midlife Women. **Issues in Mental Health Nursing**, v. 26, n. 2, p. 225-249, 2005.

SAYER, L.C. Gender, time and inequality: Trends in women's and men's paid work, unpaid work and free time. **Social Forces**, v. 84, 2005.

SCOTT, J.P. Family relationships of midlife and older women. In: COYLE, J. M. (Org.) **Handbook on women and aging**. Westport, CT: Greenwood, 1997.

SHAPIRO, A. Later-life divorce and parent-adult child contact and proximity. **Journal of Family Issues**, n. 24, p. 264–285, 2003.

SILVERSTEIN, M.; GIARRUSSO, R. Aging and Family Life: A Decade Review. **Journal of Marriage and Family**, V.72, N.5, 2010.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SOUSA J.L. Sexualidade na Terceira Idade: uma discussão da aids, envelhecimento e medicamentos para disfunção erétil. **DST – Jornal brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 20, n. 1, 2008.

SOCCI, V. Atitudes em relação ao sexo, amor e casamento: raízes históricas. In: **Elaboração e Validação de uma Escala de Atitude em Relação ao Sexo**. Tese de Doutorado; São Paulo: USP, 1983.

STEPANSKY, D. A revolução das imagens da velhice na mídia. In: NEGREIROS, T.C. (Org.) **A nova velhice: uma visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2007.

STERN PECK, J. & MANOCHERIAN, J.R. O Divórcio nas Mudanças do Ciclo de Vida Familiar. In: MCGOLDRICK, M.; CARTER, B. (Org.) **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

STROHM, C.H.; SELTZER J.; COCHRAN S.; MAYS, V. “Living Apart Together” relationships in the United States. **Demographic Research**, v. 21, n. 7, p. 177-214, 2009.

SWISSINFO, C.H. **Suíça é vice-líder em divórcios na Europa**. Publicação: 2 jul. 2009. Disponível em: <http://www.swissinfo.ch/por/capa/Suica_e_vice_lider_em_divorcios_na_Europa.html?siteSect=108&sid=10897882&cKey=1246543240000&ty=st> Acesso em: 5 de nov. 2010.

THE NEW YORK TIMES de 4 de junho 2010. **Divorce: It's Not Always About You**. Nova York. Disponível em: <<http://roomfordebate.blogs.nytimes.com/2010/06/04/divorce-its-not-always-about-you/>> Acesso em: 30 nov. de 2010.

UHLENBERG, P.; COONEY, T.; BOYD, R. Divorce for woman after midlife. **Journal of Gerontology**, n. 45, 1990.

U.S. BUREAU OF THE CENSUS. **Selected characteristics of Baby Boomers 42 to 60 years old in 2006.** Disponível em: <<http://www.census.gov/population/www/socdemo/age/general-age.html>> Acesso em: 05 set. 2010.

VAUGHAN, D. **A separação: momentos decisivos da vida em comum.** São Paulo: Paz e Terra, 1991.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VANLANINGHAM, J.; JOHSON, D.R.; AMATO, P. Marital happiness, marital duration, and the U-shaped curve: Evidence from a five-wave panel study. **Social Forces**, n. 78, 2001.

VEJA ON-LINE. **A vida começa aos 60.** *Rio de Janeiro*, 26 de Nov. 2003. Edição 1830. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/261103/p_060.html> Acesso em: 30 nov. 2010.

VEJA ON-LINE. **A Melhor Idade.** Rio de Janeiro, 31 de agosto 2005. Edição Especial. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/melhor_idade_2005/p_018.html> Acesso em: 30 nov. 2010.

VEYNE, P. O império romano. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (Org.) **História da vida privada: do império romano ao ano mil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

WAGNER, A. & LEVANDOWSKI, D.C. Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. **Revista Textos & Contexto**, v. 7 n.1, Porto Alegre: 2008

WATSON, W.K.; BELL, N.J.; STELLE, C. Women narrate later-life remarriage: negotiating the cultural to create the personal. **Journal of Aging Studies**, n. 24, p. 302-312, 2010.

WETHINGTON, E.; KESSLER, R.; PIXLEY, J. Turning points in adulthood. In: BRIM, O.; RYFF, C.; KESSLER, R. (Eds). **How healthy are we? A national study of well-being at midlife.** Chicago: University of Chicago Press, 2004.

WINTERICH, J. A. Sex, menopause, and culture: sexual orientation and the meaning of menopause for women's sex lives. **Gender and Society**, n. 17, p. 627-642, 2003.

WU, Z. & SCHIMMELE, C.M. Uncoupling in late life. **Generations**, n. 31, p. 41-46, 2007.

ZIMERMAN, G.I. **Velhice: aspectos biopsicossociais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000

Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Título da pesquisa: Divórcio Grisalho: pesquisando atitudes e expectativas de mulheres separadas após longas uniões.

Orientador: Terezinha Féres-Carneiro / email: teferca@puc-rio.br

Este projeto tem como objetivo maior conhecer e compreender os fatores psicológicos, especificamente por parte da mulher, implicados no processo de separação, após longas uniões. Investigar como é para essas mulheres passar por uma transição depois de tanto tempo de convívio com a mesma pessoa e procurar entender a maneira pela qual essas pessoas vêem o divórcio.

A pesquisa é realizada a partir de entrevistas gravadas e, posteriormente, transcritas, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial, portanto sua identidade que será mantida em sigilo, não o identificando em qualquer publicação posterior.

Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento.

Assinando este formulário de consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista.

Eu, _____,
fui informado (a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, o que indica meu consentimento para participar desta pesquisa, até que eu decida o contrário.

Assinatura do Entrevistado

Rio de Janeiro, ____/____/____

Anexo II: Ficha bibliográfica

1) Idade:

2) Escolaridade:

3) Profissão ou Ocupação (atual e na época de casada):

4) Mora com quem:

5) Desde quando você está separado(a)?

6) Por quanto tempo esteve casado?

7) Tiveram filhos? Caso sim, qual a idade deles?

Anexo III: Roteiro das entrevistas

- Avaliação sobre os anos de casada;
- Decisão da separação;
- Motivos da separação;
- Percepção acerca da separação;
- Desafios e formas de enfrentamento na separação;
- Impacto da idade no processo de separação;
- Reação ao redor;
- Avaliação do momento atual;
- Desejos e expectativas em relação à vida afetiva e sexual para o momento presente;
- Conselhos para a filha em relação ao casamento.